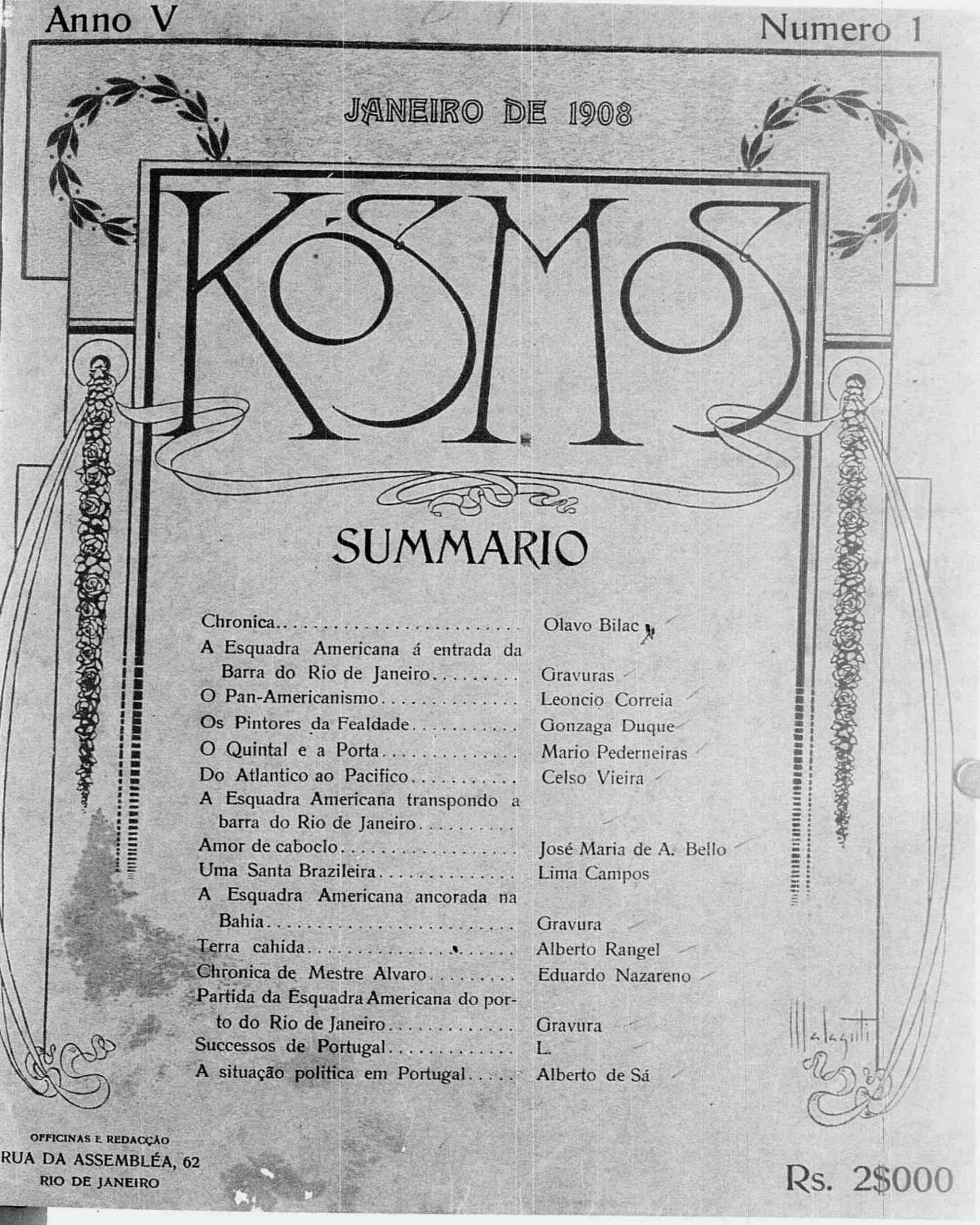


JANEIRO DE 1908



KOSMOS

SUMMARIO

Chronica.....	Olavo Bilac ✓
A Esquadra Americana á entrada da Barra do Rio de Janeiro.....	Gravuras ✓
O Pan-Americanismo.....	Leoncio Correia ✓
Os Pintores da Fealdade.....	Gonzaga Duque ✓
O Quintal e a Porta.....	Mario Pederneiras ✓
Do Atlantico ao Pacifico.....	Celso Vieira ✓
A Esquadra Americana transpondo a barra do Rio de Janeiro.....	
Amor de caboclo.....	José Maria de A. Bello ✓
Uma Santa Brasileira.....	Lima Campos
A Esquadra Americana ancorada na Bahia.....	Gravura ✓
Terra cahida.....	Alberto Rangel ✓
Chronica de Mestre Alvaro.....	Eduardo Nazareno ✓
Partida da Esquadra Americana do porto do Rio de Janeiro.....	Gravura ✓
Successos de Portugal.....	L. ✓
A situação politica em Portugal.....	Alberto de Sá ✓

A EQUITATIVA

DOS

Estados Unidos do Brazil

Sociedade de Seguros Mutuos
Sobre a Vida

Auctorizada a funcionar pelo decreto
n. 2245 de Março de 1896.



SEGUROS DE VIDA
TERRESTRES E MARITIMOS



Negocios Realizados:

Rs. 200.000:000\$000

Sinistros pagos:

Rs. 5.000:000\$000

Fundos de Garantias e Reservas:

Rs. 8.000:000\$000

Apolices com Sorteio Semestral
EM DINHEIRO

Ultima palavra em Seguros de Vida

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA
♣ ♣ ♣ EQUITATIVA ♣ ♣ ♣

Os sorteios tem lugar em 15 de Abril
e 15 de Outubro de todos os annos.



Agencia em todos os Estados
da União e na Europa

PEDIR PROSPECTOS

EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE

RIO DE JANEIRO

125, AVENIDA CENTRAL, 125



L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Urugayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica
Retratos em côres (Monocromos)
de bellissimo effeito e inalteraveis.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 9, presididas
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000\$000 em apolices federaes

Extracções ás 2^{1/2} e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria
da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

Grande e extraordinaria Loteria Federal

SABBADO, 8 DO CORRENTE

171-3.

Por 15\$800

200:000\$000

Por 15\$800

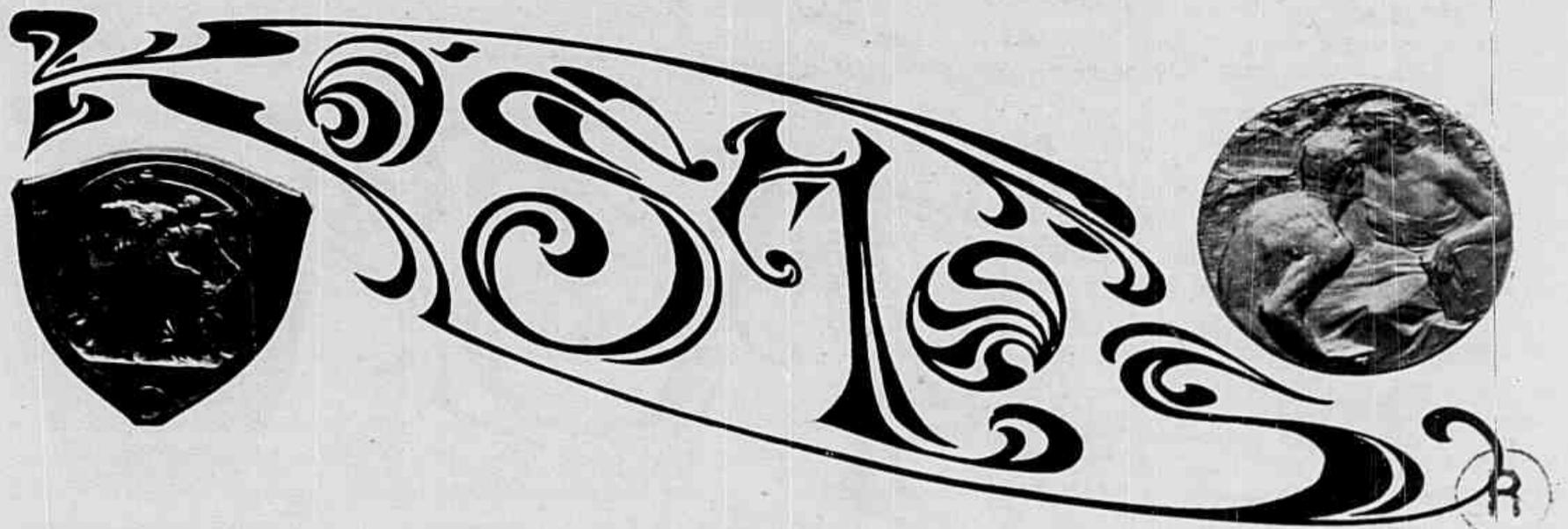
CAIXA POSTAL N. 41

38 — Rua Primeiro de Março — 38

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C.

Rua Nova do Ouvidor, 10



REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL

INTERIOR. . . . 20\$000 EXTERIOR. . . . 25\$000
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas

RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO V

JANEIRO 1908

N. 1

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CRONICA

OMEZ de janeiro de 1908 ficará famoso nesta boa cidade. Delle se ha-de fallar, em futuro remoto, como hoje se falla do janeiro de 1865, em que houve uma espantosa chuva de pedras e do março de 1873, em que houve uma horrivel epidemia de febre amarella. Sómente, a recordação de janeiro de 1908 provocará sorrisos e jubilo, em vez de provocar susto e lagrimas.

Quando fôrmos velhos, muito velhos, havemos de dizer aos nossos netos e bisnetos: "Ah! meninos! vocês não podem fazer ideia das estrepolias e dos pagodes que houve em janeiro de 1908. . . . A gente tinha a sensação de estar vivendo com a cabeça para baixo e os pés para cima. A cidade tinha o aspecto de uma kermesse hollandeza do tempo de Teniers e de Rubens. Em tres homens, que se encontravam nas ruas, dois estavam bebedos. E pela Avenida Central

(que era a unica Avenida que possuamos naquelle tempo) corriam dois fartos e tumultuosos rios acachoeirados: um rio de wisky e um rio de dollars! . . ."

Tal será a memoria, que, nos fastos da vida carioca, ficará deste mez de janeiro, em que a cidade recebeu a visita da esquadra americana do almirante Evans. A chegada desses quinze mil homens, despejados repentinamente no Rio de Janeiro, foi como uma onda de sangue estranho e febricitante injectada no organismo Urbano. Quarenta dias de continencia e temperança, haviam armazenado dentro do corpo de cada um desses marujos uma verdadeira tempestade de appetites e cobiças. Quarenta dias, na reclusão de bordo! — toda uma quaresma de disciplina . . . Quando, ao cabo dessa abstinencia longa, os marinheiros se viram ás soltas, no Rio, — foi como se para todos elles houvesse rompido uma frenetica e formidavel alleluia; e começou a devastação geral dos diversos mercados da cidade; mercados de viveres, mercados de bebidas, e mercados de . . . prazer.

A cidade, porém, esta boa cidade hospitaleira não se queixou dessa barulhenta e tumultuosa

invasão de homens louros e vermelhos, dotados de uma fome insaciável e sede de areal, e assaltando com um impeto de conquistadores todos os logares dos hotéis, das cervejarias, dos cafés, dos bondes e dos trens. A cidade, que é ajuizada e sabe quanto vale o dinheiro, sorria, assistindo a tal assalto. Sorria, de contentamento, porque estava em mente calculando a somma espantosa de dollars que aqui ficaria, depois da partida do exercito invasor.

Amáveis Atilas, esses! Do famoso Atila antigo, disseram os chronistas da Roma da Decadencia que, no terreno que os seus pés calcavam, nunca mais crescia a relva: era a Destruição feita homem, era a Devastação com pernas e braços! Mas os Atilas que, no mez de janeiro, invadiram o Rio, deixavam cahir das algibeiras, sobre o sólo urbano, bastas provisões de moedas de ouro... E só o que commercio da cidade sentiu foi que a occupação não durasse mais tempo.

Mas o lucro que nos deram os marinheiros yankees não foi sómente material: foi tambem, e principalmente, moral.

Duas cousas ficou o mundo sabendo, ambas de capital importancia para a nossa civilização; uma affirmativa, e outra negativa, ambas levantando o nosso credito: temos policiamento, e não temos febre amarella.

Não sei qual dessas duas consoladoras e desvanecedoras certezas mais deve orgulhar a capital do Brasil. Durante mais de cincoenta annos, tivemos a febre amarella, — posse que de bom grado dispensariamos, — e não tivemos policiamento, — cousa que em altos brados pediamos.

A nossa policia sempre foi uma calamidade: era fraca, quando tinha o dever de ser energica, e era violenta, quando lhe cumpria ser branda.

Chamada a assegurar a ordem, promovia a desordem; quando devia prevenir, fugia; quando linha de apasiguar, irritava; quando precisava castigar, apanhava. Os nossos "urbanos" ficaram sendo os typos modelares da indisciplina, da bravata, do medo, da insolencia e da violencia. Parece a principio que ha nisso alguma contradicção; mas não ha, — porque, em geral, os homens mais violentos e insolentes são os mais medrosos...

Se ainda tivéssemos agora o antigo policiamento, que tanto nos envergonhava, esta cidade, durante a permanencia da esquadra americana, teria sido o scenario de tragi-comedias ao mesmo tempo sinistras e ridiculas: entre os dois rios de wysky e de dollars, teria talvez corrido pela Avenida Central um outro rio, — de sangue e escandalo. Mas a policia foi de uma correcção admiravel. E, no meio do espantoso excesso de moafas que a cidade presenciou, não houve um só incidente desagradavel.

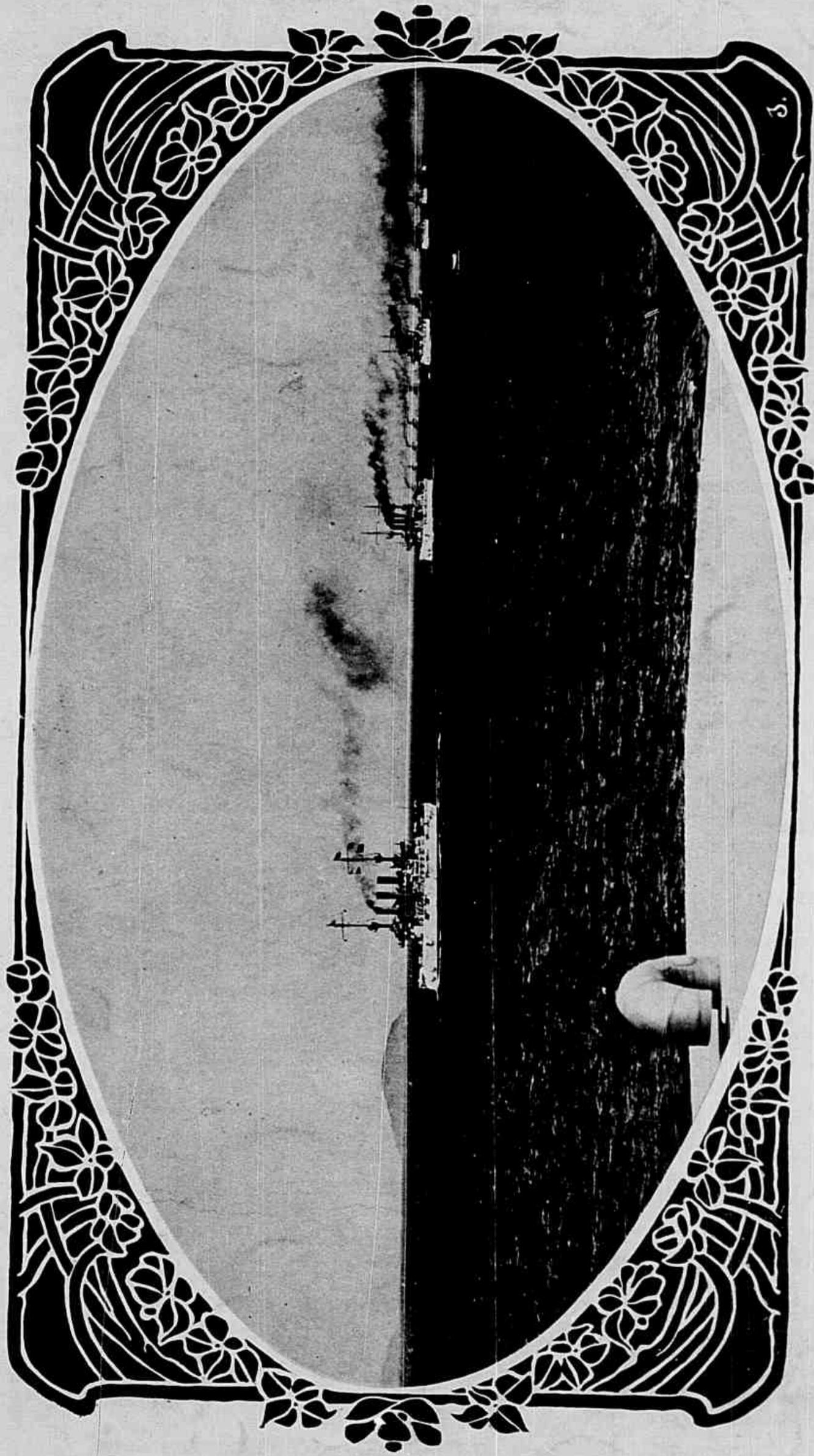
E que dizer da ausencia da febre amarella?

Quinze mil homens, comendo como Gargantuas e bebendo como Pantagruéis, entregavam-se aqui a inconcebiveis delirios gastronomicos, — e nenhum delles enfermou da perfida febre, que nos avillava e empobrecia...

Oswaldo Cruz está a chegar. E' a elle que devemos este beneficio, que nunca lhe poderá ser pago na justa medida. Preparemo-nos para recebê-lo como elle deve ser recebido: da excellencia dos seus serviços, acabámos de lirar agora a prova real, — e é preciso que lhe mostremos, applaudindo-o e amando-o, toda a nossa gratidão.

O. B.





A ESQUADRA AMERICANA Á ENTRADA DA BARRA DO RIO DE JANEIRO

O Pan-Americanismo



A ⁹ HORA em que são traçadas estas linhas, enfileiram-se na nossa estupenda bahia as formidaveis e possantes unidades com que os Estados Unidos da America do Norte passeiam, em plena paz, o seu incontrastavel poder naval por varias partes do mundo. O pavilhão desse povo excepcional, estrellado como o firmamento, é como o horóscopo dos seus proprios destinos.

Certo não ha, contemplando essa esquadra — a mais numerosa e a mais notavel de quantas têm sulcado aguas brasileiras — coração que se não dilate e se não sinta acalentado desta fé que vai enchendo a alma americana, e desta esperança que anda por cima das patrias, alliando os povos do continente sob o pensamento da unidade moral e dos destinos do Novo Mundo. Ha qualquer coisa, nesie momento, que lembra a magestade dos grandes dias da historia.

Máo grado, entretanto, a nossa marcha ascencional no concerto da civilização moderna, queremos suppor que não é igual a confiança no futuro da America, nem unanime o entusiasmo pelo papel que nos vai caber no grande drama do mundo. Queremos, mesmo, crer na existencia de cégos que não veem a claridade de uma aurora nova na politica universal ou a côr do dia que surge nos horisontes que se abrem. O que, porém, apezar de tudo, de todas as divergencias, de toda a diversidade de pensar e da sentir em relação aos grandes temas que se vão creando para as nações deste hemispherio, pode-se desassombradamente proclamar — porque é verdade indiscutivel — é que se acha instituida a causa americana.

Queira ou não queira o Velho Mundo — a America tem lançado o seu destino. Pela situação excepcional em que a puzeram as proprias condições geographicas, intercalando-a entre a Asia meditativa e veneravel e a Europa cheia de vertigens, como si a animasse, em toda a vasta trajectoria de sua vida historica, o espirito de amor e de resurreição que se ergueu lá daquelle tumulto sagrado da Jerusalm rediviva; pelos antecedentes da sua existencia; pelo modo porque surgiu das profundezas dos tempos para o grande espectáculo e para a tragedia immensa destes quatro seculos em que se fez para aqui a trasladação das velhas culturas, que resumiam e consubstanciavam cinco mil annos de historia — esta nossa formosa America veiu iniciar e veiu proclamar aos quatro ventos do quadrante uma era nova para a vida do planeta.

Bem sabemos que a Europa representa ainda tudo o que tem de mais bello e mais refulgente o espirito da civilização occidental. E sabemos, tambem, que toda a luz que se projecta daquelle alma de mundo não ganhou ainda intensidade para fundir numa unica visão as tendencias e os impulsos daquellas raças heroicas, que têm direito ao nosso culto, mas com as quaes é preciso que enfrente, augusta e decisiva, a nova consciencia humana, que nós outros representamos. E' perfeita, neste ponto, nosso accordo com esse bello espirito de Arthur Orlando, que proclama, em seu interessante livro — o *Pan-Americanismo* — com inteira e absoluta confiança, a causa da America perante o mundo.

Diz logicamente o erudito compatricio: esta causa veiu tendo a sua causa formal desde Bolivar, no momento em que este bem formado e generoso coração, concretizando o pensamento americano, instituiu o vasto ideal, que deveria, alliar, em tempo, todo o hemispherio. Por honra nossa, não podemos nem devemos calar o engano em que, como Arthur Orlando, tantos outros altos espiritos hão cahido, no ponto em que affirma que, ao reclamo e ao protesto de Bolivar só tres republicas da America do Sul corresponderam, como si a patria dos nossos pais se deixasse ficar em egoistico criminoso, inexplicavel afastamento da alma gloriosa que surgia. Felizmente não é exacto que o Brasil fosse excluido daquelle concerto, com que sonhára o immortal fundador de cinco das nacionalidades, que constellam hoje o firmamento americano.

Nem era de suppor que o espirito daquelle soldado heroico, o maior vulto da epocha da independencia Sul-americana, se deixasse cegar de paixões pouco legitimas, quando levantou tão alto o principio de que iam viver aqui os povos que se emancipavam. Quem tratava da soberana justiça entre as nações; quem fazia da liberdade, da grandeza continental a obra suprema da mais edificante das vidas que foram aqui illustradas no culto da civilização futura — é claro que não poderia andar vendo questiunculas de fórmula de governo onde só havia a superior e magestosa fórmula da nova ordem social, que no Novo Mundo se instituia. O Brasil, como todas as outras nações americanas, foi solicitado para dar o seu concurso áquelle obra, mesmo porque o povo brasileiro, tão americano como os seus co-irmãos, não era, naquelle instante, apenas o seu governo. E, si nós outros, não estivemos em Panamá, nem em Tucubaya, nem, mais tarde, em Lima, é porque o governo do Brasil entendeu que a nossa presença por ali dependia de condições que habilitassem o nosso representante a entrar nesse conclave politico com uma perfeita con-



sciencia da obra que se pretendia levar avante. Isto nos desvanece — esta certeza de o Brasil não esteve separado do continente desde o momento em que se creou e se consubstanciou o papel da America perante a Europa.

Esse papel está hoje perfeitamente determinado pelas proprias condições historicas, que crearam a actual situação economica do mundo.

O mesmo auctor do *Pan-Americanismo* assignalou que aos Estados Unidos é que «coube interpretar o extraordinario papel do Pacifico no grande drama da civilização.» E', realmente, para as duas vertentes daquelle oceano que se vai deslocar o eixo economico do mundo.

O exalçamento do Japão lá no extremo Oriente, póde-se dizer, veiu difinir, de uma vez, a nova ordem que se vai fazer no planeta. Assumindo a voz de commando á frente, não diremos da raça amarella, para não fazer uma questão de raças daquillo que tem de constituir uma questão humana, mas á frente de uma civilização e de uma cultura radicalmente diversas da cultura e da civilização do Occidente; assumindo a voz de commando, o povo nippão, hoje numa larga preeminencia e tendo o immenso e radiante prestigio da gloria militar, toma francamente, heroicamente a direcção dos povos da Asia Oriental — a unica força que lhes faltava até agora para entrarem, formidaveis, na vasta e tremenda competição universal, que se inaugura no mundo. Podemos ter como certo — e para ver isto é bastante ter olhos — que o norte do Pacifico vai ser, dentro em pouco, o vasto theatro da actividade universal, e que para ali se desloca, inevitavelmente, o eixo, tanto da supremacia militar, como do poder economico do planeta.

E, si ha uma força, que possa amanhã servir de contrapeso ao ascendente poderio e grandeza do Japão — é, sem duvida, a força que a America representa. A' magestade com que surge no horisonte do mundo a estrella do admiravel Imperio do Sol-nascente, só a gloriosa America, a Terra da mediação, na phrase de Edgar Quinet, é capaz de oppor um brilho comparavel. Mas, do Novo Mundo, a grande União no Norte é, por emquanto, a nação mais poderosa e mais prospera, e, por isso mesmo, a mais capaz de contrastar com o Japão, e, pelo menos, de dividir com a Asia Oriental as vantagens da nova situação economica. E' esta a soberana causa que se impõe aos povos americanos: não entregar ao Imperio da Azia a direcção da economia universal, cujo centro passa para o nosso hemispherio. E' comprehendendo assim, do alto, a missão da America, que é preciso proclamar a alliança geral dos americanos, sem distincção de raças ou nacionalidades. E, para nós outros, latinos, confessemos que a adhesão sincera e entusiastica

a esta causa chega a ser uma simples questão de bom senso politico e de uma intelligencia muito nitida dos nossos destinos.

Ninguém poderia negar que, só por si, os Estados Unidos estão no caso de exercer, diante do Japão e do resurgimento geral, que elle começa a presidir no extremo da Asia, o destacado papel que a sua riqueza, a competencia dos seus homens, o valor da sua esquadra e dos seus exercitos, o espirito das suas instituições, a solidez do seu governo — lhes vieram preparando, desde Washington até Roosevelt. Hoje, a União Americana constitue no mundo uma força incontrastavel. E essa força — phenomeno novo e estranho na historia — não a deve o extraordinario povo apenas á indefectivel acção com que tem correspondido ás munificencias de uma natureza prodigiosa: deve-a, mais do que a todas as maravilhas de uma civilização industrial sem exemplo, até agora, no mundo — deve-a a essa veneravel, sagrada consciencia com que se ergue de fronte altiva e serena diante dos maiores povos, entre os que estão governando a terra. Dia-se-ia que esses homens são filhos de uma unica e excelente raça espiritual, raça em cuja alma ha, antes de tudo, o empenho de levar sempre intangivel a tradição da justiça, dos principios liberaes, do amor da liberdade.

Uma vez que só o povo dos Estados Unidos do Norte seria capaz de dirigir, de sustentar de defender a causa americana (principalmente depois que, pelo canal de Panamá, tornar-se elle senhor dos dois oceanos,) — não é licito perguntar: não será exacto, então, que procurando associar para a vasta missão que compete á America, todos os povos do continente, não será exacto, que ainda neste empenho, dão provas os Estados Unidos de que têm a mais elevada comprehensão do papel que tomam a si? E que nos cumpriria, portanto, á nós povos das duas Americas, sinão o accordo mais perfeito, a mais entusiastica adhesão á obra que é de todos, porque aproveita a todo o hemispherio?

Não é de agora, porém, que comprehendemos como os nossos destinos de povo não se pódem separar da communhão continental, fortalecido e vivificado pelo gigante do Norte. Vinha a pello, caso a latitude deste trabalho conportasse, um retrospecto dos sentimentos geraes com que os brasileiros, desde os tempos coloniaes se affeioaram aos norte-americanos; e, sobretudo, dos impulsos que sempre nos impelliam para esta bella alliança moral, que o espirito superior e a alma americana de Elihu Root andou a fazer das duas Americas. Mas um facto ha que, por significativo, precisa de ser revivido: o projecto ou a indicação, apresentado á nossa Assembléa Geral, logo depois

da abdicação; projecto que foi denominado — *a idéa dos França*, por ter sido patrocinado pelos tres Ferreira França, Cornelio, Antonio e Ernesto, e que dava, naquelle momento difficil da regencia, um testemunho sério, indiscutivel, da nossa alma de povo em relação á Norte-America. Para dar uma idéa desse projecto dos França, basta recordar que por elle se autorisava o poder executivo a celebrar mais do que um simples tratado de alliança — uma verdadeira causa commum, propriamente uma quasi incorporação dos dois povos — tão poderosa e irresistivel era a corrente de sympathia que se tinha creado e desenvolvido entre brasileiros e norte-americanos. E, talvez a isso — ao facto de ser excessivo e fóra das normas internacionaes o que se pretendia — deixou de ser viavel aquella proposição.

Daquelles tempos até hoje, um instante siquer esmoreceram os sentimentos reciprocos que alliam a nação brasileira e a patria de Washington.

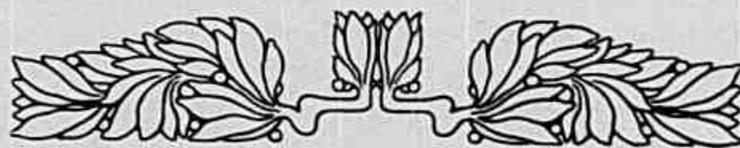
Chegamos ao momento de não disfarçar a intensa e viva alegria com que vemos o Brasil definitivamente identificado no mesmo ideal, no amor da justiça, no respeito da liberdade — em summa — no sentimento, profundo e indestructivel, da causa continental. Nem é necessaria mais: ahi está, esplendente como o sol meridiano, a alma deste povo aberta para a éra que sa installa. A Conferencia Pan-Americana, a excursão de Elihu Root, e esta visita da poderosa esquadra são, afóra significação de outra ordem, e foram, um ensejo propicio para que se aferissem os nossos sentimentos e se tivessem, irrecusaveis, as provas mais solennes de que hoje é *uno* o ideal da America, e de que, quanto á nós, brasileiros, esse ideal está radicado no espirito e no coração de todos os que nesta terra se apercebem da hora da nacionalidade. Para isto, em concurso com as tradições da nossa historia, existem a intelligencia e o valor de uma familia de homens que estão constituídos em arautos da nossa fé, em apóstolos do grande ideal que se concre-

tisa, em pontifices da alliança que se proclama. Mesmo incorrendo no perigo de esquecer nomes, abalançamo-nos a destacar alguns, cuja imposição se não discute, pois formam, por assim dizer, hoje, as grandes figuras do que bem poderíamos chamar PARTIDO AMERICANO: Joaquim Nabuco, nome vinculado á campanha abolicionista, campanha que lhe deve as mais emocionantes e íormosas paginas de eloquencia parlamentar, e cujo peregrino talento é uma ponte de crystal sonoro entre as duas Americas; Assis Brasil, o austero democrata, espirito de largo descortino, educado na escola da honra e do trabalho; Quintino Bocayuva; o excelso jornalista, evangelizador dos grandes ideaes do amor e da justiça; Ruy Barbosa que, ainda ha pouco, dentro da propria Europa, forçou a fallencia da força diante da razão dignificada pelo genio e pelo saber, e esse — ante cujo conspecto temos a sensação de acharmo-nos em presença de um vulto sobrehumano, porque é, em verdade, uma eloquente figura representativa. O Barão do Rio Branco, por honra nossa, é uma expressão victoriosa e limpida de tudo o que tem de mais alto, de mais augusto, de mais fúlgido o nosso espirito de povo.

Pela sua elevada cultura, pelos seus talentos, revelados nas posições mais eminentes da diplomacia e nos problemas de mais vulto das nossas relações internacionaes — o Barão do Rio Branco é um homem destes que edificam gerações inteiras. Uma vida que, em um decennio, realisa a obra, multipla, enorme, incalculavel, que este realisou, entra na historia do mundo coberta de admiração e de benções.

Sejam, pois, as ultimas linhas desta ensossa estirada uma exhortação dirigida á Patria amada no excepcional momento em que ella se encontra: nós todos, que sentimos a causa americana, precisamos de concretisal-a numa fórmula ou numa representação palpitante e perfeita: fiquemos em torno desta grande figura!

LEONCIO CORREIA.



Os Pintores da Fealdade

PINTORES da fealdade! E' provavel que vos sorriáiis, meus senhores, a esta escolha, por achar exquisito e desprimoroso semelhante assumpto em casos ductis da fidalga esthética.

Mas é assim, é pura verdade, se ha verdades puras no pretendido materialismo desta vida incerta e fugace

Em todos os tempos pintores houve que se interessaram e se occuparam com o feio, perpetuando nos muros, nas télas e nas chapas, o disforme e asymetrico delineio de seus corpos. Já me não refiro á fealdade inconsciente dos primitivos, que a fizeram por esquerdice. Refiro-me a cópia do feio, por intencionalidade de o fixar como documento hilare de um tempo, senão pelo ridiculo ou charrice do typo, ou pela obrigação de o reter em retrato com a paga necessaria ás rudes exigencias da vida.

Mas ha fealdades que se diluem e se minóram na expressão superior dum elevado moral ou duma radiante intellectualidade, refundindo os typos e lhes dando em sympathy o quando lhes faltou n'harmonia das traços e no equilibrio das fórm.

Está neste caso o retrato de um magistrado por Chirlandajo, pertencente á galeria do Louvre.

Pela reprodução junto ver-se-á que o modelo não podia ser mais completo no genero, chega a parecer que houve proposito em o destacar do comum pela preocupação

de um ridiculo, mas Charles Ephrussi, que o estudou, nol-o descreve por estas palavras:

"Sua physionomia respira uma profunda bondade; seu olhar se abaixa para o menino com o affecto de um avô carinhoso. Um enorme nariz, horrivelmente brotado de verrugas e vesiculas, em vez de empecer essa expressão de penetrante ternura, mais lh'a augmenta e lhe dá uma feição particular; parece que o bom velho demonstra ao seu néto todo o contentamento, que o consola, com essa prova de amor e de caricia apesar da repellente deformidade do seu rosto."

Está, pois, atenuada a fealdade. O artista, copiando o original, percebeu-lhe a alma, pôz em fóco a grandeza moral que o desviava do



RETRATO DE UM MAGISTRADO — POR CHIRLANDAJÓ

grosseiro. Não é um labrego boçal, escalavrado de vícios brutos; é uma natureza imperfeita que guarda uma alma nobre e, acceitando-se a competente opinião do citado Ephrussi, esse quadro representa um magistrado florentino, talvez membro da familia Rodolfi, ali florentino no XV seculo, e que deu á rival de Veneza mais de um magistrado distincto.

O nome dos Ridolfi foi lembrado por ser o quadro procedente dessa casa florentina.



THOMAZ INGHIRAMI — DE RAPHAEL

Raphael, mestre da proporção, o *divino*, como o chamaram, também não se esquivou de retratar as fealdades do seu tempo.

Pondo de parte o retrato do duque Frederico de Urbino, deve-se destacar o de Thomaz de Inghirami, que é uma das obras mais fiel-

mente copiadas do natural, que se conhece, do grande rebuscador da perfeição feminina.

Esse Inghirami foi uma individualidade na sua época.

Vinha de uma familia nobre de Volterra, na Toscana, e nasceu em 1470. Desde muito moço, aos 23 annos, entrou "com o pé direito" na vida. Lourenço, o Magnifico, protegeu-o. Enviado como auxiliar junto ao cardeal Bernardo Corvaja na sua nunciatura n'Allemanha, teve a oportunidade de pronunciar uma arenga em latim diante do imperador Maximiliano, o que lhe valeu o premio da coroa poetica, raramente concedido, e o titulo de conde palatino.

De volta á Roma, que era a sua *patria adoptiva*, causou enorme successo com uma oração funebre recitada nas exequias do duque de Gaudie, assinado por seu irmão Cesar Borgia. Possuia, a par disso, extraordinario talento de comediante, conseguindo desmedido exito no papel de Phedra, do *Hippolito* de Séneca. Em uma das scenas, arrebatou por tal modo a platéa, que todos os espectadores, movidos num mesmo arranco, agitando braços, batendo as palmas, gritaram *a una voce*, em acclamação: *bravo, Phedra!*

E por este nome ficou elle conhecido na luxuosa Roma, antonomasia que lhe ia bem, porquanto — assim nos relata um seu contemporaneo — rivalisava em elegancia e graça com a donairosa irmã do archiduque.

Aos 40 annos, porém, começou a engordar. Em pouco tempo estava obeso. Foi com esse typo rotundo e pesadão, que Raphael, um dos seus admiradores, o retratou.

Inghirami perdera o talhe feminilmente gracil, que os fadros tanto elogiavam; fizera-se lérdo, e sem duvida com incalculavel contrariedade afastára-se do theatro. Estava sob a protecção de Julio II, como já estivera sob a de Alexandre VI, e era bibliothecario do Vaticano, guarda dos archivos secretos do castello de Sant'Angelo, conego de São João de Latrão e bispo de Ragusa.

Como se vé, Thomaz de Inghirami teve um alto relevo na sua época, foi alguém, não obstante a confusão estabelecida no seu sexo com o cognome adquirido pelo triunfo no papel de *Phedra*. D'ahi..... Que o bom Deus me socorra com a discreção, porque me não propuz biographar o nobre bispo de Ragusa.

Dizem todos, e entre muitos. o abalisado Eugenio Müntz, que esse magnifico retrato é de tal maneira copiado *d'après nature*, tão fielmente cingido ao modelo, que se o poderia attribuir ao rigoroso naturalismo de Holbein se, em 1498, elle já pintasse, e caso se perdesse memoria do seu verdadeiro auctor.

Mas, *Phedra* ou Thomaz Ingherami, que havia rivalizado em graça e distincção de maneiras com a mais formosa e nobre dama da côrte romana, não era bonito. Verifica-se isso no seu retrato.

Ainda mesmo que menos gordo, e nada obeso, o estrabismo dava-lhe á physionomia uma irregularidade desagradavel. O que elle teve, é de acreditar-se, foi essa expressão intelligentissima, como que illuminada, que a gordura lhe não pôde tirar. Deve-se julgar que, na sua mocidade, ella lhe fosse mais viva, mais fascinadora, talvez mesmo inquietante.

Nenhuma escola, porém, foi mais fertil na pintura da fealdade do que a hespanhola. Chega a parecer um contrasenso! No em tanto, o *feio*, na pintura hespanhola, é realmente feio, mui raro se salva pela viveza intellectual da physionomia como no referido retrato de Raphael, ou pela affectibilidade externada no *magistrado* de Chirlandajo. É o charro, o lapuz, o grutesco achavascado e chafurdeiro.

Aqui temos o retrato de *Pablillos*, o bobo de Philippe IV, *truán ó hombre de placer*, como o indicavam nos inventarios do rei.

Velasquez fel-o a crú, com a preocupação unica de o retratar, como retratou *el Primo*,

Antonio el inglés e Juan de Austria. São os anões e os lobos, os bossudos e os fracos de espirito que formaram a turba da bufonaria para o desfastio d'horas aborridas dos grandes senhores, que chasqueavam da desgraça.



PABLILLOS DE VALLADOLID — POR VELASQUEZ

Muitas vezes os que julgavam se divertir com esses *quasimodos*, eram suas proprias victimas, porque a impostura habilidosa sabia tirar partido de certas deformidades e preencher essa triste condição de *bobo da côrte*.



Era ella, então, quem ria!

Brusquet, o *bobo*, ou melhor o jogral que fez rir quatro monarchas, entre os quaes o grave, taciturno Felipe II, foi dessa especie.



EL PRIMO — POR VELASQUEZ

Houve quem dissésse delle: "*On peut dire de lui qu'il est véritablement le maître de chœur des buffons en titre d'office.*" E assim Angely, marão e maniêlo, de quem fala Boileau nas suas satyras:

*Un poète à la cour fut jadis à la mode,
Mais des fous aujourd'hui c'est le plus incommode
Et l'esprit le plus beau, l'auteur le plus poli,
Ny parviendra jamais au sort de l'Angely.*

Aponta-se também Triboulet, que se tornou famoso com o *Roi S'amuse* de Victor Hugo.

Triboulet, porém, não foi o energico e heroico personagem criado pela imaginação do genial poeta. Nicolas Ferriol, que era o seu verdadeiro nome, não pertenceu á especie de imbecis tregeiteiros, a guinchar parvoices que estimulavam cachinadas; era um deformado, bossudo e torcido, mais para jogral do que para bobo, e viveu sempre com regalias por seu bom humor, pela presteza do seu espirito, pela

facilidade e rebuço das suas palavras escarninhadas ou chistosas. Luiz XII estimou-o e Francisco I admirava-se que "*si gentil esprit se fut logé dans si vilain corps.*"

.....Na cõrte hespanhola, que nos conste, os bufões não tiveram grande espirito; eram cho-carreiros e palhaços. Foi essa gente que Velasquez pintou.

Em *el Primo*, apesar da fealdade, ainda se lhe apanha o quer que seja de solérte, de traço intelligente. Mas em *Pablillos de Valladolid* a physionomia é de uma estupidez acabrunhada. Dóe-nos sabel-o homem.

Ribeira que também se comprazia em pintar a fealdade, teve mais commiseração pelo genero humano. O *pé-torto* é um desgraçado em que o espirito não se inculca obtuso ou nullo. Feio, como é, não entristece; a expressão dos seus olhos, a largura e desembaraço da sua fronte, um laivo de sarcasmo no seu sorriso forçado, dão-lhe vida, entendimento, um vislumbre de espiritualidade. E se o empolgante Francisco Goya, pintando a fealdade, que muito lhe serviu de assumpto, foi tragico quando não fazia a tremenda ironia do *Nada!*, Ribera, posto-què ás vezes terrivel, fez sorrir mas não nos deu desgosto com a repugnancia do nosso semelhante.



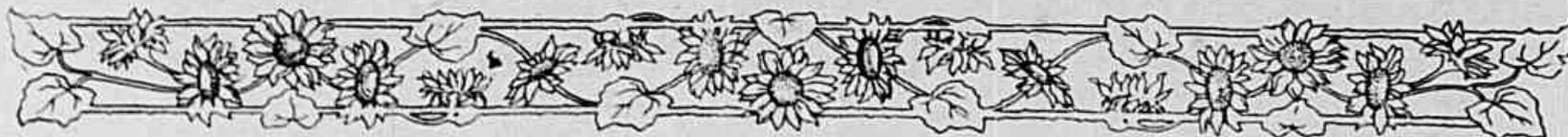
EL-TORTO — DE RIBERA

Afinal, que vale este grão de areia no esplendor do artista da *Confraria dos Bebedores* e da *Rendição de Breda*?...

Elle pintou a verdade, que é esta que ahi está, e que temos e eternamente teremos deante dos nossos olhos, a despeito da nossa irrisoria pretenção!

GONZAGA DUQUE.





○ Quintal e a Porta



DEZ horas de uma linda noite de lua, quente e abafada.

Fugimos do calor estonteante da Cidade, eu e Marcio, para o socego daquelle delicioso trecho d'arrabalde á beira mar, á procura de um pouco de ar livre e sadio, desaforados, amplamente, das exalações suffocantes das cantarias das construcções e do asphalto pezado das Ruas.

Na Avenida, naquelle unico trecho procurado á noite, que vae do alpendre grotesco da "Jardim Botanico", á esquina larga e nova da Rua da Assembléa, formigava uma bufadora massa de gente suada e quente.

Rapazes de roupas claras, estatelavam-se á frente dos cinematographos, lendo annuncios, esperando a vez. Senhoras galantes, de vestuarios leves; homens consideraveis de fraque de alpaca e chapéo do chile, emfim, cruzava e enchia todo aquelle pequeno largo de Rua, uma legião que sahira de casa, da abafada concentração do calor caseiro, para pedir á Cidade um pouco de ar confortante e sadio.

E toda aquella gente reunira-se alli naquelle curto espaço de um quarteirão, arrastando-se ao abafamento dos cinematographos, refestelando-se pelas cadeiras incommodas do "Jeremias", transbordando pelas pequenas mezas dessa fornalha aceza, que é á noite o restaurante "Franciskaner", a sorver gelados, a abanar-se desesperadamente.

Longe, para os lados pacificos do Convento da Ajuda, surgiram clarões rubros e verdes, echoaram gritos de vivorio e pandega e ribombaram, atroadores e sinistros, os primeiros compassos insipidos de um formidavel Zé-Pereira, em uma prematura exhibição de loucuras carnavalescas.

Foi quando eu e Marcio, decidimos abalar para a largueza benefica dos arrabaldes.

— Não sei porque — raciocinava Marcio — esta incomprehensivel preferencia por aquelle resumido trecho da Avenida, quando ella é tão grande, tão larga, tão arejada.

Não se comprehende bem, porque, em uma noite quente como esta, com esta belleza de luar, hade a gente agglomerar-se á porta dos cinematographos, em um determinado ponto da Avenida, quando seria mais racional, mais logico, que se procurasse a largueza dos jardins, a orla branca das praias, a companhia

galante e consoladora da vegetação civilizada e limpa. Não sei porque... Deves comprehender que não se é civilizado pelo simples motivo futil de se possuir novas Avenidas e jardins floridos. E' preciso tambem tirar á Civilização os proveitos reaes e ás commodidades decorativas que ella nos offerece. Assim penso eu.

O facto, a verdade inteira e exacta, é que estas espaçadas injeccões de Civilização que nos andam proporcionando, difficilmente nos depurarão o velho sangue d'aldeia, dessa porção bolorenta de habitos patriarchaes, que nos comprimiam nos incommodos de uma rua estreita e nos abafavam nas pequenas salas das nossas antigas confeitarias e dos nossos cafés detestaveis.

* * *

Quando chegamos ao airoso "bar" da extincta praia de Botafogo havia, por todo elle, a desolação triste dos grandes abandonos.

Apenas, á uma das mezas, junto á grade, ao fundo, dois inglezes e uma ingleza, bebiam silenciosamente. Os *garçons* somnolentos, amparavam-se ás mezas vulgares de vime pintadas á tinta branca. Sentamo-nos desolados e pedimos bebidas.

○ luar punha fulgurações palidas de aço novo por toda aquella vasta superficie d'enseada ampla, comprimida entre a muralha aveludada e escura dos morros e o semi-circulo branco da cantaria nova do caes.

Estava lindo!

As alamedas claras desse incomparavel passeio, que é hoje a Praia de Botafogo, jaziam silenciosamente vazias e tristes.

Aqui e alli, um ou outro sujeito despreocupado, olhava o mar. Junto da amurada larga do caes duas ou tres mulatinhas, tresandando a perfumes de banha e barulhentas de goma forte ás saias, namoravam delambidamente, o seu classico guarda civil.

De quando em quando, um automovel d'aluguel, fonfonava roufenho e passava rapido.

Marcio, aborrecido, bocejou:

— Aqui está, em resumo, a vida civilizada da tua admiravel cidade carioca. Gente que se agglomera em um limitado trecho de rua e gente que se deixa ficar em casa, com uns passeios destes á porta e uma lua destas a encher o Céu.

Fresca Civilização, não ha duvida. — E sorvendo um pequeno trago do seu *wisky* e *pi-permant*, continuou:

— Sabes tu, por acaso, a que devemos este abandono? Ao quintal e á porta.



Ao nosso extraordinario quintal e á função familiar da nossa porta. Sim, nós não nos habituamos ainda á alegria e ao convívio da Rua.

Se se fica tão bem, de chinellos e pijama, á porta da rua ou do quintal, a conversar com a vizinhança, para que ha de a gente enfronhar-se em roupas leves e vir gozar o carinho velludoso de uma luar destes, na commodidade civilizada dos nossos lindos logradouros publicos.

Tu sabes, tanto como eu, quanto um quintal valorisa uma casa e quanto uma porta bem situada representa de bem venturoso, na felicidade familiar.

Se sahires agora daqui e te deres ao trabalho de percorrer as ruas principaes e notadas do bairro, hasde ver que ás portas florescem as alegrias expansivas das meninas e dos rapazes.

Experimenta e verás.

Assim é o quintal. Quantas e quantas vezes terás tido occasião de ouvir esta deliciosa e ingenua consideração familiar:

«A casa é excellente; tem todas as accomodações necessarias á nossa familia; é completamente nova; fica mesmo na praia de Botafogo, mesmo em frente á Avenida; mas... não tem quintal, não tem mesmo nem um palmo de quintal, apenas um terracinho á tóa».

Ah! não tem quintal? Porque não disseste logo?

Então, não serve; não serve absolutamente. Sem quintal!...

Ou então esta outra no mesmo teor simples e patriarchal:

«A casa não é muito nova; precisa mesmo de varios concertos urgentes. O fogão é velho e está estragado; não tem banheiro; em compensação tem um esplendido, um magnifico quintal» E aluga-se a casa immediatamente.

Pelas proximidades da hora do jantar, antes que o papá chegue da Repartição ou do Escriptorio, ás mães vestem roupa limpa nos pequenos e mandam-nos brincar no... quintal ou passeiar na porta, com a recommendação expressa de «não sahirem da calçada».

Ah! a porta! A extraordinaria porta das casas cariocas.

Com que radiosa ventura, não declara a circumspecta mamã anafada que, felizmente, «agora tudo lhe passa na porta».

Com que graça civilisada e simples as nossas deliciosas senhoritas não affirmam que nem lhes é mais preciso sahir de casa, «fica-se na porta e assiste-se a tudo, festas, corso, carnaval, tudo, tudo».

— E' o que te digo, depois do marido, a porta e o quintal, são os dois elementos mais necessarios á felicidade da familia.

* * *

E sorvendo o ultimo trago da sua bebida predilecta, Marcio, exclamou vagarosamente:

— Não ha duvida, o Rio civiliza-se. —

MARIO PEDERNEIRAS.



Do Atlantico ao Pacifico

○ GALEÃO de prôa alterosa e velas concavas symbolisa triumphalmente a era dos navegadores, todo o impulso de esperança e de aventura que os arrojava para o Mar Tenebroso, num lenho fragil, de pannos desferrados aos ventos e oscillando na furia do temporal, como na incerteza do seu rumo. Assim, este seculo, mal vem luzindo a estrella d'alva sobre as primeiras manhãs, já tem a symbolisal-o a imagem que se reproduz, belliosa e ameaçadora, lembrando movimentos de exterminio e conquista, deslocções de forças collectivas, a discordia e o embate das raças guerreiras, por estas paginas onde a Arte se compraz em fixar os aspectos mais serenos ou mais graciosos da vida.

E' possivel que elle, ao declinar, magnificamente realise a confraternidade planetaria, e com elle floresça numa deleitosa paz a terra ensanguentada pelos nossos odios, repartida pelas nossas ambições. Mas, enquanto a illusão dos optimistas não se converte nesse reino sem exercitos e sem fronteiras, desdobrando-se de polo a polo sob a claridade e a magnificencia de um arco d'alliança, bem poderemos chamal-o no seu alvorecer, m'ao grado as palavras generosas ou conciliadoras das assembleas internacionaes — o seculo do *Dreadnought*.

A febre dos armamentos nunca foi tão abrasadora e tão allucinante, nunca se desenvolveu e se generalisou como neste momento em que a Justiça da conferencia de Haya, desdenhando os fracos, acaba de medir a capacidade juridica das nações pela tonelagem das marinhas de guerra. E toda a energia dos povos cujo destino rebrilha sobre o oiro accumulado ou sossobra na miseria insondavel, dos que invocam as mais formosas tradições de cultura humana e dos que, entre ruinas e andrajos, ainda ha pouco medravam na sua penuria e na sua inercia, acode ou renasce ao mesmo toque de clarim, gravita para o mesmo typo de poder naval, fundido nos estaleiros inglezes com inveja e assombro do mundo.

Não bastam os cruzadores blindados e velozes, as torpedeiras que se disfarçam nas sombras da noite, os submarinos occultando na limpidez e quietude das aguas a perfidia dos seus golpes, os rijos couraçados das antigas frotas, hoje minusculos e imprestaveis quasi, deante da potencia irreductivel que, deslocando mais de vinte mil toneladas, arrasta comsigo os destinos e as ambições das nacionalidades á superficie das vagas. Porque os

mares novamente espumejam e ribombam, vagueados de monstros, como nos dias terriveis da Creação. Onde a natureza harmonisou e reduziu as formas originarias, o homem agora improvisa outras formas apavorantes, com que se orgulha o seu rude instincto de fera e em que a sua vaidade temerosamente se balouça.

Os *Dreadnoughts* multiplicam-se, alargam-se, revestem couraços mais espessas, navegam erriçados de canhões mais trovejantes — e dentro de poucos annos, que bandeira não fluctuará sobre as torres e os mastros dessas naves collossaes? As suas boccas de fogo devoram os milhões orçamentarios, e escapa-se em fumo, pelas suas triplices chaminés, o que se produziu e arrecadou entre milhões de trabalhadores esfalfados. Por toda a parte se encommenda, ou se fabrica, ou se reclama aos brados, ou apenas se deseja confusamente, no anhelito torturante e secreto da posse alheia, um desses portadores de calamidades ou mensageiros de bons desejos, segundo o caso de Direito Internacional. Convertido finalmente ao diagramma de Guilherme II, o Reichstag medita a construcção de immensos *Dreadnoughts*. Projecta-os da mesma sorte, com a vehemencia e o ardor que lhe refazem a mocidade, quando a imaginamos decrepita por entre os seus loureiros, os seus marmores e as suas lagunas, a Italia renascida e unificada. A Russia, vasto matadouro de grãos duques, ao meio de hecatombe e iniquidades já divulgou, nos titulos de um emprestimo, o designio da reconstrucção da frota do Baltico, destruida nas aguas funestas de Tsoushima.

Sob o nevoeiro da Manchia se acastella na resistencia das novas blindagens de aço o orgulho britannico e uma liga de esforços e capitães, fundando-se ás pressas, empunha o tridente da supremacia naval da Inglaterra, como se ainda não bastasse o cardume de náos que todos os annos resaltam e reluzem na crista das vagas, a um gesto dessa invicta senhora dos oceanos. No Japão, onde até as visceras dos peixes apodrecidos são hoje disputadas aos cães pela fome dos maltrapilhos (e sabemos que toda a voracidade japoneza se fartaria com um punhado de arroz), a ingenua tarefa das mulheres e das creanças, affeitas ao manejo das laccas e dos vasos de porcellana, é armar, brunir, dispôr infatigavelmente para a batalha os enormes vasos de guerra que sustentam a gloria do Mikado. A China, a propria China apathica e somnolenta, deixa as visões do opio, os livros de memorias e maximas, a taça fumegante do chá, e quer tambem os seus *Dreadnoughts*, com os famosos canhões de treze pollegadas.

Esperamos anciosamente os nossos, inquirendo sem cessar os horizontes claros ou tur-

vos, como se estivessemos numa ilha deserta, carregados de algemas e de opprobrios, á espera de libertadores sobrenaturaes, e vae por toda a visinhança uma algazarra que nos põe o sangue a ferver e um desafio lampejando no cllhar.

Mas a impressão dominadora e avassalante dos mares coalhados de navios de guerra, monstruosos cetaceos invulneraveis, cidadellas fazendo-se ao largo e rompendo as brumas, scindindo as aguas encapelladas ou submissas, passeando emfim a sua arrogancia pela immensidade glauca, só a tivemos nestes primeiros dias do anno com a visita da esquadra norte americana, a bandeira das listas e das estrellas a ondular sobre dezeseis tremendos couraçados, em que o Presidente Roosevelt offerece ao mundo, com a simplicidade propria do genio e as salvas da pragmatica, uma suggestiva demonstração daquella these, não menos suggestiva, do seu compatriota Mahan: *a influencia do poder naval na historia.*

* * *

Ah! era bem o sonho imperialista de Mahan o que resplandeceu ahi uma noite, emmoldurado pela ondulação de granito e verdura dos morros, projectando-se numa larga faixa de claridade até á orla espumosa da bahia. Sob a incandescencia dos focos branquejavam as moles gigantescas—o *Connecticut*, o *Georgia*, o *Minnesota*, o *Rhode Island*, outros mais, e ao contornar esses prodigiosos systemas de forças homogeneas, submettidas e disciplinadas pela arte de matar, comprehendiamos nitidamente como se desfazem todas as bolhas de sabão das nossas doutrinas e phantasias humanitarias batendo na muralha dos reductos ou no costado das náos aparelhadas para os bombardeios.

Nelson dizia que os vasos de guerra (e ninguem lhes conheceu mais fundamente as possibilidades) eram os melhores diplomatas da Europa. A acção diplomatica desses embaixadores formidandos universalisou-se, estendeu-se ás outras partes do mundo, e as notas do Livro Amarello, do Livro Branco e do Livro Verde, traçadas num recanto das chancellarias, não valem os seus radiogrammas, as suas evoluções, as flammulas que elles arvoram e os pharões que accendem no topo dos mastaréos. Os pacifistas discursam e deblatearam sob as abobadas do Ridderzaal com os governos á espreita e os reporters astutos ou maliciosos em volta, apinhados, cochichando e sorrindo. E igualmente impenetraveis, mas dessa impenetrabilidade que affronta em sua rigidez o proprio tiro dos canhões, reúnem-se os diplomatas de Nelson debaixo da abobada ce-

leste, num amphitheatro de montanhas, na curva de uma enseada tranquilla, na agitação dos mares procellosos, e decidem a sorte dos povos com a dialectica fulminante cujo vigor tudo empolga e domina. Mensageiros de amizade e alegria, empavezados para as hõas vindas, elles celebraram aqui uma nova Conferencia da Paz, enquanto o americanismo bordejava pelas ruas, alliando-se aos folguedos iniciaes do Carnaval, e o principio de Monroe soffregamente hauria o oxygenio restaurador das vidas chloroticas e languidas, sob os arvoredos da Tijuca. Não extranheis a singular Conferencia, tão fecunda para a victoria das idéas pacifistas como a outra, e por certo ainda mais representativa da Paz, que em verdade não é uma deusa, na phrase glacial e cortante de Roosevelt, senão quando cinge uma espada.

De resto, sulcando as aguas oceanicas da America, a frota commandada pelo nosso amigo Evans, tão bellicoso e tão rheumatico, é apenas a frota da Justiça e da Liberdade, conforme o tranquillizador e amavel despacho do grande Presidente. Se alguma das massas destruidoras que irrompem na Historia, de subito, como flagellos da divindade, ameaçar as nossas infortunadas republicas, os disparos do *Virginia* libertarão as gentes opprimidas. Se a negação violenta do Direito, impedindo o equilibrio e a segurança da coexistencia humana, desluzir as normas juridicas triumphantes neste continente, saberá no mesmo instante restabelecel-as a poderosa artilharia do *Georgia*. Mas do Atlantico ao Pacifico, de New-York á Magdalena Bay, a frota redemptora a pouco e pouco verá modificado o plano do seu destino: ella não vae alli despedaçar cadeias, nem fortalecer direitos, senão reduzir inexoravelmente o campo do prestigio e da concurrencia ao japonéz de face glabra e sorriso perpetuo, que se multiplica nas Philippinas, ronda as ilhas Hawai, inunda S. Francisco da California, assalta o mercado da China, o tumultuoso mercado amarello em que extravasa a super-produção industrial do *Yankee*.

Não será isso, porventura, a melhor demonstração da the-e darwinica, serenamente applicada por Mahan aos casos internacionaes? Ahi temos, defrontando-se numa hostilidade que as praxes da cortezia politica em vão dissimulam e attenuam, dous systemas antagonicos e duas raças inimigas, na expectativa da luta que firmará de vez a competencia preponderante, agora entendida por saxonios e mongões como a supremacia naval no Pacifico. Ahi temos a mesma relação necessaria entre o homem e a terra suggerindo o conflicto, mantendo a espionagem, a desconfiança e o odio, atirando um contra o outro os mais energicos



e ousados typos deste cyclo historico, a singular iniciativa americana contra a singular tenacidade japoneza. Não se revoga, pois, a lei do accrescentamento com os devaneios e as formulas inuteis dos organisadores de paraizos artificiaes? Sobre as reminiscencias das leituras de Tolstoi se erigem as duras verdades que nos desenganam brutalmente, governando os homens e as suas acções. Tudo se resolve na expansão do mais forte e se resume na sobrevivencia do mais apto: ou as collectividades se armam, e combatem por esta sobrevivencia, ou desaparecem ao choque da hoste que se adeanta com as suas lanças em riste. Mahan disse a palavra suprema: ha um estado de inquietação aggressiva perpetuando-se na terra, os povos dominadores não reconhecem direitos inalienaveis quando se trata de collectividades, e é bom que o não esqueçam por mais tempo as nações detestadas pelos visinhos.

* * *

A esquadra do Pacifico realiza com esplendor e magestade um velho sonho de Roosevelt. Já em 1897, discursando no collegio naval, como assistente do Secretario da Marinha e como propagandista da organização militar dos Estados Unidos, elle recordava aos seus patricios a maxima de Washington: «aprestemo-nos para a guerra se desejamos a paz. E emfim a riqueza, o saber e a honra da confederação norte americana podem repousar na eficiencia dos grandes couraçados oppostos aos inimigos da Europa e da Asia, ostentando as suas baterias, erguendo bem alto a bandeira das listas e das estrellas na defesa de um interesse ou de um ideal. Os elementos da nacionalidade construida pelo esforço dos operarios, dos industriaes, dos mercadores, dos homens que lavram a terra ou conduzem os rebanhos, combinam-se agora de

outra sorte e produzem o typo viril, de intrepidez e devotamento, que Roosevelt considera o mais bello e mais nobre da especie. Um lampejo do heroismo de Farragut não vae mal ao poder economico de Rockefeller.

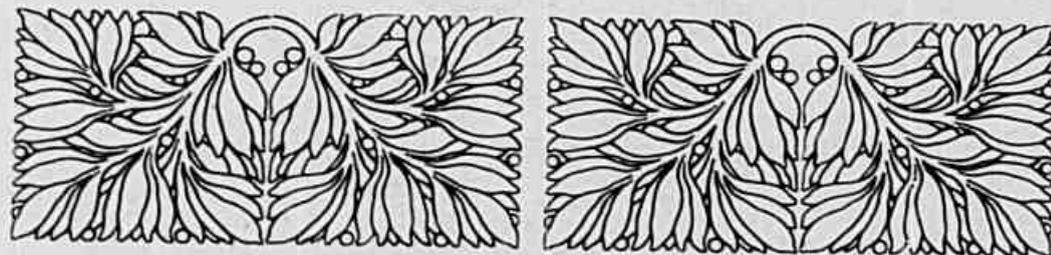
Será talvez opportuno lembrar algumas das palavras proferidas em 1897 pelo estadista que imprimiu ás tendencias e ás forças dos Estados Unidos a sua direcção actual:

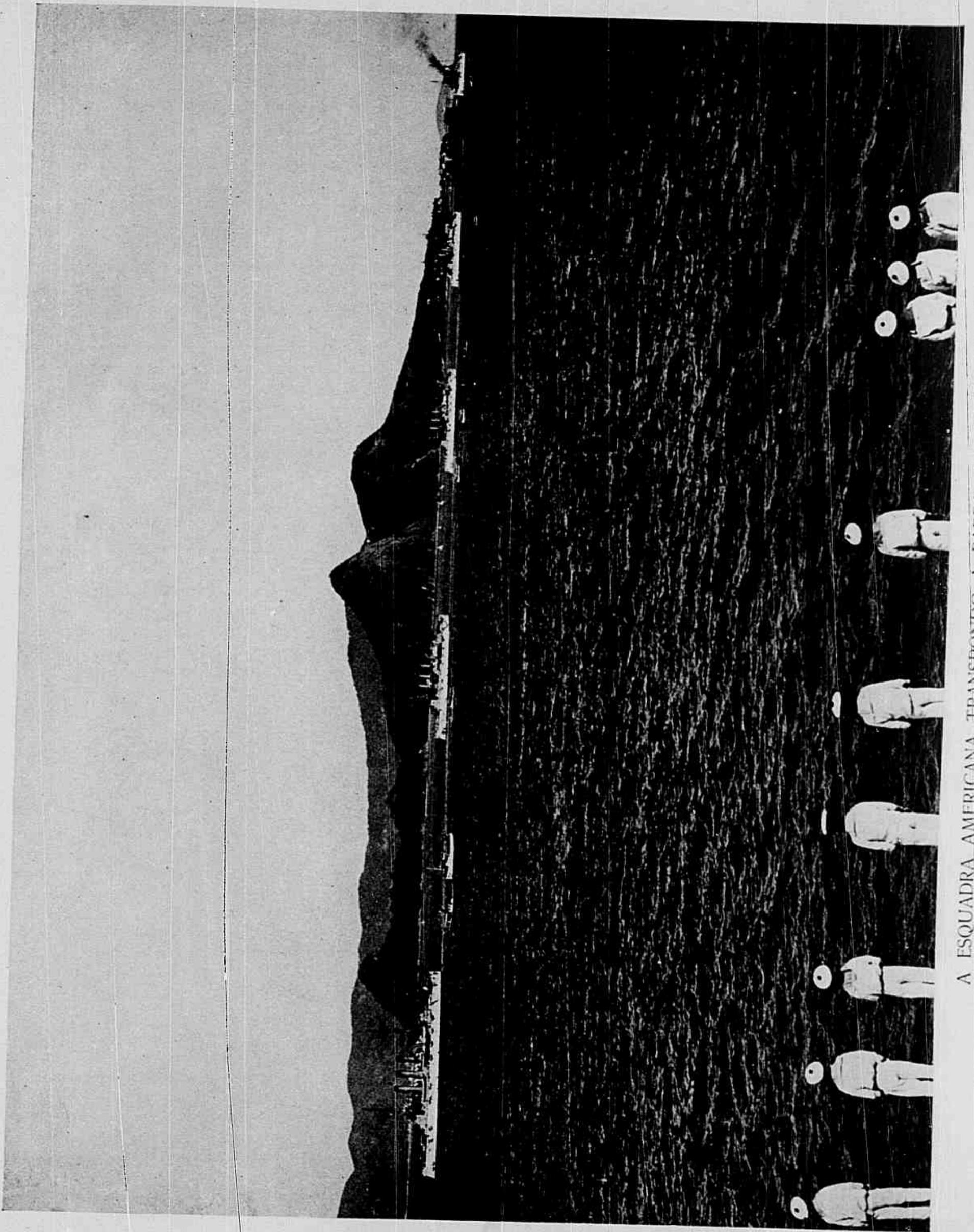
«A não do Estado não pode ser governada com firmeza senão quando é possível dirigil-a contra qualquer inimigo, levando os seus raios enfeixados para o assalto. Um povo realmente grande, nobre, de alma heroica, prefere todos os desastres da guerra a essa ignobil prosperidade que se adquire á custa da honra nacional. Todas as grandes raças vencedoras têm sido raças combatentes, e se algumas della perde as rudes virtudes marciaes, seja qual fôr o seu patrimonio, ou a sua habilidade em commercio e finanças, em artes e sciencias, aliena o seu altivo direito a uma situação de prestigio e destaque.

A covardia numa raça, como no individuo, é o peccado mais imperdoavel, e não se acautelar contra o perigo, voluntariamente, bem pode ser mais tarde, nos seus effeitos, um mal semelhante á covardia.»

Que a lição de Theodoro Roosevelt não seja esquecida pelos brasileiros, como não o foi, seguramente, a maxima de Washington entre os americanos, a partir de 1897, o que attestam de sobra as couraçados e baterias da esquadra do Almirante Evans. A'quelles que se escudam no seu direito sem armas para o sustentar, quando o principio da Força, a evoluir dos selvagens para os systemas, desvaira e conflagra as sociedades humanas, reaparecendo atravez das civilisações, está inevitavelmente destinado o opprobrio da golilha e do azorrague...

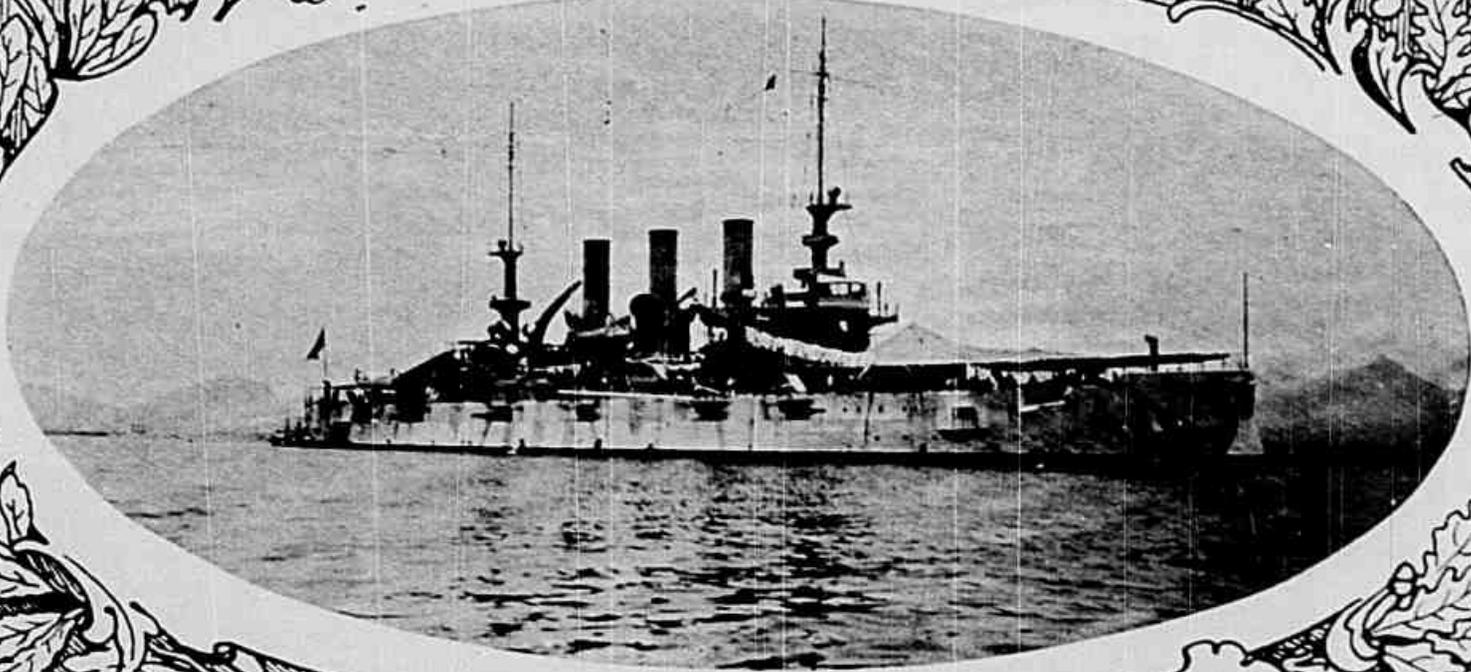
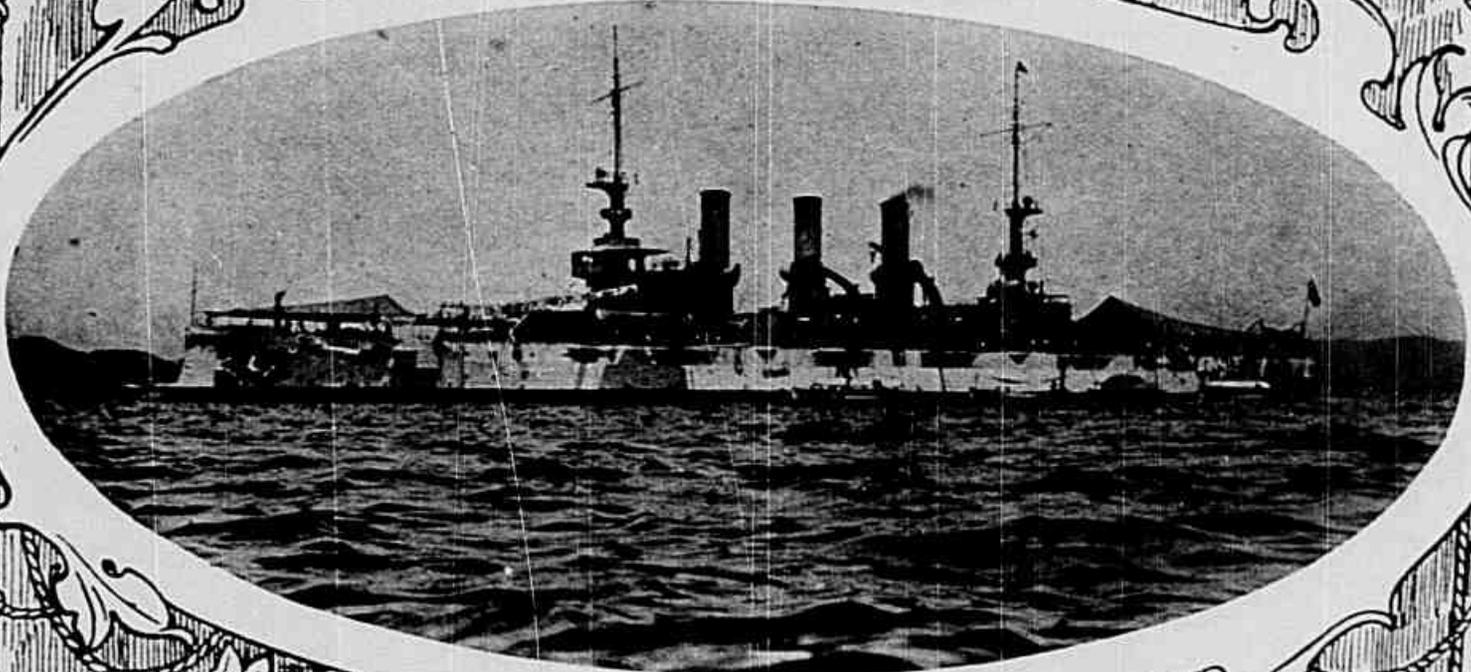
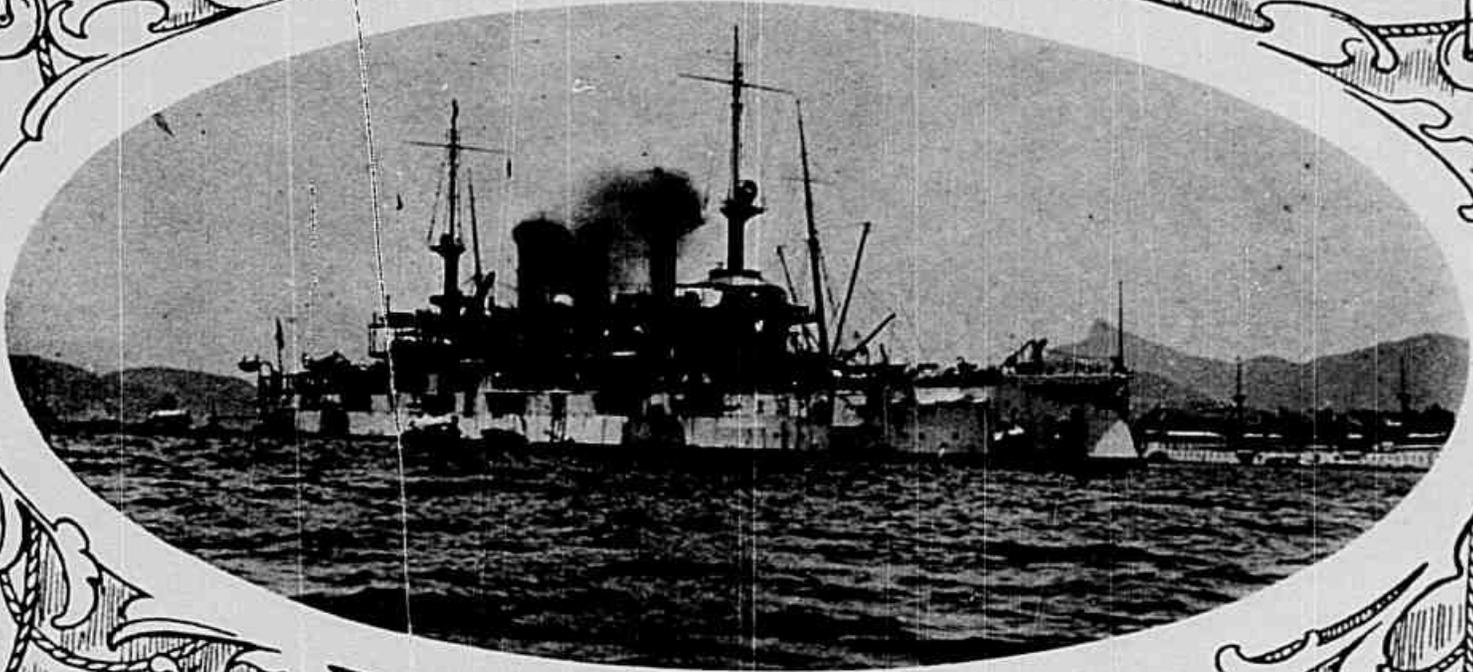
CELSE VIEIRA.





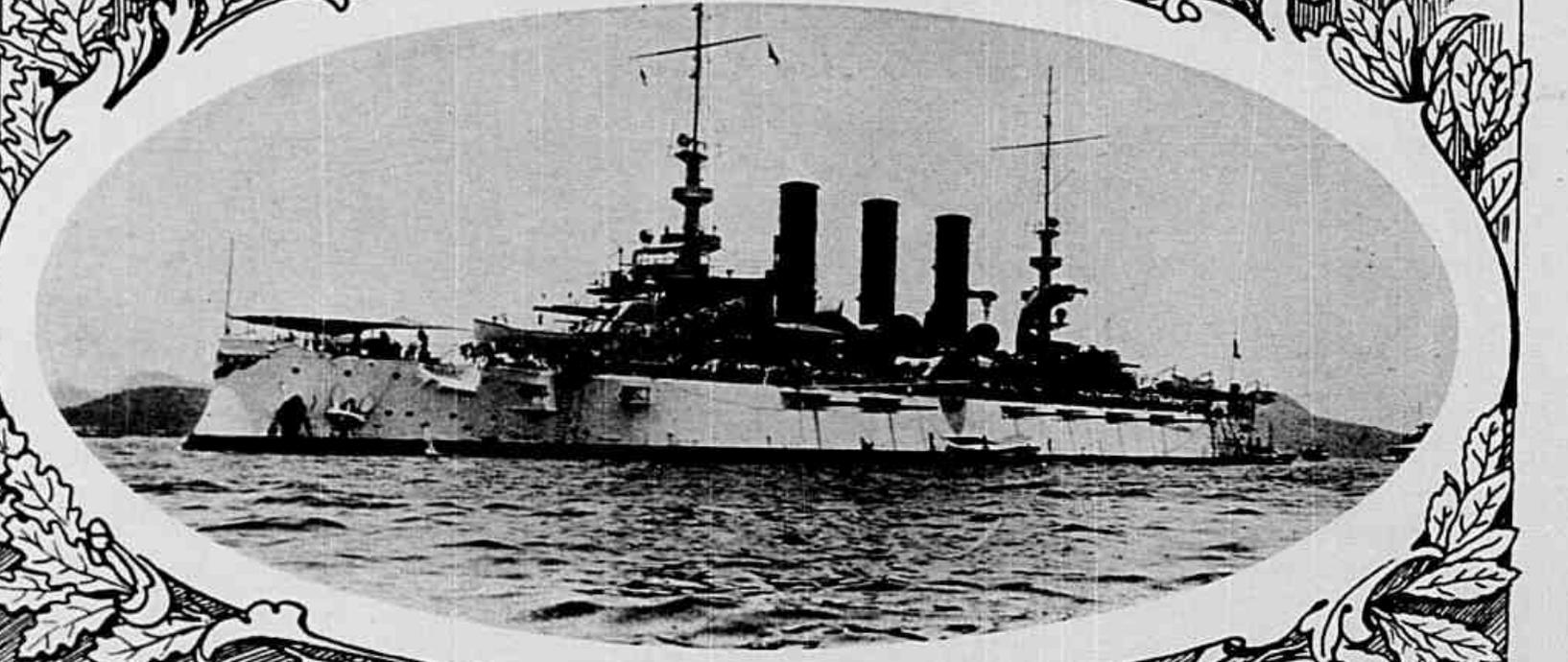
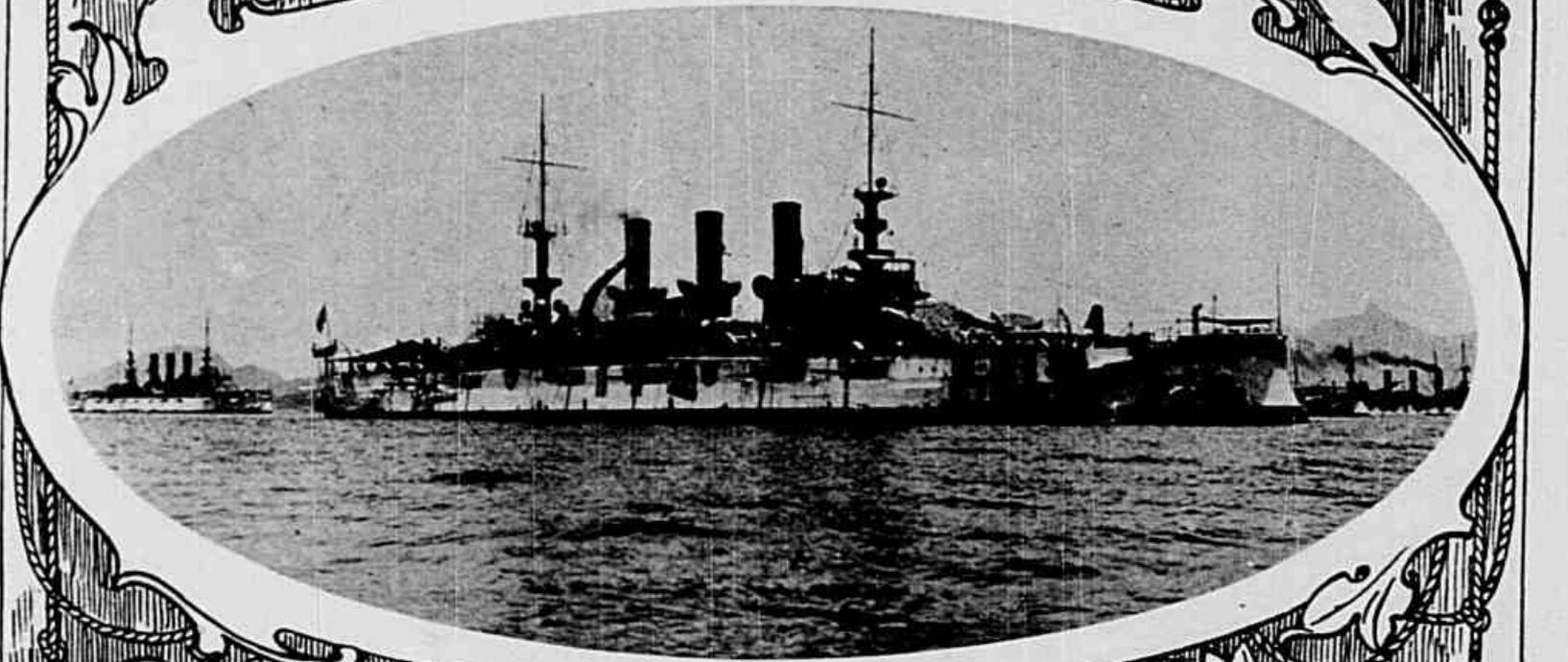
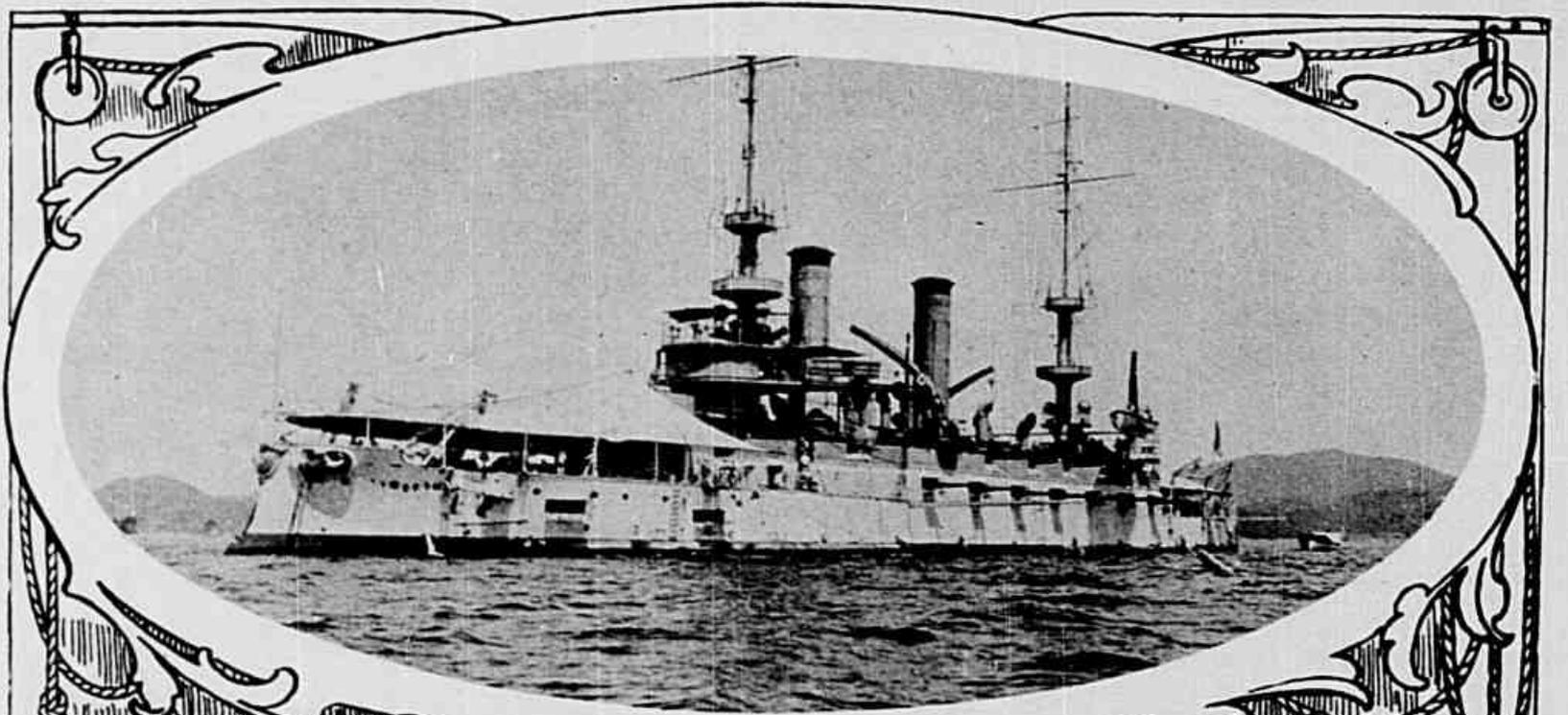
A ESQUADRA AMERICANA TRANSPONDO A BARRA DO RIO DE JANEIRO

KOSMOS

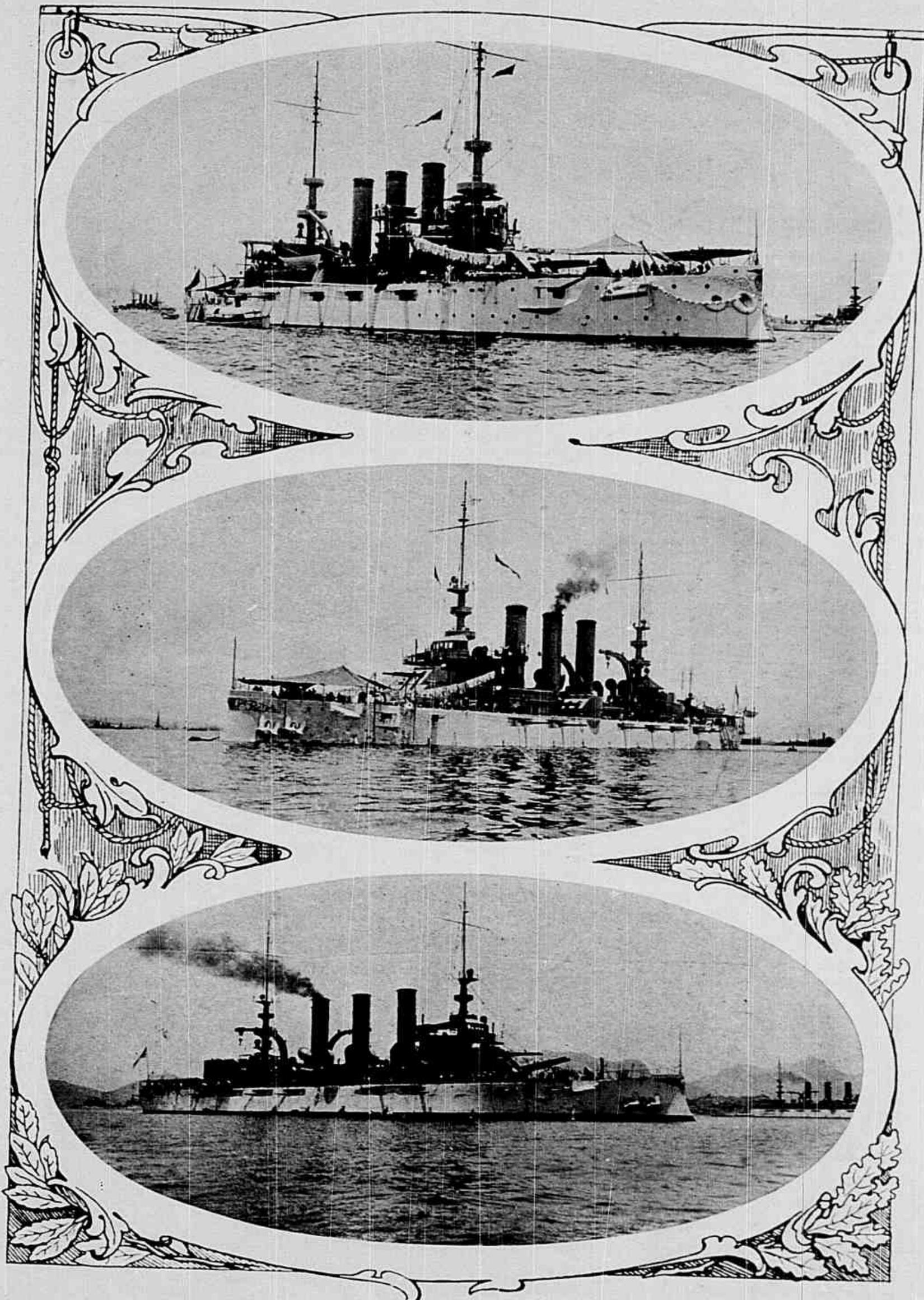


1 CONNECTICUT — 2 MINNESOTA — 3 LOUISIANA

KOSMOS

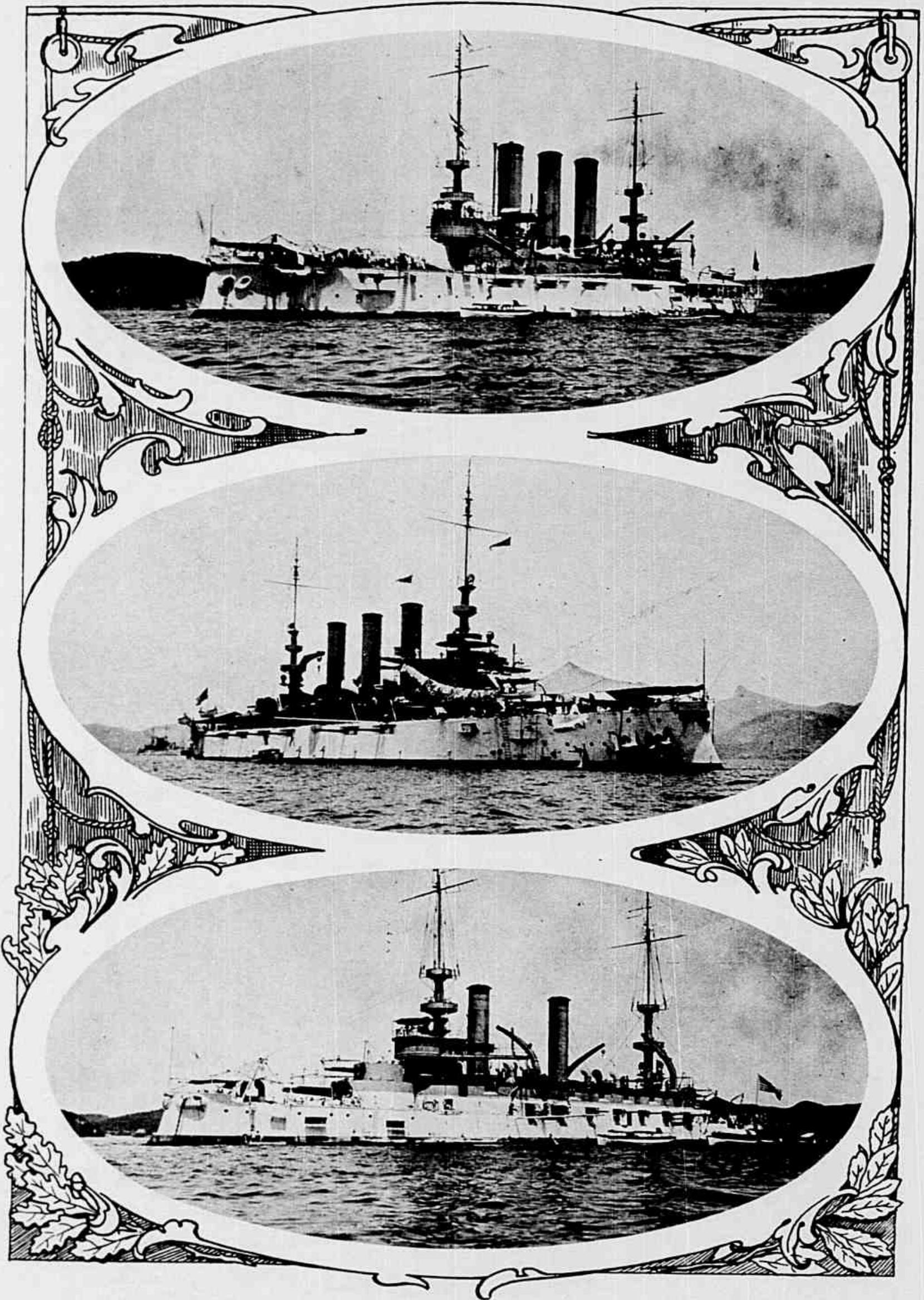


1 KENTUCKY — 2 VERMONT — 3 NEW-JERSEY

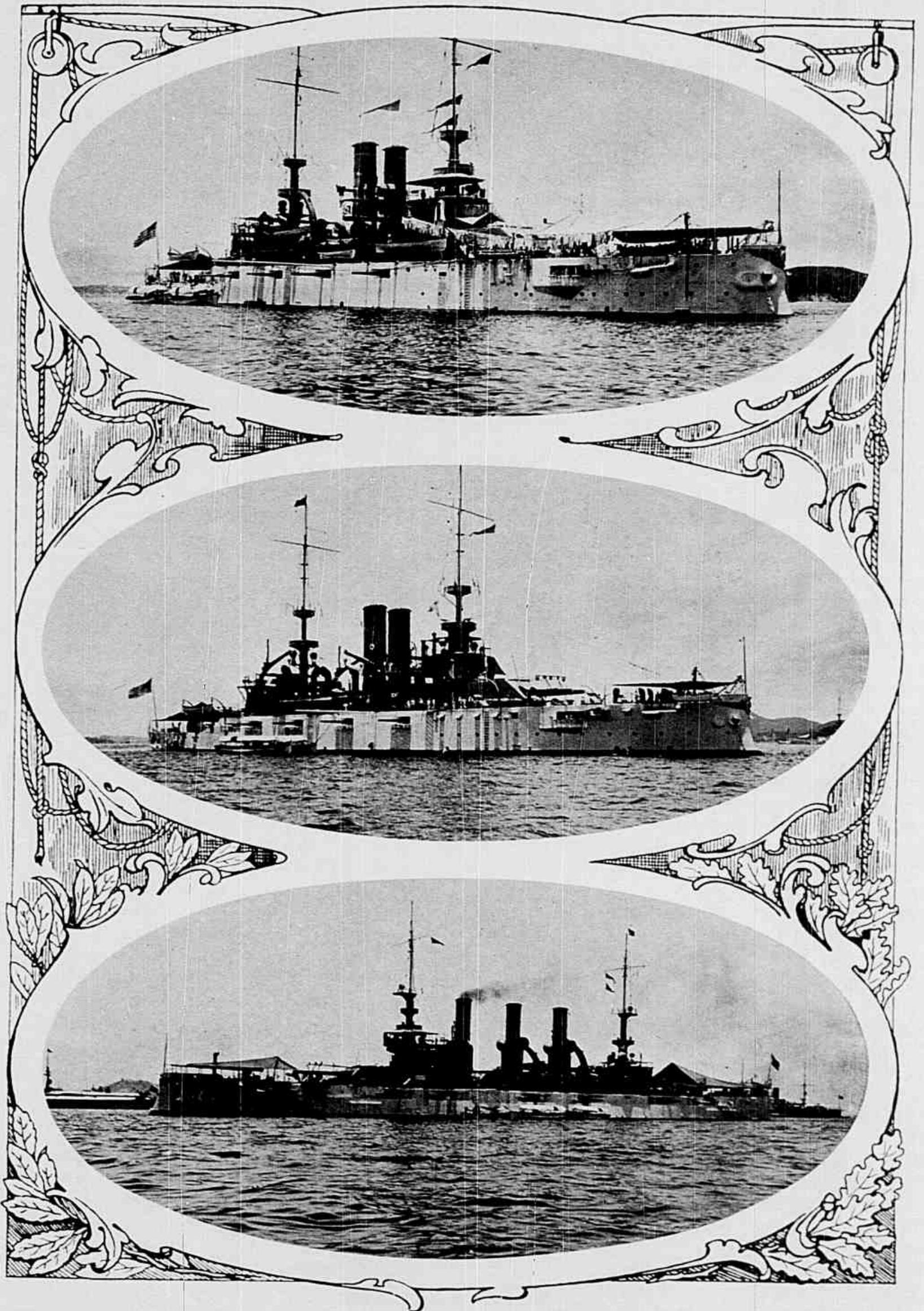


1 OHIO — 2 GEORGIA — 3 VIRGINIA

RÓSΜOS



1 MAINE — 2 RHODE ISLAND — 3 KEARSARGE



1 ILLINOIS - 2 ALABAMA - 3 KANSAS

Amor de caboclo

MACOTA viera de cima, tangido pela secca, que, como uma praga do Deus colerico, ia devastando, ia flagellando as uberrimas terras do longinquo sertão. Viera nas primeiras levas dessa immigração periodica de famintos, que enchem as estradas do Norte, pelos tempos malditos do estio feroz, na ancia do verde, na desvairada sêde da agua preciosa e divina, que, na Chanaan do Littoral, irrompe e brota por todos os valles e de todas as rochas, o anno inteiro, crystallinas e múrmuras, inundando e fecundando as extensas planicies e as florestas virgens das serras!

Ah! como elle se lembraria sempre da dolorosa perigrinação pelos caminhos nús, de uma terra petrea e vermelha, rachando-se ao sol, sangrenta, como uma chaga aberta! De um lado e d'outro estendiam-se as catingas infinitas, desoladas, combustas, pelo igneo sol, mostrando raramente, como uma irrisão, o perfil esqueletico de alguma arvore desfolhada e secca, que, mais forte do que suas irmãs, resistia, ainda de pé á canicula infernal.

Os immigrantes desciam em caravanas, tragicas caravanas de homens fortes antigamente, então abatidos, miserrimos, de mulheres esquelidas e de creanças moribundas. As vezes, á tarde, quando o grande Astro rolava proximo do seu tumulto, numa agonia rubra, como se esvaindo em sangue, uma nuvem leve apparecia, manchando o puro azul de céu; apparecia, avolumava-se, tomava formas extranhas, descia mais escura, pesada, prenhe d'agua, beijando os picos dos morros altos, numa promessa bemdita de chuva. Um fremito de alegria indescriptivel fazia estremecer os corações dos pobres sertanejos e um murmurio alvica-reiro corria de bocca em bocca: agua! Deus bom, Deus pae, não abandonaste teus filhos! Cahiam de joelhos e um hymno de ternura, de reconhecimento e de fervor religioso, subia de todos os peitos e echoava no silencio da tarde, pelos campos desertos.

No entanto, o tempo deslisava; anoitecia e a nuvem conservava-se immovel, dir-se-hia até, que se evaporava no Ether, sem mandar a agua salvadora. De repente, passava cantando, furiosa, uma rajada de vento, que vinha do occaso e, depois, o vendaval desenfreava-se, violento, cruel, convulsionava as arvores desgrenhadas e núas, turbilhonava pelos ares a poeira calida da terra, varria o céu, levando para longe, para o Oriente feliz, a nuvem bemfazeja.

Um clamor de colossal desespero enchia os campos; rugiam maldições ao Deus, máo agora, e, noite fechada ja, uma estrella palpitava medrosamente no alto e logo outra, mais outra, myriades enfim tremeluziam, constellando o reconcavo do céu e, depois, a lua immensa e vermelha, em plenilunio, se mostrava por traz dos montes, banhava a terra de sua luz serena e doce, como amortalhando piedosamente o bando inanime dos infelizes, cahidos pelo solo escaldado, exangues, sedentos, sem mais energias para as blasphemias.

Noutro dia, de madrugada, ainda erguiam-se todos, para começar, de novo, a cruenta jornada, que atravez os abochornados campos, onde toda a lavoura morrera já, e só os cardos e os espinhos selvagens medravam, havia de leval-os penosamente á terra divina, banhada pelo grande Mar, regada pelos largos rios. A's vezes, a torre de um campanario alvejava no horisonte.

Era uma aldeia, uma hora de repouso á sombra de um tecto qualquer, que não fosse o azulado tecto, onde o sol pompejava soberanamente. Nas ruas desertas, de areia abraçadora, reinava um silencio de cemiterio. Todos pareciam d'rmir a sésta ardente do dia, no morrinhento mormaço das casas caiadas, rutilantes, escaldando á luz do sol. A' passagem dos immigrantes, cães tuberculosos, que dormitavam pela sombra dos telhados, ladravam iradamente; creanças anemicas e curiosas chegavam ás janellas; mulheres e homens, por vezes, olhavam tambem, mas indifferentes já, tão commum lhes era aquella visão de gente miseravel, cruzando a aldeia, na fuga da patria querida, que o verão arrazava.

Descançavam um ou dois dias no grande alpendre, erguido para as feiras semanaes, forneciam-se de viveres e se iam depois. Aqui, alli, n'uma curva da estrada, alguem, que já vinha tropego, com a garganta em braza, cahia para não mais se levantar e expirava dolorosamente, estorcendo-se todo, com os olhos dilatados, quasi a saltarem-lhe das orbitas.

Que dôr tantalica não dilacerava os corações dos pobres sertanejos, impotentes para lutar contra a morte e salvar o ente querido! Assistiam de joelhos, sem forças para chorar ou para rezar, n'um soffrimento mudo, os ultimos estertores do companheiro de infortunio, fechavam-lhe os olhos, piedosamente, jogavam-lhe o corpo depois, n'um barranco qualquer, impossivel que era de abrir-se uma cova na terra, granitada pelo longo estio. Corvos cortavam os ares, serenos; mais tarde, sentindo o cheiro acre do cadaver, rapidamente decomposto, desciam ligeiros, em circulos, gyrogyrando, n'um grande bater das azas negras, rastejavam, farejando e se iam de novo, n'um



vôo curto, poisavam perto, caminhavam sobre a fornalha da terra, e o seu passo rithmico, de capadocio...

Uma tarde afinal, depois de longos dias de viagem, já entrados que eram, na zona da Matta, elles viram a agua milagrosa cantar pelos *corgos* e a noite, cahir do céu, abundante, forte, fomentando tudo. Desde manhã, o dia estivera morno, abafadiço, ameaçando tempò. No céu escuro, onde apenas sol se mostrara timidamente, por instantes, nuvens rolavam pesadas e, por fim, o temporal cahiu desfeito. Relampagos seguidos encandesciam céu, trovões vinham vindo, surdamente, como de muito longe, estalavam pavorosos, enchendo os espaços com o tragico rumor de suas vozes. Ventos passavam, gemendo, desnudando as arvores da floresta, levando em turbilhões, as folhas murchas e o quente pó dos caminhos e logo a chuva lentejou na terra, fraca á principio, sugada n'um momento avidamente, pelotando, em cachões depois, afogando a paizagem, inundando os campos, gerando correjos barentos, que desciam pelas fraldas das serras e iam engrossando e sussurrando, pela planicie a fora, n'uma regadia divina. Dos sertanejos, que compunham as caravanas em começo, as vezes dois terços chegavam ao Littoral. Alguns ficavam nas fazendas dos caminhos e iam trabalhar ao eito, ou nas empreitadas, á lavoura; outras desciam mais, trazidos talvez, pelo invencivel desejo de ver o mar, esse fabuloso e inexgotavel açude, do qual tantas maravilhas ouviam contar em sua terra. O Macota tinha passado por todos os transes e soffrido todas as dores da pungente romaria. Abandonara com a mulher e dois filhinhos, seu sitiozinho amado e fertil do sertão, onde nos bons tempos hybernaes, o milharal e o mandiocal cresciam da noite para o dia, amaduravam prodigiosamente e enchiam-lhe o lar feliz, de alegria e de dinheiro a rôdo Caboclo musculoso e forte, affeito ás grandes correrias ao gado bravio, em sua terra natal, corajoso, de animo varonil, resistira melhor do que os seus companheiros, ás intemperies, ás maguas profundas da saudade pela perda dos filhos idolatrados, mortos em caminho. Elle tinha sido, naturalmente, chefe da sua caravana: dominava-a pela superioridade do valor physico e moral, e, em muitas occasiões, fôra devido a sua energia feroz, inquebrantavel, os outros se não terem deixado ficar pelos caminho desertos, a esperar a morte, preferivel ja ao longo martyrio daquella Via Dolorosa, sem fim, cruciante. Entretanto, na alma de ferro do caboclo, havia um panto vulneravel; a grande e exclusiva paixão pela mulher, uma mulata robusta e bonita, de uma alegria ruidosa e sã. Depois então, da morte dos filhos, seu coração, antes

dividido nos tres affectos, parecia ter concentrado toda a sua força amorosa, na idolatria pela Carlota. Era um sentimento extranho, quasi selvagem, feito, ao mesmo tempo, de carinhos felinos e de ferozes asperezas. Innumeras vezes, tinha elle dito á mulher: tenho-te uma amisade louca, cega; por ti sacrificaria tudo na vida, menos a minha honra de sertanejo honesto; si algum dia me trahires ou me abandonares, mato-te, mato-te, como a um cão! Carlota ria-se; os olhos do sertanejo se injectavam de sangue e repetia, batendo co'a mão larga sobre o peito musculoso e cabelludo, n'uma promessa solemne: mato-te, juro! Ella se atemorizava então: um calafrio de medo percorria-lhe a epiderme e, depois, muito meiga, começava a acaricial-o docemente: estás sonhando, estás sonhando... Macota serenava e, retribuia os afagos recebidos, e, largo tempo, ficavam os dois, arrulhando amores.

Quantas noites, em viagem, quando elle via a mulher adormecida na rêde, estendida sobre o solo quente, n'um afflicto somno, não se sentara junto della, soerguendo-lhe a cabeça querida no braço forte e assim conservando-se demoradamente, a olhal-a muito, n'uma grande angustia, por vel-a soffrer, sem poder lenir-lhe as penas!

Pensava na vida nova, que iam encetar, lá em baixo, na Matta bemdita e que de algum modo, receiava.

Ouvira, tantas vezes, narrar, pelos patricios, que desciam, comboiando gado, historias comicas de maridos enganados, de amores escandalosos, enfim, a praga da devassidão, desconhecida em sua terra, vinda da cidade, alastrando-se pelo Littoral civilisado...

Ah! mas elle saberia o que fazer; isolar-se completamente do mundo, metter-se no fundão de um sitiozinho qualquer, amanhar serenamente a sua terra, colher a sua sementeira, na paz dos homens e de Deus! E foi assim.

N'uma fazenda de assucar, proxima do mar, arrendou ao fazendeiro, algumas geiras de terras novas e fortes, em abandono sempre, tão longe ficavam do engenho, perdidas n'um socavão da floresta, ao pé da grande cachoeira, o "*Abysmo*" amaldiçoado, sobre o qual corriam nas redondezas, as mais ex'r'inhas lendas de assombramento. O Macota installou-se no sitio, e começou logo o trabalho da derruba e da queima, na preparação do terreno virgem, que iria receber em seu seio as sementes extranhas e transformal-as depois em riquezas.

A terra era realmente de uma exuberancia de seiva extraordinaria. Os germens introduzidos no solo, não se perdiam nunca; rebentavam depressa, desenvolviam-se em caules tenros, depois em flôres, em fructos abundantes, prematuramente sazonados pelo sol



fecundo e pela rega beneficiadora das águas frequentes. Na limpa, o trabalho foi de esfaltar; os *malmequeres* e as *gitiranas* bravias, primitivos e únicos senhores da terra, que a foice aguçada do caboclo cortara pela raiz e o fogo consumira depois, desabrochavam em rebentos novos, invadindo, victoriosamente, o milharal dos altos e o mandiocal das varzeas, que afinal, seriam os vencidos na lucta pela vida, si os não auxiliara o braço destruidor do homem. Mais tarde, causava espanto, a quem passava pelo "Abysmo", a admiravel cultura do sitio, abandonado outr'ora.

Toda a seára, estendendo-se pelo valle e pelas ladeiras, palpitava, numa florescencia e numa germinação estupendas e eternas, de paiz promettido por Deus.

O Macota, que, a principio, tencionava voltar ainda ao seu sitio do sertão, ia se deixando ficar, para sempre, no "Abysmo", arraigado ao solo bemdito, agradecido á fecundidade recompensadora do Littoral.

Seu sonho era, agora, comprar o "Abysmo" ao fazendeiro, fazel-o seu, um dia, e deixal-o, depois, á mulher e aos filhos, que accaso viessem ainda. Mettido no seu canto, a mourejar noite e dia, pela lavoura, raramente sahia; curtas viagens ao engenho, si era epocha da moagem do seu cannavial ou ás feiras da aldeia, aos Domingos, para fazer as provisões de casa, não creando amigos, nenhuma relação quasi. N'uma ou noutra dessas ultimas excursões, a mulher o acompanhava. Ficavam os dois, na praia, a tarde inteira, contemplando a maravilhosa paisagem maritima, sempre nova aos seus olhos, numa admiração muda, quasi religiosa pelo glauco mar.

Algumas tardes, a maré era em vasante; as ondas mansas vinham se quebrar mollemente na alvadia areia da praia, num murmuro de cançasso, e fugiam de novo, no recuo... Outras, era em enchente; as vagas bravias, picadas, rolavam umas sobre as outras, furiosamente, gemendo, n'um grande alvoroço, jogando longe a espuma branca, que vinha lhes borrfiar deliciosamente os rostos, tão proximos estavam do mar. Barcos, com as grandes velas brancas, abertas ao vento, singravam ligeiros, inclinando-se todos para um lado, banhado pelas ondas; canôas chegavam para os grandes lances das rêdes, de trez malhas, formando-se em circulo, e as tainhas saltitavam, mostrando as alvas escamas, que o sol doiráva, deixando-se prender depois, no cerco.

A' noite, quando voltaram ao sitio, para encurtar os caminhos desertos e o areial frio, conversavam sobre o mar, trocavam impressões ingenuas sobre a vida maritima e as grandes excursões pelo oceano, na pesca, ou em viagem para a Capital distante... Assim decorria,

lentamente, o tempo para os dois, na vida incolor e monotona do "Abysmo".

Carlota começava a soffrer com o isolamento quasi absoluto, em que vivia; alegre e viva, amando os prazeres ruidosos, pesava-lhe a estupidez daquelle destino de galés, occulta n'um recanto perdido do mundo, a trabalhar sempre, sem ir jamais a uma festa na aldeia ou na fazenda, onde aos sabbados, dansavam.

Queixara-se ao marido, pedira-lhe, rogara-lhe que a deixasse sahir, divertir-se nos pastoris e nos sambas frequentes. Não, recusava o acota, terminantemente, no medo, que lhe causava o mundo extranho, de alem do seu sitio. «Tudo, menos isso; olha, aqui estás muito bem, nada te falta e si trabalhas, é porque queres, ninguem te obriga». Carlota calava-se, como resignada, mas, pouco a pouco, um resentimento lhe ia nascendo n'alma e se transformando, depois, n'um grande odio surdo, n'um exagerado desejo de vingança. O proprio medo, que o marido lhe inspirara sempre, o perdia insensivelmente; vinham-lhe desejos de lutar com elle, de acanalhal-o, de manchar-lhe a honra de sertanejo, de que tanto alarde fazia.

Um domingo, em que o Macota tinha ido sosinho á feira, voltou pela noite alta, meio embriagado, o que alias não acontecera nunca e trazendo consigo, um companheiro. Despertou-a ruidosamente, na exaltação de uma alegria extraordinaria e contou-lhe depois uma historia de luctas na aldeia, em que elle e aquelle mulato alli tinham entrado.

Fôra uma provocação qualquer, inflammara-se, perdera a calma e mandara a faca, valente, varrendo, num abrir e fechar de olhos, o pateo do mercado e só um homem então apparecera em sua defeza, o Quincas Ferreira, um camaradão bom, para a vida e para a morte. A' noite, andaram beberricando pelas vendas, na celebração do grande dia.

Carlota olhava os dois, interessada. O Quincas era um mulato alto e espadaúdo, conhecido e temido, como o mais valente desordeiro da região. Feira de domingo, a que elle fosse, era tempo. na certa e se ufanava de sosinho, ter espalhado, muitas vezes, todo o pessoal.

Descera do Piauhy para a fazenda do Dr. Caetano, o chefe politico da comarca, recommendado, como capanga, diziam. Era o homem da confiança do chefe e o seu melhor fazedor de eleições. Quando o viam passar na aldeia, gingando o seu grande corpo ossudo, a face bronzeada, contrahida em rictus eterno, que lhe dava uma expressão, quasi feroz, o punhal de través sob o cinto largo, um arrepio de medo percorria os corações dos pobres praieiros. Temos rôlo! diziam, e, raramente, a negra prophecia falhava.



"Naquelle domingo, contava elle a Carlota, depois que o Macota se calara, n'um abatimento de somno, fixando pesadamente, os olhos pequenos e vermelhos, estava, muito de seu, dentro do casarão do mercado, ruminando sobre a vida e apreciando a algazarra dos vendilhões, quando viu um typo, o Zé Aça, chegar-se ao sacco de farinha do Macota, tirar um punhado della, como se fôra compral-a e jogal-a fora, depois, salivando insolentemente. O caboclo lhe disse ainda em calma, aconselhando-o: o sr. para que faz isso? Não sou homem de barulhos e nem quero insultos. O Zé Aça arrepiou-se todo e atirou um palavrão grosseiro, provocando-o. Ah! então é que ennegreceu-se o caso; o Macota ergueu-se e, antes que o outro pudesse se desviar, uma bofetada estalou, valente, estendendo-o a fio cumprido, sobre o solo. Levantou-se o cabra, meio-tonto ainda, mas teimando, com o punhal nú, querendo ferir.. Fechou-se o tempo de veras, que o Aça vinha de sucia, cacêtes sari-lhavam, punhaes brilhavam fuzilando, e, vae elle, que estava, como n'um formigueiro, entrou na dança. Foi, como si raios tivessem caído do céu; n'um momento, o mercado ficou deserto; o povareu abalava, como pombos espantados, em revoada..."

Depois, terminando a narração da heroica façanha, afirmou, n'um tom de sincero entusiasmo, mostrando o Macota, que dormitava, sobre a mesa; corumba valente, está alli!

Desde esse dia, a amizade entre os dois homens, nascida em ambos pela mutua admiração e confiança, cimentou-se.

No rude coração do sertanejo, até então, cheio somente da imagem da mulher, uma brecha se tinha aberto para a nova afeição. Não se separavam mais; viviam, como dois irmãos, sobretudo, depois que o Quincas fôra trabalhar no "Abysmo", de meia. Iam sempre juntos ás feiras, mas nunca mais tiveram ensejo para novas luctas, pelo invencível e geral temor que os dois homens reunidos, inspiravam. Uma transformação lenta começava a se fazer na alma do caboclo, na convivencia do amigo; não era mais a féra do outr'ora, arisco e sempre entocado no "Abysmo", sem jamais sahir; ja se deixava ficar noites inteiras na aldeia ou no engenho, nas festas e nos sambas e até o selvagem ciume pela mulher desaparecia, na absoluta confiança, que lhe inspirava o amigo.

Carlota, em quem o odio pelo marido crescia sempre, não obstante a relativa liberdade, que gosava então, mantinha, vivo, o criminoso desejo de vingança. Porque não seria o Quincas, o seu homem? Era um mulato e meio, desempenado e forte, valente como o céu, e, alem de tudo, amigo do marido. o que tornaria, maior, a sua vingança, assim.

Começou a conquista do Quincas. Sabia-o, sinceramente, camarada do Macota, incapaz talvez de trahil-o, mesmo um pouco, por medo, porem ella empregou todos os meios de seducção, que a mulher, ainda a mais ignorante conhece.

Foi uma mineração surda, paciente, de todos os dias, no coração e na honra do mulato. Encontrava-o sempre em fuga, embora presentisse os furiosos desejos, que nelle faziam nascer suas carnes voluptuosas de mestiça sadia e jovem.

A resistencia aguçava-lhe a vontade de vencer, a incitava mais ainda e, por fim esquecidos os designios de vingança, a lucta tornou-se do seu seu offendido amor proprio de mulher.

Uma tarde, em que o Macota descera ao engenho, o Quincas appareceu casualmente no sitio; quiz voltar quando soube que o amigo não estava, mas Carlota o prendeu: «ora, elle não tarda ahi, fique a conversar, tem medo? Medo! e foi o bastante para o mulato ficar com essa idéa de que se suppozesse ter elle medo de alguma coisa, neste mundo, sem ser dos castigos de Deus!

Era quasi, ao anoitecer. Fóra, no cannavial, que se extendia, varzea a baixo, o sol moribundo scintillava; passaros cantavam nas arvores proximas e subia de todo o campo, um perfume forte, de estontear. O dia parecia se despedir, numa agonia amorosa e a natureza espreguiçar-se toda, lascivamente, n'um grande fluxo sensual. A mulata repetiu: "sim o sr, parece ter medo, vive a fugir de mim, como si eu fosse alguma cobra!" Ria-se alegremente, mostrando os dentes alvos e certos, engastados no rubi da bocca pequenina e ardente. O mulato conservava-se mudo, estremecia fortemente, por vezes, na agoniada lucta entre os seus escrúpulos de amizade e os infernaes desejos que se lhe despertavam á palpitação daquelle corpo quente de mulher, roçando-se pelo seu. O perfume dos campos tornava-se mais forte, embriagador; ergueu-se, olhou, pela porta escancarada, os caminhos do sitio. Tudo deserto, apenas as rolas mariscavam na areia, arrulhando amorosamente e no ar, casaes de borboletas doudejavam, perseguindo-se... Voltou e de novo, sentando-se junto da rapariga, sussurrou-lhe numa voz tremula, meio enrouquecida pela volupia e de olhar incendido: Carlota, Carlota, tu me perdes!" e, afinal, vencido pelo desejo, numa resolução desesperada, onde naufragavam todos os seus sentimentos de honra e lealdade, alongou o braço, attrahindo n'uma caricia o busto da mulata, que não tentava fugir e se ia entregando derreando-se toda, com os rijos seios arfantes e os olhos esgazeados.



Preso a Carlota, o Quincas só vivia para ella, trahindo, sem mais escrupulos, o amigo, confiante sempre.

Quando o Macota sahia para a lavoura, muito cedo ainda, a amante fazia-lhe signal e elle, que ja andava pelo aceiro da matta visinha a espial-o, descia, de rastos, a ladeira, num grande receio de ser visto, até a casa do amigo.

Outros dias, marcavam encontros, aqui, alli, no cannavial, na capoeira, onde ella ia á lenha, gosando a larga os seus amores adulteros.

Approximava-se o Natal. Pela fazenda, corria um alegre rumor de festa. Fallavam que o fazendeiro promettera dinheiro para um grande samba, que havia de rolar noites e fazer epocha e cedido até um velho casarão, existente no caminho do "Abysmo", perto da casa do Macota.

O Quincas tanto insistira com o caboclo, que elle condescendera em ir á festa e levar a mulher consigo.

Foram. Era uma noite de estio, sem luar, estrellada e quente.

Quando elles chegaram ao samba, já o casarão transbordava de gente; o pessoal do engenho em peso e até da aldeia e das fazendas proximas. O paraty, em garrafões collosaes, corria de bocca em bocca, esquentando cabeças, inflammando corações. Na sala imensa, de chão de terra, grupos se formavam, conversando alto, numa algazarra de mercado. De repente, o Quincas rompeu pelo salão, sapateando, chocalhando o rude instrumento de folha de flandres, o *caracajá*, e atirou para os outros, numa voz formidável, incitando:

«Vou me embora, vou me embora.....»

Palmas estalaram, furiosas, a roda se fez logo e outras vozes responderam-lhe em côro: «Mineiro pau!.....»

O mulato continuou:

«E' mentira, não vou não.....»

E assim foi cantando, uns versos duros, de uma cadencia vaga e de rimas barbaras, num tom invariavel e triste, de canto-chão. Sapateavam fortemente; homens sahiam do circulo, gíngando o corpo, curvando-se todos em gymnasticas incriveis, mulheres os acompanhavam, num grande requebro dos rins, derreando-se, como no goso de uma voluptia original.

A mesma alegria selvagem fazia vibrar todo o mundo, contagiava o Macota, que, afinal se deixou levar na onda do entusiasmo geral, meio tocado pelas repetidas libações, a que o Quincas o obrigava, de quando em vez. Mais tarde, uma viola repicou, gemendo, e o caboclo, lembrando-se dos bons tempos de rapaz, quando lá na terra, vivia como as cigarras,

cantando ao som do *pinho* querido, aceitou o desafio. Gente se agrupava para ouvir os dois cantarem; eram historias de feitos audaciosos, de façanhas estupendas:

- «Quando eu vim de lá de cima,
- «Minha mãe recommendou:
- «Meu filho, tu nunca apanhes,
- «Que teu pae nunca apanhou!...»

começou elle, e o cantador repicou-lhe, como num torneio de motes e glosas:

«Você hoje ha de apanhar!.....»

De novo o *côro* soou; cantavam, dansavam todos, e afinal, já não havia mais ritmo, nem ordem; era, como uma bachanal desenfreiada, uma orgia de loucos.

Aqui, alli, murmuravam-se confissões de amores vadios, casaes beijavam-se furiosamente, sem pejo, e sahiam do salão, para a grande paz dos campos adormecidos. Por fim, tarde que era já, o Macota se lembrou de tornar á casa; houve protestos: não fosse, ficasse até de manhã, para *se pegar o sol á mão*. Elle se desculpou: tinha afazeres, e procurou depois a mulher na sala; não estava na cozinha, tambem não; fóra, no pateo, pensou. Sahio do abafado ambiente do casarão, meio entontecido pelo alcool, os ouvidos cheios do selvagem rumor do samba, as pernas lassoas pelas dansas, a que num excesso de entusiasmo, se entregara.

Onde teria ido a Carlota, pela noite calada e negra? Fóra, na campina immensa pyrilampos vago-luziam e no ceu escuro as estrellas apagavam-se docemente.

No levante, uma laiga facha avermelhada manchava o manto negro do ceu; eram os primeiros clarões do dia, longinquo ainda. O ar puro da madrugada fez-lhe passar, em breve, a leve embriaguez. Vinha de toda a terra, na grande gestação da noite, o perfume activo das flores, que se entreabriam, dos fructos maduros e das hervas humidas pelo orvalho e nos socegados ninhos, pendentos das arvores, começava o alegre rumor das azas.

O Macota chamou: Carlota! e, só o echo lhe respondeu. Encaminhou-se para o rio, pelo caminho, aberto, atravez um verde mandiocal; ouvia, proximo já, o marulhar do "Abysmo", a grande cachoeira, onde as aguas mansas do claro rio, se precipitavam, raivosas, num salto de metros de altura.

Desceu ao porto; tudo deserto! Carlota!

Uma grande afflicção opprimia-lhe a alma — o que era feito de Carlota? — Voltou ao caminho do samba, pensativo; de repente, ouviu, vagamente, um murmurio de vozes, que vinham da *malhada*. Parou, escutando, e distinguuiu, claramente então, a voz da mulher.



Que andaria ella a fazer pelos campos aquellas horas? e, querendo surprehendel-a, descalçou os grossos sapatos, alapardou-se todo e, como um lagarto, foi deslizando, sem rumor, até a clareira do aceiro extremo da roça.

Deteve-se, de subito, e estremeceu violentamente. Vira a Carlota e o Quincas deitados sobre a terra humida, presos num apertado abraço, os labios unidos num grande beijo, amando-se alli, á luz das estrellas moribundas. Uma dor immensa, sobrenatural, como si alguém estivesse a lhe arrancar as entranhas em vida, fel-o parar, um momento, assombrado, exanime, numa ankilose subita de todos os membros. Parecia-lhe que todo o sangue se lhe estagnara nas veias, que dedos de ferro lhe comprimiam a garganta e que toda a areia da terra se lhe chumbara aos pés prendendo-os...

Foi um instante: a reacção, em breve, se fez impetuosamente, uma ancia de sangue invadiu-lhe todo o organismo, uma grande sêde de bebel-o, gotta a gotta, aos dois miseraveis. Cães! rugiu e, desembainhando o punhal agudo, n'um salto de tigre, cahiu sobre os dois amantes.

O Quincas, na surpresa do ataque inesperado, mal teve tempo de se erguer; o ferro dextro do caboclo o attingiu em pleno coração, varando-o. O sangue espadanou em cachoeiras, indo molhar o assassino; quiz fallar, mas só a syllaba de uma praga ponde gaguejar e, abrindo os braços no ar, cahiu de costas, agonizando. O instantaneo e pavoroso desfecho da scena sanguinolenta, fizera Carlota desmaiar e ficar alli perto, sobre o solo, com os olhos esgazeados, sem movimento, como morta. O Macota, todo banhado pelo sangue do mulato, com o olhar feroz chispando nas trevas, voltou-se para a mulher inanimada; agora, tu, cadella! e segurando-a brutalmente pelos cabellos annelados e negros a ergueu. Um grito agudissimo, sobrehumano, fendeu os ares, e outro, e outro... O punhal lampejou no ar e foi se embeber todo no corpo da mulher; o sangue jorrou em borbotões, ensopando a terra e, de novo, o punhal feriu. Perdão... perdão... arquejava ella dolorosamente e o caboclo continuava a ferir, cegamente, loucamente, picando, dilacerando... Expirava, numa agonia terrivel, num estorcimento de todo o corpo, sangrando em rios e elle feria sempre, na delicia infernal daquella orgia de sangue vivo, do sangue amado!...

Passos resoaram, fortes, no mandiocal, qual o tropel de um rebanho em fuga; eram os homens do samba, que vinham vindo, trazidos

pelos extranhos gritos, que foram echoando, atravez os campos, perturbando tragicamente, o grande silencio da noite. O Macota ergueu-se, como uma fera, e, de punhal em riste, esperou resolutivo. «Cães!...»

Quando elles chegaram, o horror da scena tragica fel-os deter na clareira, attonitos, assombrados.

O caboclo os olhou, numa expressão de supremo desdem e, depois, a rir, a rir, numa grande risada de louco, abalou em desenfreada carreira, pelo caminho do "Abysmo", a fóra. Alguém, mais corajoso seguiu em sua perseguição, outros mais e enfim a multidão se foi após o allucinado, numa assuada medonha: pega, assassino! Elle bufava na frente: «cães, cães!»

Amanhecia já; os primeiros raios do sol desciam do céu e doiravam os campos. Percebiam-se as silhuetas dos morros distantes e as arvores das florestas emergiam da sombra, desenhavam-se, nitidas; rolos de luz vinham vindo do Oriente e banhavam a terra, numa apothese de oiro.

Aves cantavam pelos ninhos e depois, presentindo o colossal clamor, que enchia os campos, voavam em bandos, gritando penosamente e os cães ladravam, irados, acompanhando os homens, na caça ao sertanejo.

Approximavam-se da cachoeira. As aguas do rio lançavam-se sobre o lagedo extenso, cavado em abysmo, espadanando ao longe, enchendo a terra, com o borbório das suas vozes.

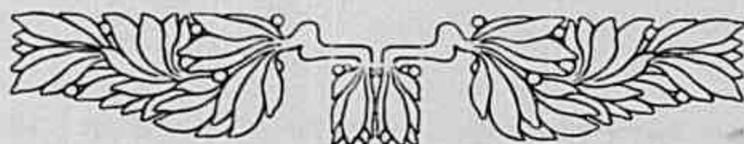
O Macota, numa agilidade felina, galgava os penhascos enxutos e depois, detendo-se numa rocha maior, a pedra mãe, como a chamavam, donde as aguas tombavam com mais força, voltou-se para a multidão, que a surpresa e o temor continham na margem.

Sua figura vermelha e tragica, doirada pela luz do sol, pompeiava soberanamente, como a encarnação de um formidavel Deus do Mal.

Cães! rugiu ainda uma vez e, abrindo os braços, firmando-se nos pés, precipitou-se no abysmo. O corpo, cahindo sobre o lagedo, que as aguas lavavam, feriu-se todo sumiu-se e veio á tona depois, disforme, sangrento, manchando, como numa desvirginação, a branca castidade do rio...

Rio - 1907.

JOSÉ MARIA DE ALBUQUERQUE BELLO.



Uma Santa Brasileira

SANTA DIANA

(A LENDA MINEIRA)

ELLE tem a pelle trigueira, queimada a sol, como a dos que locam os bois que tresmalham, e as brancas barbas patriarchaes, como a dos antigos prophetas. E vive dentro da sua pobreza com o orgulho revêl de um nababo na abastança dos seus haveres.

A caça brava ao "maleiro" o tiro agil ás codornas do campo e a pesca da linha larga ás "trahyras" do rio, são o seu goso, as distracções do seu viver indolente.

Foi alle a quem, de uma vez, viram pasmados chegar, cidade a dentro, com trinta codornas mortas nas embiras do liracollo e, no cano esguio da caçadeira, as galhas de um veado da malta, afóra, atirada aos hombros, como um manto real, a pelle mosqueada de uma "sussuarana"!

Elle era novo ainda no tempo já longe da "Flôr do Oeste", a fazenda mais farta em gado e mais rica em terras de todo o arredor da velha Lavras—para lá de Agua-Limpa, junto á corrente rumorosa do riachão onde as antas bebiam e as capivaras dormiam ao sol.

As cadeias de escravo prendiam, então, as suas mãos veiosas ao cabo longo das foices, mas um dia veio a lei e a lei que as prendera, a lei libertou-as.

A fazenda era de D. Adelia d'Alves, senhora delle e senhora de Maria Martha, uma de pelle crioula que era o seu amor das "senzalas", e senhora de outras muitas, e senhora das terras todas—viuva e moça, de olhos lindos no rosto e peçanhas do mal na alma.

Um dia, já nascido Antonio, terceiro do casal, Antonio d'Alves se fôra no sangue de uma aneurisma, pelo pôr tristonho de um sol frio do meio anno, e nas mãos cruéis e lindas de Adelia ficaram, então, os bens todos: as casas na cidade, os "cargueiros" da "tropa" em viagem, o dinheiro nos bancos, o gado, e as terras róxas da "Flôr

do Oeste"—e, com as terras e com o gado, elle, a Maria Martha e os outros.

Hoje tem as mãos livres e os cabellos da cõrdas geadas de Junho e enquanto a Maria Martha dorme no acamo de uma "raza" do campo-santo da cidade, elle espera da caçadora d'homens o tiro certo que o venha prostrar, como elle, certo, prostra os "malheiros" e as cadornas.

Foi em Lavras, a velha cidade do oeste mineiro, plantada em meio da planicie como uma lembrança do passado que, pela tranquillidade de uma noite de Dezembro, ouvi dessa velha e estranha personagem, que o assistira todo, o tragico romance, hoje ainda e sempre ali contado pela bocca rustica e credula dos moradores da região vasta e fertil das chapadas, desde S. João, até Luminarias e Perdões, onde nas noites enluaradas os violões plangem tristes chorando a saudade e a canção mineira abre em flôr.

E foi assim que elle me narrou a historia da moça martyr e mystica, a lenda de Santa Diana:

* * *

De todos, era Bernardo—um "cafuso" de hombros largos e pulsos fortes—o favorito da fazendeira. Era elle quem a pageava quando ella, a cavallo, ia em visita aos cafesaes, e quem boleava o "troy", quando ia á cidade.

Bernardo tinha os modos bruscos e a phisionomia de um máo.

Estavam já no segundo anno da viuvez de Adelia, quando trouxeram de Perdões uma afilhada de Antonio d'Alves a quem os pais linham morrido, para que ella a lomasse sob o seu carinho, como a uma filha sem amparos.

A orphã era Diana, de quinze annos em viço e os cabellos de seda loura e a uma belleza como a da viuva juntava o frescor que viuva já não tinha.

A principio a moça tivera os affagos como se fora, tambem, do sangue de Antonio d'Alves, mas, depois, veio o lacráo do ciume e ferrou a cauda venenosa e dentada no coração da viuva. E' que, por um dia de brumas, chegara do Jundiáhy Arminio Serra, paulista de cutis alva, bigode negro e olhos seductores. Adelia chamara-o ao serviço das suas terras e, de favor em favor, de complacencia em complacencia, o elevara a administrador da fazenda.

Por vezes ao alvorecer, e ao passarem á distancia para a capina nos cafesaes, linham os escravos visto o moço paulista descerrar as janellas do quarto da fazendeira e do peitoril sallar ao terreno, suppondo-se a coberto de surpresas na agua-linta crespular ainda da madrugada.

Com o fugir dos dias, com o passar dos mezes, foram-se os olhos lubricos do paulista voltando para a belleza casta, para o esplendor pubere da moça Diana que o azul das suas pupillas não o voltava para elle, mas, sonhadamente, para Mario Neves, esse, cujo perfil ella guardava e que lá ficara, para sempre, talvez, no remoto lugar de onde um dia a trouxeram.

A' viuva, porém, aquelle constante parecer pensativo da moça orphã e as suas diarias melancolias á tarde, eram os effeitos do amor por Arminio Serra e delle julgou ser o retrato que um dia a vira, no extremo da varanda, ao cahir da hora sagrada, guardar apressada no seio.

Pelo claro luar de um S. João geado e festivo, emquanto os fogos ardiam no terreiro e a afillhada de Antonio Alves olhava entrelida o «samba» ruidoso e rithmico dos escravos em folga, correra a viuva, sustendo os vestidos, ao quarto da orphã a investigar-lhe os segredos e no velho xarão marchetado de um cofre, entre as agulhas finas e a seda enovelada dos bordados, achou alegre de uma alegria má, as primeiras linhas interrompidas de uma carta e que eram: «Nem mesmo eu sei quando nos dará Deus os momentos que já passamos...»

No que era casto viram os olhos accesos de ciume da viuva, a lascivia, e no que era para Mario Neves viram o endereço para Arminio Serra.

A lucta, a vindicta, o combate de morte desde então começou com a expulsão para o paulista, com as torturas para Diana.

Então Bernardo se interpoz—interventor do mal.— E pela quietude sombria de uma noite, quando Diana, já tres vezes vergastada como um escravo infeliz, velava a sua vergonha no crépe do seu soffrimento, olhando fóra a noite de sob o alpendre da varanda, Bernardo se lhe achegou, cúvido e cauto e, tremulo e múrmuro da voz, propoz a cessação do supplicio se ao goso da sua carne fétida e negra ella dêsse o contacto do seu corpo branco e casto e porque

o alvor d'aquella pequena mão tocasse a sua face tigrina, os dentes rilharam cerrados.

Na seguinte manhã Bernardo balia á porta dos aposentos da viuva e narrava, malevolo, calumniador, ler suspeitado e estar certo de uma fuga da orphã com o paulista expulso que, sorrateiro, viria buscal-a pela hora tardia em que todos dormissem, levando-a a Lavras e de Lavras ao Rio, onde unidos e sós, amar-se-hiam felizes, a rirem de Adelia que lhes dera o beneficio.

Pallida, a viuva deleve, subito, o negro: — Tens a certeza? . . .

— Tenho. . .

— E quando? . . .

— D'aqui a tres dias.

— Quem te informou? Como soubeste? . . .

— Pelo João Malhado, com quem elle contratou os animaes até Lavras.

A viuva estacou pensativa, o olhar tórvo, as mãos cerradas cravando as unhas nas proprias palmas. E depois:— Olha Bernardo. Tu tens sido um bom escravo, o melhor dos da fazenda.

O negro balbuciou hypocrita:— Faço o que devo por bem servir minha senhora. . .

— Obrigado. Escuta. Queres a tua liberdade e o dinheiro de que precisas para que possas ir para onde entenderes?

— Se é para servir minh'ama. . .

— E'

— Aceito.

— Qualquer que seja o serviço?

— Qualquer.

— Bem. Esteja logo á noite na varanda, na direcção dos quartos das "mucamas" e espera-me.

Uma das "mucamas" da fazenda, pageadôra das duas creanças, filhas de Adelia, era Maria Martha, então, mulher do meu velho narrador de Lavras deste drama veridico. Maria Martha era confidente de Diana e era no seu seio honesto e negro que a orphã asylava a sua dôr e derramava as suas lagrimas.

A escrava sabia todo o commovente romance da martyr e porque de um quarto proximo ouvira a calumnia ardilosa e vingativa de Bernardo, revelara ao meu velho narrador o lugubre projecto de que se tornara sabedôra, pedindo-lhe estivesse alerta para salvar Diana.

Duas noites após, occultos sob as esteiras em cupula de um carro, cujas juntas eram locadas pelo negro Bernardo, iam, caminho da fazenda para o lugar de Agua-Limpa a viuva vingativa e a moça Diana com mordança de linho e de pulsos atados.

Chegados que foram e junto a caldeirões profundos de antigas lavras dos emboabas, Bernardo retirou, facil, do carro a moça infeliz que de mãos atadas e com a mordança premendo-lhe os labios, voltava os lindos olhos azues e lacrimosos para o céu, onde, arqueiada e luminosa, a via-lactea esplendia, laxeada ao centro pelo fulgor do Cruzeiro.

A' luz frouxa de uma lanterna, o negro abriu a cova em quadro no sólo. A viuva despio a orphã, dos hombros á cintura delgada, fazendo em liras, com as mãos crispadas, o simples paletot caseiro que a vestia, o corpinho e o linho alvo e rendado da camisa que velava os seus pequenos seios virgens. Depois, pegando-lhe os dois globos claros que as veias marcavam com finas linhas sinuosas tenuemente azues e á luz fraca da candeia pousada sobre um lóro d'arvore, gritou, fixando-a terrivel:

— Para o que querias tu isso? . . . Para criares os filhos que tivesses delle? . . . Olha. Vê para o que isso serve . . .

E com o gume dentado de uma velha, de uma larga faca, vagarosa, impiedosamente, de-

morando o supplicio, gosando a tortura inflingida cortou aquelles dois pequenos seios castos — um após outro, puxando-os á frente com uma das mãos e com a outra passando e repassando a lamina no talho aberto. Um avental purpuro cobrio Diana dos seios aos pés.

A viuva jogou para a cova os globos jaspeados, agora rubros e voltando-se para o negro que perto esperava indicou-lhe a orphã;— Acaba. O negro ergueu o nó ferreo da enxada. A pancada foi em uma das fontes; a mordança impedio o grito . . .

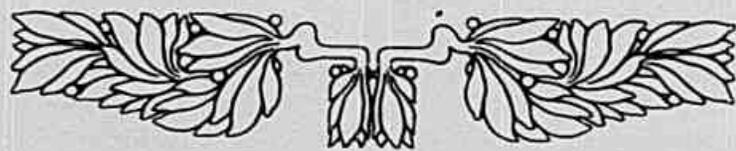
Sobre a terra balida da sepultura improvisada, a folhagem secca de uma «capoeira» perto occultou os indicios . . .

Todos os annos, em um dia incerto de Janeiro, anda, á noite, uma claridade estranha por aquelles lugares — uma como que névoa tenue e luminosa, de uma indecisa fórma humana, que se move, passa e repassa, paira sobre o sólo um rapido instante, desaparece, para mais adiante surgir e novamente apagar . . .

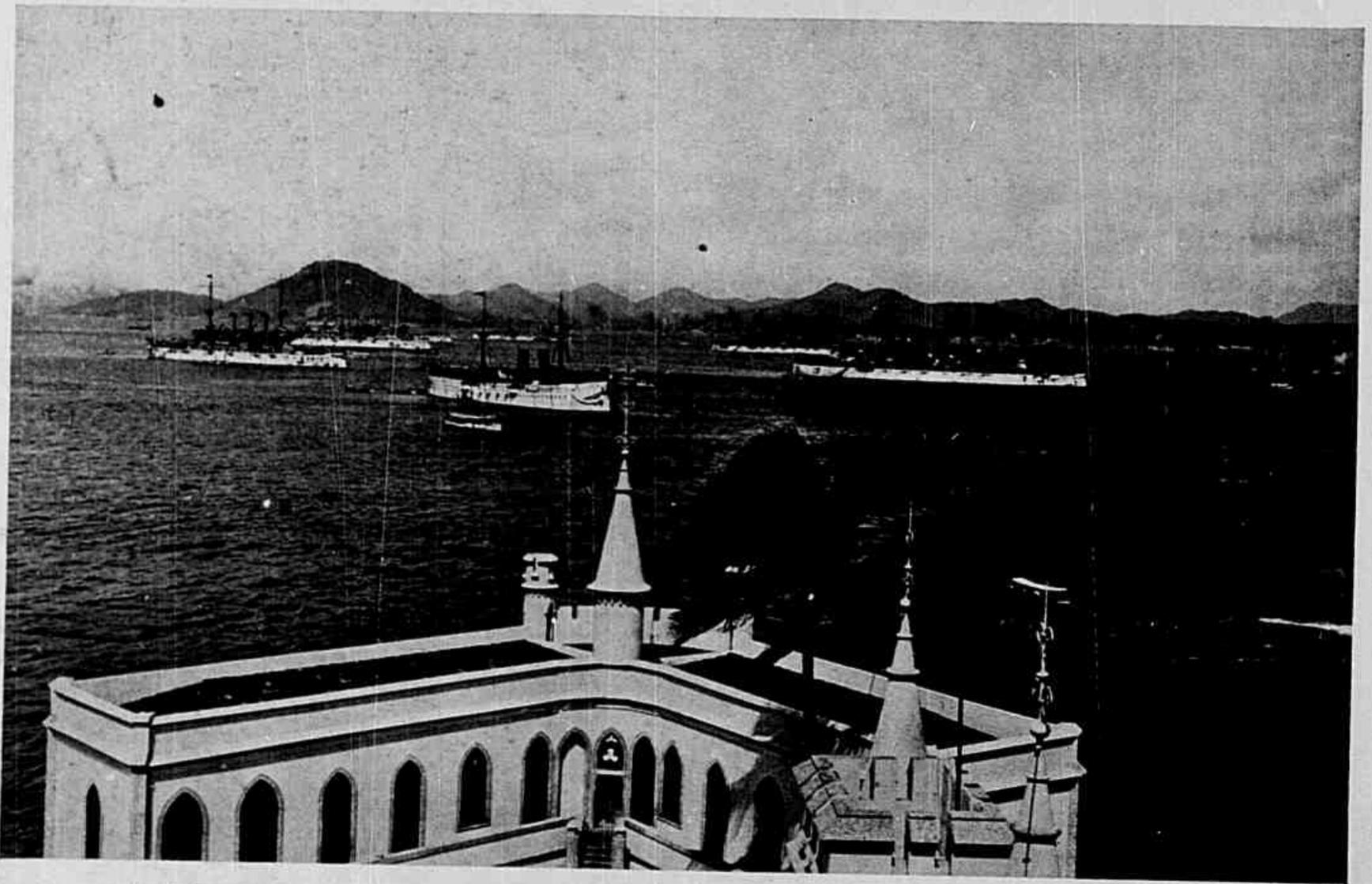
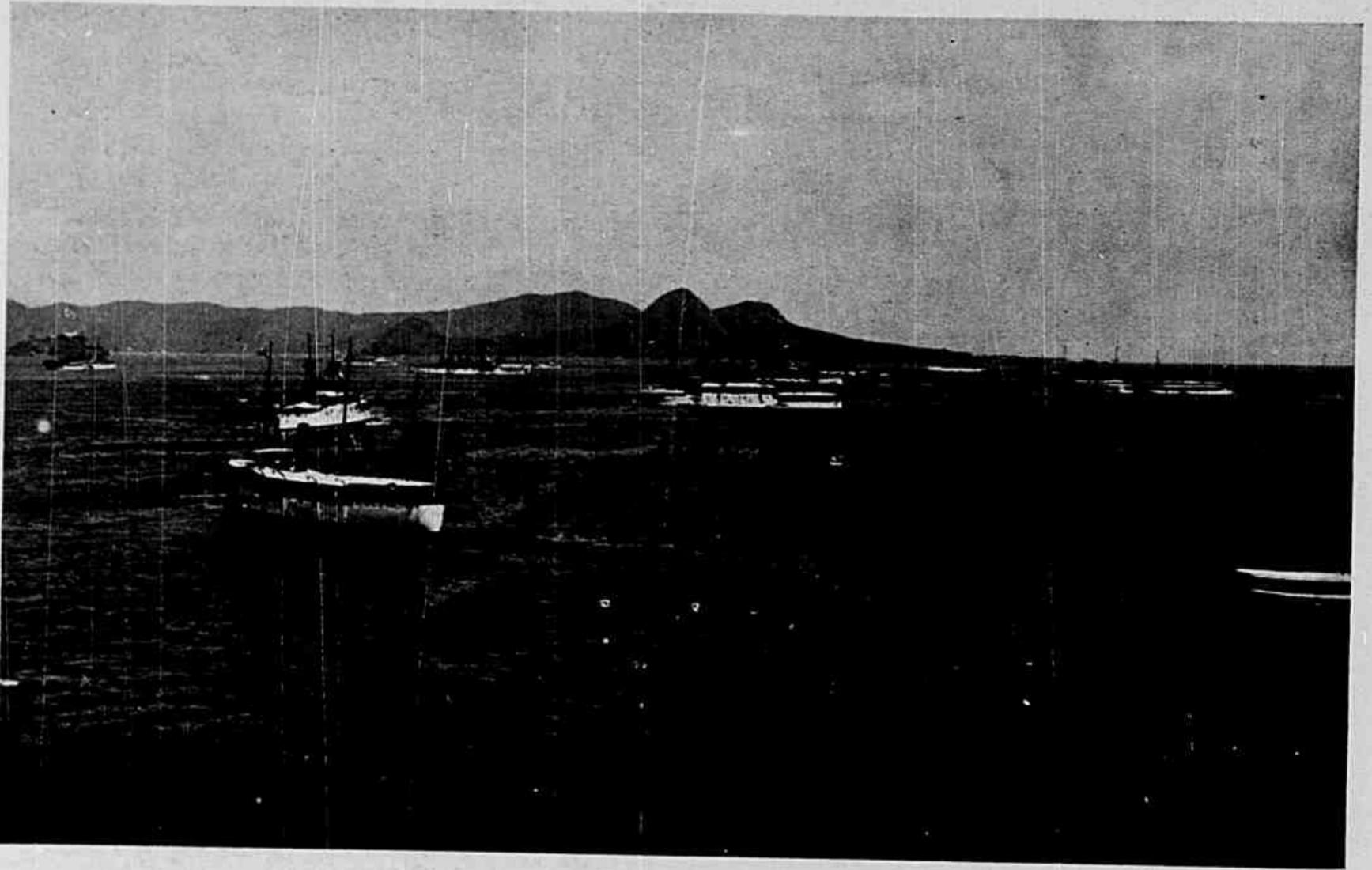
— Ella é Santa Diana, meu amo—terminou o meu velho narrador, batendo na palma calosa da mão o cachimbo apagado e o escorvando com a unha, para de novo accendel-o.

— Ella é Santa Diana.

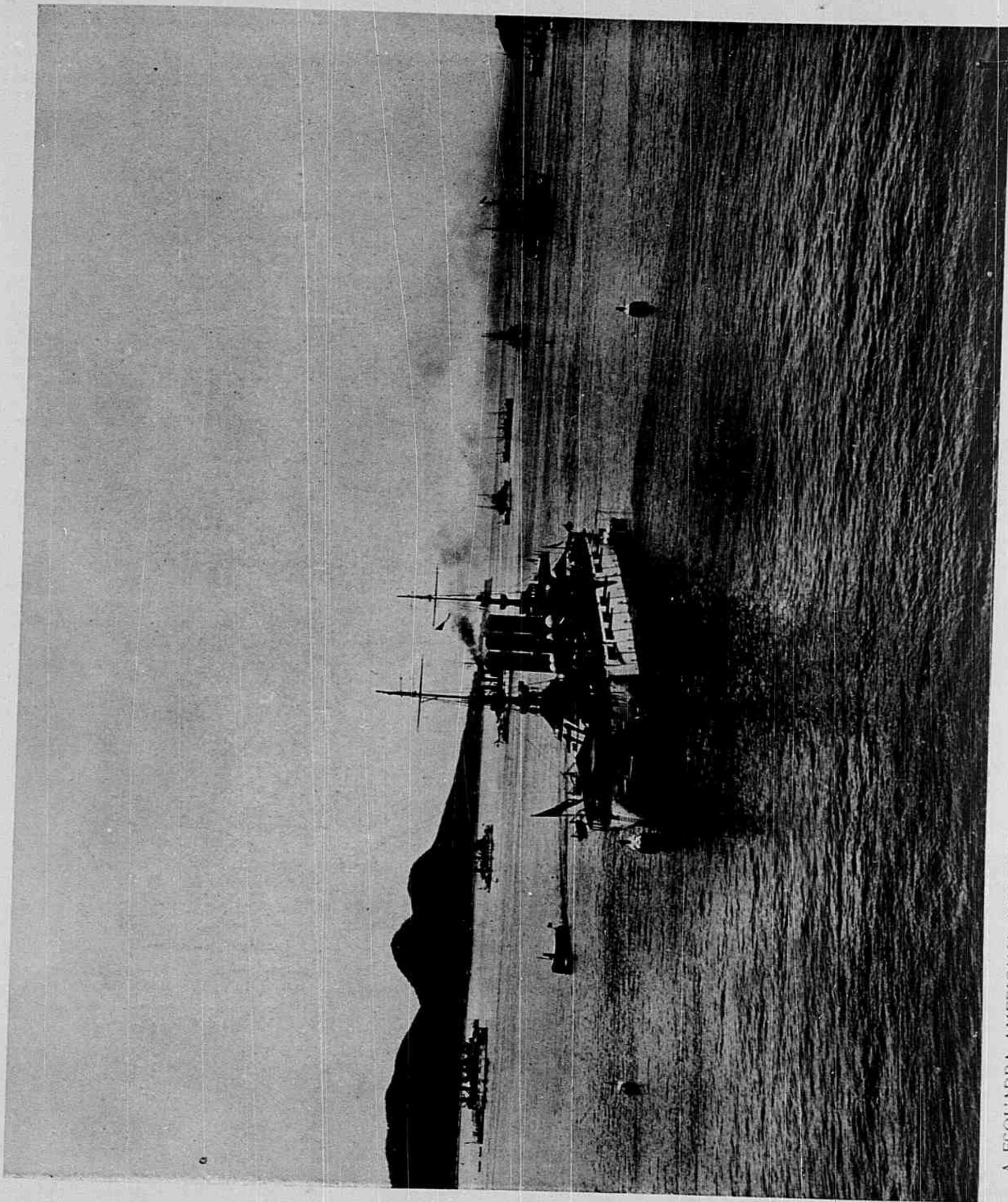
Lima Campos.



KOSMOS



A ESQUADRA AMERICANA ANCORADA NA BAHIA DO RIO DE JANEIRO



A ESQUADRA AMERICANA

TERRA CAHIDA

A CASA do Pedro Cordulo destacava-se na margem, por uma annosa e solitaria mon-gubeira, espetada no alto do barranco, teimosa na reincidencia de se bordar todos os annos de grandes flores rosadas a que succediam enormes fructos carmesins. A arvore sem uma folha, dependurava dos braços hirtos essas urnas de lacca, das quaes, uma vez entreabertas pela maturação, se desprendem na dehiscencia bocados aligeros d'um vello macio e aereo.

O caboclo n'essa ponta de terreno devoluto, creava um «gadinho», em cinco quadros de campo plantado de *miun* e *colonia*.

No verão o *xerimbabo* soccorria-se do *mury* da vasante, mas ficava lastimavelmente magro, o carrapato fartando os anuns aggravava a consumpção das rezes. Uma ou outra entrezilhada não resistia. O verão como uma peste fazia as suas victimas. A pequena pastagem estava rente cortada e amarellecida pelo sol, como por uma tesoura esbrazada. Forçoso tornava-se muitas vezes soccorrer-se de um campo na varzea, emprestado por uns tempos pelo visinho mais rico.

Afóra o campo morrediço, abria-se em torno á barraca, a clareira de um enorme roçado. O Pedro havia-lhe ateado fogo este anno ainda, mas não queimára bem, sendo preciso encoivaral-o todo.

A esplanada estava por isso coalhada de cadaveres de arvores que o fogo semi-carbo-sara. Galhos hirtos, troncos gigantes deitados, chamuscados, e no sólo as victimas como dispostas ainda a repellir a pontações quem tentasse investil-as. No eriçado das hastes prostradas, cantava um motivo de guerra, na desordem das hostes quando a hora chega da avançada e tudo é dessespero na turbamulta raivosa. A victoria, entoavam-na de pé, em meio a negridão calcinada, um taperebaseiro encoifado na sua fronde reversa de esgalhos zambros e um caioés e tucumans onde os labandos andavam ao lambisco nas palmas espatulares.

Mas depois das bategas de Outubro, o resto de verão em Novembro daria tempo a queimar as coivaras. Ficaria tudo limpo. E Dezembro veria os estolhos dos milhos apontarem no seu verde pallido, ao longo da terra domada e fecunda.

O Pedro era tido como um trabalhador infatigavel. «Caboclo onça» qualificavam-n'o os cearenses das cercanias, admirando a extensão dos roçados do caboclo lavrador.

Havia mais de seis annos que elle se ajuntára com a Rosa, uma riograndense do norte,

amarella e escanzelada, que um navio do Sul depuzera com um bando miseravel de emigrantes chegados para a Colonia.

Ella viéra com o pae, um velho que mal se tinha nas pernas, myelítico e asmático, e que se satisfizera em ver o lote que lhe fora distribuido, comer da *boia* do Governo e ser afinal enterrado n'uma cova, entre goiabeiras, no cemiterio de S. José.

Mas o caboclo amava a *cearense*. Deixara a vida nomade de *marisco* por sua causa e fôra trabalhar na terra. Criando o gado de meia, plantando o milho, o feijão, a mandioca e *tirando* umas gallinhas sempre havia isso de dar para sustental-os.

Quatro filhos dous dos quaes a rapariga tivera de uma só vez, eram o melhor encanto de sua vida e a sua maior força d'animo. Os *curumins* saltavam-lhe ao pescoço, acompanhavam-n'o á roça e elle, feliz, trazia-lhe vagens de ingá ou pajurás e mimava-os sorrindo... Feliz o Pedro, mesmo que o gado todo pestearse, a sauva comesse toda a roça ou desse o mal nas fructeiras...

Sempre de terçado em punho, do nascer do sol até quando descambava no poente, o Pedro não largava o trabalho. O descanso era para a caça ou marisco, ou para entaniçar o tabaco, ou para calafetar a canôa. Só afastava-se da sua lavoura e criação raramente, quando obrigado por um *ajuri* ou a servir de padrinho em Itacoatiara ou então por motivo excepcional e grave.

A matta faz do lavrador uma sentinella alérta. Abandone o homem o seu posto e ella vigorosamente irrompe pelas linhas do roçado, d'elle se apoderando de novo. E então a diffi-culdade augmenta. A floresta resurgida atabafa-se de rebentos e espiques, vergonteadas, pedunculos, vem em capoeira, isto é mais adensada de ramas e de hastes finas mais impene-travel portanto.

Porque a terra, por ser tão fecunda prejudicava...

D'ahi a mezes, antes mesmo que o legume amadurecesse, as gitiranas e o melão de S. Caetano embalseirariam a roça, completando a obra das jurubebas taxys, embaúbas e taquarys vindas para aniquilar em capoeira a derrubada e queimada já lavrada. Para isto não acontecer, seria preciso não descansar com a enxada e o terçado. Si Pedro fechasse os olhos, quando os abrisse, a floresta pertinaz tornava a occupar o lugar d'onde fora repellida.

Com a floresta, a broca é facil e o machado completa rapido a destruição larga, iniciada e repartida com a *broca*.

Para atacar a capoeira o machado é inutil e só o terçado tem de abatel-a no seu basto encortinamento verdeal. E uma faina infindavel.



A vegetação é ramosa e miúda, enrodilha-se nova e compacta. Si com a roça é isso, com o campo é o mesmo — “vira em *cacaia*”. No alastramento do capim vinga sempre o mattapasto a querer acabar abafando os uteis paniscos ou grammineas.

Mas ahí, ainda é o fogo o collaborador efficaz do criador. No verão, resguardadas as cercas e plantações, pela tira do aceiro, elle passa devastador, até que a primeira chuvada de Outubro ou Dezembro, n'uma só noite faça reverdecer, n'um milagre, a terra enegrecida e adusta.

Mas a floresta defende-se com a humidade. Fica apenas de bordas crestadas. E a queimada extingue-se afinal no seio que a alimentou, derrubada.

Em frente da casa do Pedro as lorangeiras em renque, ao pé do barranco estavam todas a morrer de um polvilho que por toda a casca e folhas litteralmente as cobria, desde o inverno passado. Dous coqueiros tinham as palmas amarellecidas, enfermados pela *broca*. Um copuseiro inexplicavelmente, não sustentava os fructos. Viçosas somente, uma touça de tajás e umas bacabeiras cujos pennachos eram como kanitares immarcessiveis de selvagens.

Do alto, no terreiro, divisava-se para cima a Ponta Grande, o Irlanduba, o Tapihyra e mais perto esse Moary, que é uma pedranceira que o rio teima em demolir, n'um esforço desesperado de sua borbulhosa e multiflua correnteza; e para baixo a barranca do Bararué, grato á hospedagem dos ninhos das *arirambas* grasnantes e depois a curva prolongada de “S. Antonio” abaixo...

N'essa tarde de sabbado, o fumo das queimadas rodeiantes empardecia os ares, antecipando de muito a cinza crepuscular. A margem fronteira indecisa por longinqua, mais indistincta ficava n'aquella hora pacifica e esfumada em talagarça de crepes aereos.

Era para a outra banda que o Pedro com a familia teria que partir ao escurecer, convidado como o fóra, a um “pagóde”, pelo compadre Pacú.

Naquelle trecho da costa havia, n'esse instante, um movimento desusado de montarias, todas com o mesmo rumo aonde se annunciára a festa. Iam pejadas de gente e de bagagens, como na partida d'alguma monção de bandeirantes.

Mal escureceu de todo, por signal que um “gaiola” descia illuminado, coruscante como um extranho vagalume que tivesse por todo o corpo as lanternas que costuma accender na cabeça ou no abdomen, o caboclo desceu ao “porto” com a Rosa e os filhos.

Uma lua alva e redonda vinha montando a altura, a desenrolar pelo rio uma faixa tremula de reflexos e scintillas.

Outro vapor subia, tambem todo luz, com o pharol verde e o vermelho regulamentares, accesos como um rubim e uma esmeralda distinctos na pedraria fulgente da enorme carapaça chispeante.

Ao approximar do pagóde, já se ouvia o som dos instrumentos, avelludados á distancia, n'agua e na noite.

Indo rente ás cannaranas da margem, Pedro esbarrou com uma dezena de montarias agglomeradas n'um “porto”.

Com os compassos de uma polka lepida que chegavam claros, rompendo o rumor abafado de vozes e pés batendo no chão, a barraca do Pacú surgio illuminada como um d'aquelles barcos.

O desembarque do Pedro fez-se a custo, saltando pelos outros casco das montarias, enconchadas, presas umas as outras.

Um caminho alargado de novo, levava por entre o cannaranal ao terreiro da casa afogada nos cacoeiros e abieiros. N'esta, em duas salas, os pares se atopetavam dansando. Encostados ás janellas, ao sereno, muitos convidados espiavam... No puxado, onde se dispunham muitas rêdes armadas, era uma azafama. Caboclas, velhas algumas, embalavam os filhos ou netos, outras, á beira de um fogo esperto, preparavam o cacáo e o café. Passava para as salas gente com “Xarões” cobertos de chicanas e copos. Gemmada, vinho abafado, aguardente, era distribuido por todos em intervallos curtos. Caboclinhas cheirosas de pipirioca e baunilha, em grupos tagarellavam da casa para o puxado e do puxado para a casa, “Axi! Tertulina...” “.. O Manduca não veio. Está pr'o lago, *dizque*...” “Botão!!...” “...Vejam só gente...” “A comadre Catharina esperando...” “Prima, venha...” E concertavam os enfeites dos corpinhos dos vestidos ou os jasmims atados ao alto da nuca n'uma volta cheia dos cabellos presos n'um penteado uniforme. O cavaquinho, os violões, a rabeça e o clarinete não repousavam, emendando as danças varias. Os “tocadores” se revejavam com alguns dos que dansavam. Os cavalheiros em mangas de camisa, muitos, sobraçavam as damas embonecadas e sem fadiga.

E assim as horas corriam céleres para essa gente, n'um embriagante alvoroço de festa, interrompendo a monotonia de seu viver roceiro por aquellas beiradas tristes.

A manhan despertara aconchegando uma rala neblina sobre o peito roseo que o sol, como um botão de ouro fechava castamente. E o sol alto ainda vira o pagóde em pleno. Continuará até ao dia seguinte, talvez. Emquanto o curral fornecesse a tartaruga e os paneiros da farinha não se esviassem, porque terminar o baile?



Pedro porém, sentia-se fatigado. Commentava com amigos: Ah meu tempo!... E deixava-se ficar na palestra, olhando de soslaio os pares enredados, freneticos, pulando n'uma atmosfera irrespiravel da poeira raspada do chão pelo arrastar dos sapatos.

Por baixo dos cacoeiros grupos de redes, onde alguns convivas tresnoitados, mais lassos, recuperavam forças. A beira d'agua outros lavavam as roupas de muda.

E o pagóde continuava agitando alegremente a caboclada que para se divertir viéira até do paraná da Eva e da Conceição do Serudo.

Ninguem se lembrava de partir. A orchestra fôra durante o dia substituida por uma harmonica, mas á noite, com a mesma lua redonda e alva espalhando scintillações no rio, os instrumentos retomaram a fiada nervosa das danças.

Pedro determinara, porém, partir e enquanto esperava que se apromptassem a Rosa e os filhos, tragava com pachorra uma fumaça do cigarro enrolado em taquary, tomando parte na conversação de um grupo.

De subito todos ouviram, na serenidade ambiente, um fragoroso ruido, como d'um longinquo trovão ribombando.

— Hade ser terra cahida, observou o velho Pacú. E todos confirmaram a explicação do Compadre.

Do terreiro evolava-se o perfume penetrante de resedás e de uma touça de jasmims *general*.

Pares enovelavam-se n'uma contradança, ao clarão bruxoleante de lamparinas em nichos nos muros, quando Pedro com a Rosa e os filhos tomaram a montaria. A's insistencias do Compadre para que não fosse, considerava o Pedro que no dia seguinte era segunda-feira. Ficassem os outros, os solteiros, elle tinha um roçadão a encoivarar e filhos e mulher a dar de comer.

Já longe, a musica do pagode morria em arquejos tenues. Só um resto esfiapado de sons brandos trespassavam a noite onde o luar punha a magia de sua luz plantasmagorica.

O Pedro á prôa remava n'um mar de scintillações de joias. As margens eram um mesmo risco de tinta negra, mas a face do rio era o fundo do Eldorado.

Custou bastante a travessia, quanto mais que o rio arfava inquieto, fluctuoso, nas ondulações de um forte banzeiro.

O Pedro chegando perto da costa, onde devia estar o seu porto, extranhou. Não conhecia mais a sua terra. Que ter-se-ia dado? Estaria com somno? E passou as costas da mão pelos olhos cansados. Nada. Onde estava a sua casa? Olhava com afinco a nodoa escura do barranco e não decobria a sua moradia. Não tinha se enganado, estava certo.

O Tapihyra o Mauary mostravam-se alli para cima, distinguia bem o lagedo d'este; para baixo a castanheira da velha Archangola, o Bararué...

Approximou mais a montaria da beira e então reconheceu. Estava de facto bem de frente de sua posse. Mas a terra cahida fizéira desapparecer toda a frente, com a mongubeira, a barraca, o curral, as lorangeiras... Agora estava uma barreira a pique. A galharia da queimada primitivamente ao fundo da casa, desenvolvia então na beira do rio uma linha de abatizes, na crista da muralha alcantilada.

Escapára o Pedro d'um alçapão com o prejuizo de cinco annos de lucta perdidos. Tanto esforço dia a dia, hora a hora, e os sonhos, o suor e os seus bens, aniquillados com um absurdo: — o sumiço da propria terra! Quando o seu futuro se architectava no que ha de mais solido, ruia essa mesma base. Fundar na terra, seria construir nas nuvens.

O caboclo sentio uma oppressão que lhe entercortava o respirar, diante da *terra cahida*. No fundo da canôa um dos pequenos choramingava, no collo magro da Rosa estarecida.

A remadas solennemente pausadas, Pedro endireitou definitivamente para o barranco, procurando no esboroamento uma escarpa menos ingreme. A's apalpadelas subio.

No alto rostrado, as arvores da queimada receberam o homem aggreindo-o espaldeando-o a chuçadas. Não proferio queixa alguma. A' palavra inocua elle preferio o gesto fecundo.

No dia seguinte, o sol nado, a victima era um vencedor. O caboclo rodeado da mulher e dos filhos, plantava na chão, ao alto da *terra cahida*, o esteio de sua nova habitação.

Esse páo colhido por elle na queimada rodeante era um pendão de triumpho.

A terra podia desapparecer, o caboclo ficava. Acima das convulsões da natureza, acima da fraqueza da terra, estava a alma do nativo, com tranquillidade e fortaleza.

De sorte que, quando o mesmo sólo naufraga, só ella fluctua salva na arca do proprio peito onde uma grande esperança volta sempre, mal cessa a cataclysmo que o arrastava, poupando-o.

Afinal de contas, a *terra cahida*, a *terra cahida* bem póde ser a definição do Amazonas. Por vezes no seu sólo alluvionario tudo repentinamente se afunda, mas se reconstitue. Cahe a terra aqui, alli e a terra se accresce. Resulta que n'esse jogo de erosões e de atterros a lucta do homem é a de um Sysipho invertido.



Chronica de Mestre Alvaro

I

NAQUELLA risonha manhã de março, mestre Alvaro Gaya espartara alegre e prazenteiro. Sentado á porta de sua loja, sita a meio de esconsa viella da Baixa, saudava os visinhos com largos gestos duma cordialidade jovial, falando numa tagarellice feminina, entrecortada de ruidosas gargalhadas.

A trovoada que na vespera alijara da atmosphera as espessas nuvens fuzilantes, logo seguida de tropical aguaceiro, ultimo signal do estio expirante, como que varrera tambem do cerebro do velho artista as inuteis preocupações mundanas, restituindo-lhe a placida beatitude de que o haviam revestido longa pratica e convivio com os santos da sua officina.

Na taboleta azul, sobreposta á porta da casa, em letras brancas debuxadas com raro gosto, liam-se as palavras: *Alvaro Gaya—Incarnador*. Mas o povo o chamava Mestre Alvaro, o Santeiro, e por essa alcunha era conhecido de toda a cidade do Salvador, em igrejas e beaterios, desde as toscas cabanas de Santo Antonio da Barra, extramuros, até a casaria da Alta faustosa e afidalgada.

Com o motivo que assim fazia expansivo o regosijo do pacato santeiro não atinavam os visinhos, por mais argutos calculos e perspicazes conjecturas que engendrassem. Devia ser cousa de grande monta, pois a alacridade de Alvaro Gaya, fôra sempre discreta e serena, como convinha a quem, longe do bulicio mundano, se offertava todo á sua arte, vivendo immerso no mysterio das santas vidas de seus gloriosos canonizados.

Porfim, mestre Alvaro cerrou a porta e acolheu-se á officina, encostando os batentes internos do mostrador, para que os transeuntes, contemplando as imagens, não o perturbassem dentro da loja com suas bisbillhótices curiosas.

A sala abria para um pateo, donde vinha a luz em jorros; num arranjo methodico, imagens, candelabros, baixos relevos, enfileiravam-se nas prateleiras e no chão. Ali estavam velhos santos carunchosos, aguardando que as massas e as tintas lhes restituissem as galas e a composura que o tempo levava; thaumaturgos maltrapilhos que deixavam de obrar os tradicionaes milagres á mingua de roupagens e europeis.

Sentou-se o artista, mas a alegria que todo elle radiava punha-o num desassocego nervoso que lhe estorvava o trabalho. Seu jubilo precisava expandir-se, ser visto e ouvido, alar-se para muito além daquellas mudas e frias paredes; mas não tinha a quem communicar-o, descerrando os mal fechados labios numa so-

nora expansão de palavras vibrantes. Tirou do bolso um papel e, como lhe faltasse interlocutor, leu-o a si mesmo em voz alta.

Ah! como lhe cahiam n'alma aquelles dizeres laconicos, em tremulos rabiscos, da breve missiva! Sua fama atravessara o oceano; na luza metropole gabavam a perfeição rara do S. Jorge que elle com tanto desvelo esculpira para uma das igrejas do reino.

De novo releu a epistola e agora, de pé, treslia-a em surdina, a sorrir, acentuando os topicos com emphase, reforçando a phrase com o gesto:

«O nosso reverendissimo arcebispo ficou encantado.» «O povo tem vindo admirar a vossa obra que é mui gabada pelos entendidos.» «Frei Antonio, confessor de sua alteza, levou-o...»

Nesse ponto bateram á porta. Era o conego Peres, deão da Sé e capellão dum convento de freiras, velho amigo sempre recebido com agrado.

Logo o velho Gaya, mal o anafado sacerdote transpoz os humbraes, metteu-lhe a carta nas mãos, sem mesmo saudal-o.

— Dê-me primeiro os bons dias, senhor mestre Alvaro, disse o Peres e poz-se a ler, enquanto o outro se quedava em risonha expectativa.

E concluiu depois, fazendo uma curvatura:

— Dou-lhe o parabem, senhor mestre Alvaro Gaya; a vossa fama já chegou ao reino.

E acrescentou desconsolado:

— A minha ainda não passou destes Brazis...

Mestre Alvaro achou-se como que alliviado de enorme peso. Sua alegria encontrara afinal um echo sympathico na alegria amiga do conego deão; porque, naquella ancia de se expandir, elle insuflava o proprio contentamento, não para ser entendido, mas para ser partilhado. Sahiu lepidamente após, a preparar as tintas de seu officio.

Entrementes entrou uma nova personagem. Era Maria da Graça, filha do santeiro.

Branca e loura rapariga de olhos azues, seria esbelta si lhe não alquebrasse a juventude um ar doentio e cansado, oriundo das praticas beatas. Mesmo assim a belleza pairava em sua fronte, e a simplicidade e a modestia a tornavam formosa.

— Bons dias, senhor deão, disse ao entrar.

E beijou, a sorrir, a mão gorducha do Peres.

— Bons dias, minha noviça, tornou o padre satisfeito, attrahindo-a e affagando-a com a useira manha do raposo amestrado na caça ás ovelhas de que se finge pastor.

Acariciou-a com a ternura concupiscente do macho, mal enterrada nas dobras da batina, e enlaçando-a pelo busto, falou-lhe da vida conventual, das graças celestes, do convivio dos santos e doutras venturas só conhecidas dos eleitos que se consagravam ao Senhor. Phrases

sediças, pronunciadas sem fé, que, por muito uso, elle dizia machinalmente, como passava por entre os dedos as contas cebosas do rosario.

— Veja si convence o pae, disse a incauta donzella, já empolgada pelo abutre.

— Prepara o corpo e a alma, filha; o pae ha de ceder, eu saberei convencel-o.

Mestre Alvaro voltou; a rapariga sahiu.

Sentaram-se os dois homens. O Peres dentro do negrune da habito em meio de tantas imagens, parecia um desses santos freires da idade média; a seu lado Alvaro Gaya ostentava o athletico perfil de velho apóstolo, numa tranquillidade que as longas barbas grisalhas faziam veneravel.

O artista iniciou a detida tarefa. Trabalhava na restauração de carcomida imagem de S. Pedro e de momento a sua faina se concentrava toda na barca.

Mettido no interior da embarcação symbolica, ora sentado, ora de pé, o santeiro lidava; enchia de massa os buracos abertos pelo cupim, calafetava com pequenas lascas as fendas da madeira e, armador sagrado, carpintejava sem respeito aquella quilha em ruinas.

A pequena distancia o Apóstolo Pescador com as vestes em andrajos parecia esperar paciente que o fragil artezão puzesse em estado de navegar a sua desarvorada não, encalhada no interior daquella obscura officina, e com olhos tristes contemplava absorto o trabalho da pobre creatura sem cujo auxilio jamais poderia singrar os mares celestiaes.

Entre o padre e o incarnador proseguia o dialogo, descansadamente, cheio de pausas, cortado pelas fumaças que ambos tiravam dos fumegantes cachimbos, fumaças que envolviam irreverentemente as santas imagens numa athmosfera nebulosa que lhes aguçava saudade do céu.

Entretanto, o conego parecia absorto; vacillavam-lhe as palavras nos labios, tentando rumo diverso, como si o pensamento volvesse para muito além dos assumptos occasionaes.

De subito, tal si as intimas idéas vencessem num repelão a muralha que as continha, disse, numa voz indecisa e velada, como que medroso de ser ouvido:

— Mestre Alvaro, muito vos tenho a dizer, para vosso bem e salvação de vossa alma que não está nas graças do Senhor.

O santeiro ergueu-se attonito dentro da barca.

— Que dizeis, senhor conego?

— Sim, tornou o Peres, já agora reforçando o timbre aterrorizante das primeiras palavras, vossa alma não está nas graças do Senhor.

Não sei em que tenha ultrajado os divinos preceitos do nosso Redemptor que é testemunha da boa fé dos meus actos e da pureza das minhas intenções.

— Não se trata da boa fé de vossos actos, atalhou com arrogancia o deão, mas de vos-

sas obras contrarias aos divinos ensinamentos de nossa santa Igreja.

— E que impiedade commetti?

— Quereis impiedade maior que contrariar os pios sentimentos de vossa filha, fechando para ella as portas do convento, o caminho da perfeição?

— Ella se fará perfeita fóra do convento. Posso lá consentir que me roubem o unico bem que possúo na terra?

Alvaro Gaya proferiu essas palavras com tal vigor que por instantes o Peres se deteve. Mas durou pouco a tregua e de novo a luta se travou entre os dois homens de sentimentos oppostos, um que defendia com resoluta vontade, que a calma tornava mais energica, a intangibilidade de seu lar, outro que o salteava á traição, buscando na rapina das almas a posse dos corpos e das fortunas.

Mas o acaso cortou a contenda quando mais renhida se travava; um novo personagem appareceu.

II

Era Paulo de Olanda Cavalcante, capitão do terço de bésteiros a cavallo, que entrou na loja com apparatus mavortico, arrastando a durindana.

O Peres retirou-se discreto, e antes que o santeiro lhe perguntasse ao que ia, disse-o Olanda: — A minha gente encommendou-me um Santo André... Esse vosso modo de segurar os santos não é dos mais reverentes...

E refestelou-se, a rir, numa cadeira.

— Eu os faço, senhor capitão, explicou o artista penetrando na barca. Como quereis que trate as minhas creaturas?

— O convivio dos apóstolos e dos bem-aventurados, em vez de vos edificar, a modos que vos fez um tanto heretico...

Mestre Alvaro encolheu os hombros, esboçando um sorriso vago; o capitão continuou:

— Faça-me um Santo André que encha de orgulho os meus parentes de Olinda e de inveja os mascates do Arrecife; um santo que edifique a toda a gente.

— A começar pelo senhor capitão...

— A mim! Eu me edificarei por essas igrejas com as raparigas de mantilha, santas de minha particular devoção.

Dahi o colloquio derivou para outros assumptos, approximando os dois homens que pela vez primeira se encontravam.

Os sinos da cidade badalaram meio-dia.

— Lá está o maroto do Paiva a chamar-me ao quartel.

— O mestre de campo? Dizem ser um guerreiro valente.

— Historias! Não passa dum aventureiro armado vindo d'além-mar fazer fortuna com



a espada embainhada, traficando como mercador. São todos assim esses reinóis.

Taes palavras pareceram calar no animo de Alvaro Gaya.

— E' verdade; nós, os de cá, servimos para trabalhar e obedecer; elles governam, traficam e enriquecem á nossa custa.

— Senhor mestre, frades e marotos são duas pragas.

Feito o ajuste, sahiu o official; o artista quedou meditativo dentro da barca, evocando os contrastes de tão poucas horas.

E assim aconteceu pelos dias andantes. Empunhava a ferramenta, proseguia na tarefa da vespera, mas em breve a meditação paralyzavalle o braço e o espirito se perdia no vago infinito das cogitações. Como beduino desorientado em arido deserto, via desvanecer-se no turbilhão do embuste a miragem da antiga fé.

A privança dos clerigos e a intimidade das cousas religiosas em vez de lhe augmentarem a crença antes o tinham saturado de septicismo. Via a Igreja sem a venda do mysterio, devassando-a em todos os seus reconvos e meandros; muitas vezes as palavras que proferia trahiam os laivos de heresia que lhe solapavam a fé.

Foi nessa crise d'alma, quando o milhafre da Sé urdia com traçoieira manha a rapinagem em seu lar, que lhe appareceu Paulo de Olanda, e o primeiro encontro com o pernambucano logo lhe abriu no pensamento larga brecha por onde idéas novas se precipitaram num jorro continuo. Foi assim caminhando da igreja ao estado, da divindade á soberania. Levantada a cortina da religião, foi por detraz della surgindo o muro esboroado do regimen; começou a dominal-o o espirito da terra.

E o momento propiciava o despertar nativo. Como ao tempo do motim do pescado, o povo da cidade e da capitania movimentava-se ao impulso de estranhas paixões que o jesuitismo timbrava em imputar ao espirito de rebellião da gente natural.

A seu turno, Olanda ia sem o saber semeando a heresia e o nativismo que seu sangue, meio indio, meio flamengo, reumava, attrahindo a ogerisa dos naturaes do reino. Versado nas letras e inclinado ás musas, seu genio bellicoso satyrisava os vicios e as imposturas com affeito desassombro; picava-se o Peres de raiva quando nelle reconhecia o autor do epigramma que era o seu vilipendio:

O velho conego Peres,
Feito agora mercador,
Vende por trinta dinheiros
A casa do Redemptor.

Para maior desdita do atribulado santeiro, á medida que suas crenças maternas derivavam aguas abaixo, arrastando-o ao pelago inson-

davel da heresia e da rebellião, Maria da Graça, a filha que era todo o seu enlevo, immergia mais fundo nas trevas adensadas em torno de sua fragilidade pela visão embusteira do claustro, julgando galgar os degráos da fé, caminho do paraizo que a mentira clerical lhe apontava. A falsa humildade e o diabolico zelo do deão burlavam a energia resoluta de Alvaro Gaya; firme no rapinante intento, farejava a presa, á espera do minuto propicio ao definitivo arranco.

III

Certa noite havia festa na Sé, palliativo sedição para arredar o povo dos tumultos prestes a irromper. Como de costume, grande era a concurrencia e a praça, atravancada de cestos e taboleiros das pretas da Costa, as janellas ostentando colchas riquissimas da India e candelas de azeite, tinha uma apparencia de gala no meio da calma trevosa da cidade adormecida. Liteiras fidalgas, vindas de todas as bandas, rompiam o poviléo, cujo vozerio era sem cessar cortado pela grita constante dos aguadeiros; clerigos passavam, arrastando as vestes, seguidos de beatas impertinentes, envoltas em mantilhas negras, e os famulos da gente rica cochichavam em grupos os escandalos e as mazellas dos amos.

Mas o mal estar não se desvanecera de todo ao clarão das luminarias e os que não haviam penetrado no templo trahiam nos comentarios á meia voz a sedição imminente. Olanda passeava entre o povo o luzido uniforme, semeando epigrammas com a altaneria que tanto chocava os aulicos, e quando os sinos bimbalharam annunciando o fim do *Te-Deum*, postou-se junto ao portico, acariciando a pontuda barba á hespanhola, olhos mordazmente fitos na desfilada continua.

Primeiro o governador, depois a cortezania passaram; a algazarra e o vaevem recrudesceram; quando o Peres surgiu, fossando o ar com as ventas infladas, no meio da turba uma voz frauteou a chufa do pernambucano e ainda bem não emmudecera já outra cantava:

O provedor da fazenda
Cá chegou sem um real;
Já tem hoje sete quintas
No reino de Portugal.

O provedor fuzilou o olhar em roda e como deparasse com o capitão de besteiros, autor da quadra, não se teve em si e avançou para elle; o alarido cresceu e enquanto a massa tomava o partido do official, os palacianos enfileiravam-se ao lado do funcionario. Foi assim que teve começo o motim.

Em pouco os sinos tocavam a rebate; os terços alinhavam-se nas casernas e a multidão

assanhada evacuava a praça e ia se congregar noutros pontos, clamando reformas

Envolvido no torvelim da arruaça, Alvaro Gaya perdera-se da filha. Debalde pesquisou os sitios convisinhos, as casas amigas; nada o esclareceu.

Recolheu-se á loja acabrunhado, debatendo-se á noite e á madrugada nas alternativas da confiança e do desespero.

Pela manhã, a desordem campeava nas ruas, alguém o poz no rastro da filha: viram-n'a em companhia do conego deão que, sem duvida, a teria conduzido para o convento, pondo-a a coberto das vilanias da plebe. Mestre Alvaro sentiu tremendo abalo e adivinhou o esbulho de que ia ser victima; foi ao mosteiro.

Não lhe valeram supplicas nem ameaças; ao envez de encontrar a filha amorosa e humilde, deparou com a beata já envolta no habito do fanatismo claustral. O falso amor divino sobrepujara no coração de Maria da Graça o amor filial e o Peres, triumphando porfim, dera ao rebanho fradesco mais uma ovelha para a tosquia monastica.

Volveu o santeiro á casa e na solidão do lar vazio entregou-se ao desespero de sua dôr inconsolavel.

Entretanto mourejava com afan, á luz clara do sol, ao clarão indeciso da lampada, buscando no trabalho um esconderijo para a sua desgraça; e tão atarefado esteve pelos dias seguintes que não deu fé do tumulto que mais a mais avultava.

Alvaro Gaya era ao tempo um dos homens bons indicados para a vereança da cidade, mercê de seu zelo pela causa publica em mais duma emergencia. Foi a turba tiral-o do doloroso retiro, proclamando-o «procurador do povo.»

Ao vel-o, a multidão revôlta acclamou-o e em tropel, rolou compacta para o palacio do governo. As milicias tinham desertado os quartes e os terços regulares, ilhados nos fortins do litoral, sentiam-se impotentes para deter a lava humana que torrenciava pelas ruas da Metropole do Oceano.

Na sala nobre do paço, o governador, com o aulicismo acovardado em roda, recebeu a embaixada. Mestre Alvaro falou. Sua voz, cava a principio, foi se exaltando aos poucos; esquecido da propria dôr, elle descarnou com eloquencia as dôres da multidão, de que a sua não mais que infima parcella; desnudou-lhe as miserias com altaneira coragem.

— Bem vos tenho dito, atalhou cynicamente o Peres, que as vossas acções vos hão de levar á forca ou á fogueira.

— Na forca e na fogueira vivemos todos os dias; na forca d'el-rei, que nos leva as fazendas, na fogueira da inquisição que nos consome as almas.

Cedeu o governador, mal dissimulando a fraqueza com a prosapia de fidalguia. Declarou suspensa a cobrança dos dizimos sobre o pescado e a farinha e divagou incertas promessas sobre as outras queixas.

Bem lhe adivinhou a burla o santeiro, mas a turba tolheu-lhe o protesto: uma vez garantida a integridade da pança, rompeu em acclamações ao representante real, esquecida das outras exigencias. A ephemera bernarda affogou-se nas manhas palacianas e o *juiz do povo* tornou ao deserto lar.

Sahindo de chofre do meio daquella turba multa onde por momentos mergulhara as suas maguas, mestre Alvaro, no deserto silencioso de sua officina, sentiu adensadas as trevas de sua desgraça. A consciencia da miseranda realidade punha-o numa tensão delirante que lhe enchia o pensamento de espectros e visões.

Sobreveio a noite e com ella as fantasmagorias dum pesadelo empolgaram-lhe o cerebro enfermo. A luz tremula da candeia as imagens pareciam mover-se contorcidas dentro de enorme fogueira, dansando um bailado macabro. A coloração rubra transfigurara as suas doces physionomias, revestindo-as de odio e de ferocidade que contra elle se voltavam.

Bem reconhecia debaixo das mascaras de duendes os celestes bemaventurados com quem convivia; e chamava-os pelos nomes, implorava-lhes que o deixassem na paz de sua officina. Mas os anjos e os santos, como si em verdadeiros demonios se houvessem convertido, escarneciam de suas supplicas; ora avançavam, ora recuavam, em gargalhadas estrepitosas, empurrando-o, batendo-lhe com as palmas e os bordões. Nas mãos de muitos os sacros attributos tinham se transformado em foices e tridentes que lhe retalhavam a carne. E o santeiro tinha a idéa vaga de achar-se no inferno, onde toda a cohorte dos santos descera, endemoninhada, para arrojá-lo ás labaredas expiatorias do orco; de dentro da barcaça de S. Pedro, Satanaz dirigia o sacrificio infernal.

Toda noite passou-a mestre Alvaro naquelle pandemonium.

IV

Como de costume, acabada a missa, as freiras desceram ao jardim e o conego capellão retirou-se apressado.

A capellania do convento multiplicava pinguentemente a congrua da Sé e a casa do Peres guardava secretamente os regalos mundanos que a eloquencia de seu dono usava condemnar do pulpito como dadas do Diabo.

Maria da Graça faltara á missa, mas tinha o rosto macerado por longa vigilia e, sentada na ampla poltrona onde o conego descansava



a sua rotundidade, parecia absorta, como si recordasse preceitos novos ouvidos na vespera.

— Já levantaste, perguntou o Peres entrando?

— Foi tão longa a demora... A superiora não deu fé da minha ausencia?

O Peres desatou a rir.

— Não te apoquentes, Gracinha; a madre superiora pensa antes na ausencia de frei Domingos que na tua

É entrou a desenvolver aquelle ultimo noviciado necessario á educação do claustro. Bateram. Foi ver; era Soror Trindade. Tentou despedil-a com palavras brandas, mas a recém-chegada não attendeu á predica; á outra também não agradou a chegada da nova crente.

— Nada de zelos, cortou o Peres com autoridade

Mas as duas estavam moucas, e possuidas de zelo oriundo de identico fervor puzeram-se a desfiar as contas do mesmo rosario.

— Não quebrem a harmonia do meu rebanho, insistiu o capellão, e empurrando docemente a segunda freira, disse-lhe:

— Vae, Trindade, resar o teu breviario.

Falou brando, mas com tal determinação que a interpellada obedeceu, vencida, como todas as companheiras, por sua firme ascendencia.

A sós com Maria da Graça, o Peres admoestou-a, naquelle tom mellifluo de sempre, censurando-lhe os impetos.

— Somos aqui uma só familia; não devem chegar até este retiro os falsos zelos do mundo.

Maria da Graça desatou a chorar e elle, aproveitando-lhe a commoção, tomou-a consoladoramente nos braços, attrahindo-a e affagando-a com a sua velha manha de raposo amestrado na caça ás ovelhas de que se finge pastor.

A filha do santeiro nada perdera com o habito claustral, antes lucrara no corpo que, amesquinhado pelas beatices malsões, revigorava de novo e nessa mesma manhã, embora ligeiramente alquebrado, revestia-se de intensa vida, ao influxo de praticas que por não serem da regra monacal não eram menos edificantes.

Quando já de todo acalmado o fervoroso zelo pelas suaves consolações do padre, ella perguntou curiosa:

— Que bulicio de tropa vae pela cidade. E' algum levante?

— Não, é uma execução?

— De quem?

— Dum pirata que vivia a roubar e a matar no Reconcavo.

Dizendo isto, levantou-se e começou a compor-se para sahir.

Sahiu.

Emquanto lá dentro um vislumbre de vida quebrava na casa do capellão a inercia claus-

tral, pela Metropole do Oceano em fóra os terços se desdobravam entre filas de gente curiosa, marchando ao secco bater dos tambores para a praça onde a forza amanhecera sinistramente erguida.

Era a execução de mestre Alvaro Gaya, preso mezes antes mysteriosamente. Articularam-se contra elle vagos crimes contra Deus e o rei; falou-se em rebelião e heresia, foi condemnado. Nada mais se sabia.

Uma curiosidade invencivel pelo inusitado espectáculo arrastava até o lugar do supplicio a multidão inconstante que mezes atraz tivera no misero santeiro o echo eloquente de seus clamores. Emquanto o verdugo dava os ultimos reparos á lugubre machina, o conego Peres dizia ao provedor da fazenda:

— Pena que a justiça não seja completa...

— Sim, respondeu o larapio; fugiu-nos o malandrim do Olanda.

— E nunca mais houve noticias delle?

— Anda por Pernambuco, á combater pela cabrada de Olinda.

— Ha de chegar-lhe a vez.

— Este deve deixar muitos dobrões...

— Algumas centenas de cruzados.

— O estado confiscou-lhe os bens.

— Mas pertencem ao patrimonio da Ordem, senhor provedor, porque a filha é freira e a ordem...

Interrompeu-se o conego deão; o corpo valetudinario do artista acabava de ser guindado ao sinistro aparelho e o carrasco iniciou a ultrajante tarefa entre o rufo dos tambores tangidos fortemente, como que para abafar os gemidos da victima.

Mas a impericia da manobra retardou a marcha da justiça, prolongando a agonia do suppliciado; a corda emperrou na roldana e, frouxa, sustinha no laço o corpo de mestre Alvaro que se debatia na angustia.

Uma cristação de pavor arrepiou a plebe estarecida; o toque dos tambores cessou e o carrasco indeciso não sabia como remover aquella tardança. Do meio da multidão surgiam clamores; exigia-se a suspensão da pena; pedia-se o perdão do condemnado.

Urgia o tempo. Então o Peres, sahindo do lado do provedor, caminhou resolute para o funebre instrumento, e applicando todo o peso de seu corpo, desvencillhou a corda, ajudando a bem morrer aquella creatura de Deus.

Os tambores atroaram de novo e enquanto um cortante arrepio enrijava os nervos entorpecidos dos assistentes, o conego subiu os degrãos da forza e ajoelhando junto ao cadaver lançou-lhe a absolvição.



Partida da Esquadra Americana do Porto do Rio de Janeiro na tarde de 23 de Janeiro, debaixo de um forte temporal.

Successos de Portugal

O attentado contra a familia reinante

NINGUEM, dos que acompanham os incidentes da crise politica que sacudia, ha algum tempo, a vida portugueza, podia augurar nem esperar o sanguinolento desfecho de 1º de Fevereiro. Elle foge á logica de taes attentados, si ha uma logica para as explosões de ferocidade humana; não havia razões que o justificassem: nem um odio popular, que não existia, nem a reacção contra processos alheios ao regimen civilisado que proviessem directamente do individuo tornado alvo dessa represalia extrema, nem as tradições da raça, nem o progresso moral do momento. Havia uma crise politica, em que se chocavam os interesses diversos da propaganda de um regimen novo, de velhos partidos desmontados do poder e os da defesa do throno, identificados talvez agora com interesses do paiz, pela reacção violenta, mas conservadora do homem forte a quem o rei entregara as responsabilidades dessa defesa; mas nesse choque de interesses contrarios, a nação mantinha em suas linhas essenciaes o regimen constitucional de liberdade e de tolerancia e, mercê desse regimen, a opposição, unida em uma mescla heterogenea para o ataque ao poder, redigia livre e vigorosamente os seus jornaes, elegia os seus deputados, usava sem peias do seu direito de critica e de agitação, traduzido em *meetings*, em interpellações, em artigos vehementes, na campanha da imprensa, do parlamento e das ruas. A compressão politica exercia-se, de facto, nos processos administrativos com que o Snr. João Franco corrigia os abusos inveterados que encontrára e que constituíam a diathese dissolvente do regimen monarchico.

Foi esta acção, exercida com o desassombro de um homem que foi para o poder sem a necessidade d'elle para construir a sua vida publica e privada, que produziu a reacção violenta, que chegou, no desenvolvimento dos seus incidentes, até o regicidio, que gerou a campanha feita por dois agrupamentos partidarios, unidos pelos interesses do momento, mas divergentes por completo nos seus objectivos: as aggremações monarchicas afastadas do poder e fustigadas pela mão forte do presidente do Conselho, levadas pelo empenho de reduzir o rei a voltar de novo ao regimen do rotativismo parlamentar, da successão intermittente dos partidos que se revezavam no governo sem ideias effectivas e sem beneficios efficazes e, de que a confiança dispensada á chamada dictadura João Franco não parecia permittir o restabelecimento; o partido repu-

blicano, instigado pela necessidade de apressar o movimento revolucionario que a dictadura João Franco parecia comprometter pelo saneamento dos erros e dos abusos que eram de longa data a causa e a justificativa, no elemento popular, da aspiração de um regimen novo com a queda das instituições monarchicas.

Um dos mais importantes diarios allemães o *Berliner Tageblatt*, inseriu, antes de ter a crise da politica portugueza attingido a intensidade destes ultimos tempos, um artigo do seu correspondente em Lisboa, e que reside na capital do reino ha longos annos, julgando o conselheiro João Franco e as causas da agitação vehemente que se fez em Portugal contra o presidente de Conselho de Ministros.

“Não obstante ter-se apresentado contra Franco tanto odio, tanto azedume (escreve o correspondente do diario allemão); não obstante os erros que este despotico, porém desprendido estadista, tem commettido na sua acção, devemos concordar em que, durante o curto periodo de sua presidencia, elle tem conseguido fazer um trabalho difficil e fructifero, e, pelo menos em parte, acabado com o systema de corrupção, quasi sem igual no mundo, que dominava todos os negocios publicos.

Com um movimento de penna, Franco despediu centenas de funcionarios, os quaes, na realidade, possuíam umas sinecuras, que muitas vezes passavam do paé ao fiiho.

Entre os funcionarios despedidos achava-se um alto empregado do ministerio do interior, que aliás occupou uma serie de semi-empregos no ministerio do exterior e outras repartições; esta actividade, entretanto, não impedia ao mesmo homem consagrar a sua actividade a alguns bancos e grandes sociedades commerciaes, que o requestavam, devido á sua influencia. Por muito tempo, elle exerceu o cargo de ministro portuguez na corte de Pekim, percebendo ordenado etc, sem fazer aquella viagem desagradavel e longinqua.

Dos tempos idos conservaram-se uns empregos, cuja importancia consistia em que os seus titulares percebiam ordenado. Assim, uma prima de um ministro percebeu ordenado, por muito tempo, como “aia dos gatos da Alfandega”. Tinha essa “aia” uma meia duzia de auxiliares bem remunerados, e no orçamento apparecia annualmente uma quantia redonda, destinada para o sustento dos gatos d’El Rei.

Não houve Tribunal de Contas que inquerisse que especie de gatos era sustentada com os dinheiros do orçamento.

Quantias importantes se conservavam no orçamento, como subvenções ás escolas de mosteiros, não obstante essas escolas se acharem fechadas desde tres annos.

Por tudo, Franco descobriu 2.600 funcionarios, de ambos os sexos, cujos serviços o Estado podia dispensar sem falta alguma para as necessidades da sociedade.

Quantias enormes eram consumidas tambem com varias commissões que absolutamente nada faziam, como por exemplo, a commissão de estudo de instituições sanitarias do estrangeiro e outras, porém que muito regularmente percebiam subvenções elevadas.

Pode-se imaginar qual o descontentamento de uma enorme classe de pessoas, cujos interesses foram attingidos com os actos de Franco. D’entre elles, recrutam-se os adversarios maiores de Franco nas fileiras de opposição; é entre elles que é preciso ir procurar os homens que arranjaram arruaças durante a viagem do presidente do conselho, em varias localidades do paiz.”

João Franco adiantara, mais, um grande numero de soluções a questões sociaes e econo-



micas, que os outros partidos não tinham tido a capacidade de resolver, e que permaneciam como um ensejo ás aggressões partidarias e ao combate ao regimen. A monarchia devia lhe ser grata por isso e D. Carlos sustentou esse homem contra o ataque e a atoarda dos outros; o paiz, na sua maioria conservadora, apoiava-o. O combate dado ao estadista que tão bruscamente quebrava as praxes do regimen, foi rude, entretanto, tanto mais rude quanto mais se accentuava a inferioridade dos outros; e a reacção do presidente do Conselho, dada essa rudeza e a feição do proprio temperamento, não podia deixar de ser autoritaria, violenta por vezes. Dahi a intensidade crescente da crise, em que se uniam no mesmo ataque os mais variados elementos.

Os republicanos, dirigidos por homens de valor, e que haviam se aproveitado, para a demolição do regimen, dos seus erros e das suas alcavalas, aproveitavam-se agora, para combatel-o, do autoritarismo combativo do seu primeiro ministro; e a campanha tomou a feição acirrada, aggravada pela questão irritante, levantada nas côrtes e destinada a impressionar a massa popular nos seus sentimentos rasteiros, das dividas da corôa. O ministerio viu-se na contingencia de demittir-se ou dissolver as camaras; e o rei não hesitou em conceder a dissolução, medida empregada, aliás, por mais de uma vez, no decurso do regimen. A agitação chegou ao seu maximo de tensão nas cidades onde o elemento republicano é avultado; este, apoiado nos elementos de reacção dos partidos monarchicos, preparou-se para agir decisivamente, atirando á rua a revolução; descobriram-se conspirações e depositos de armas; e o presidente do conselho, na defesa das instituições de cuja confiança era o depositario, interveio energicamente, ordenando a prisão de grande numero de chefes e figuras destacadas da opposição e aparelhando elementos para fazer deportar os mais perigosos.

Foi nesta situação que D. Carlos voltou de Villa Viçosa para Lisboa, onde a crise exigia a sua presença, e que se deu o ignobil e imprevisto attentado de 1º de Fevereiro.

De todas as consequencias, entretanto, da exacerbação politica que agitava os partidos portuguezes, essa era a que não podia, a que não devia ser esperada. No meio do tumulto das paixões e interesses revoltos, não havia o odio ao rei, que era pessoalmente bom e amado do povo e que não representava em toda a luta senão um symbolo. Para os republicanos, o objectivo era substituir o regimen que D. Carlos symbolisava, por outro mais consentaneo com o espirito moderno, com as aspirações sociaes deste tempo, com as necessidades do meio e da epocha; para a opposição monarchica o interesse estava em reduzir o rei

a alijar o Sr. João Franco e voltar aos processos do rotativismo parlamentar, cuja longa esterilidade desenganara finalmente o soberano.

O attentado, que foge ás leis do progresso moral destes tempos, que nega brutalmente as conquistas da civilização humana, que sae das tradições impetuosas, mas cavalheirescas, da raça, era para ambos os agrupamentos um facto negativo. Não se o podia esperar de uma attitude intelligente e logica; não se o devia presuppor nestes tempos, fóra da Russia e da Turquia. O proprio soberano, figura forçada do entrevello politico, não lhe pode admittir a possibilidade e voltou a Lisboa sem precauções, em carro descoberto.

Deu-se, entretanto. A sua mesma selvageria fez com que todos, até o governo portuguez, o attribuissem á acção desvairada do anarchismo, tanto repugna crer que fosse obra de partidos organizados. As ultimas descobertas da policia, porém, parecem abalar bastante esta suggestão consoladora. O modo collectivo do ataque, tão em contrario aos processos individuaes dos attentados anarchistas, que eram já um ponto de duvida nas primeiras affirmações, o empenho evidente de aniquillar de um só golpe todas as probabilidades de successão directa ao throno portuguez, são accentuados agora pelo conhecimento de nomes, de cúmplices, de ligações. Até que ponto poderá ir nisto a responsabilidade dos partidos em opposição? Não se pode dizer.

Houve evidentemente a acção de um grupo, combinada e posta em pratica com um exito que denuncia uma cabeça intelligente e energica; não será impossivel, porém, que seja isso a acção de um grupo destacado, dos exaltados que existem em todas as agremiações e que se revoltam, perigosa e intempestivamente, contra os processos, que julgam contemporisadores e morosos, da grande maioria.

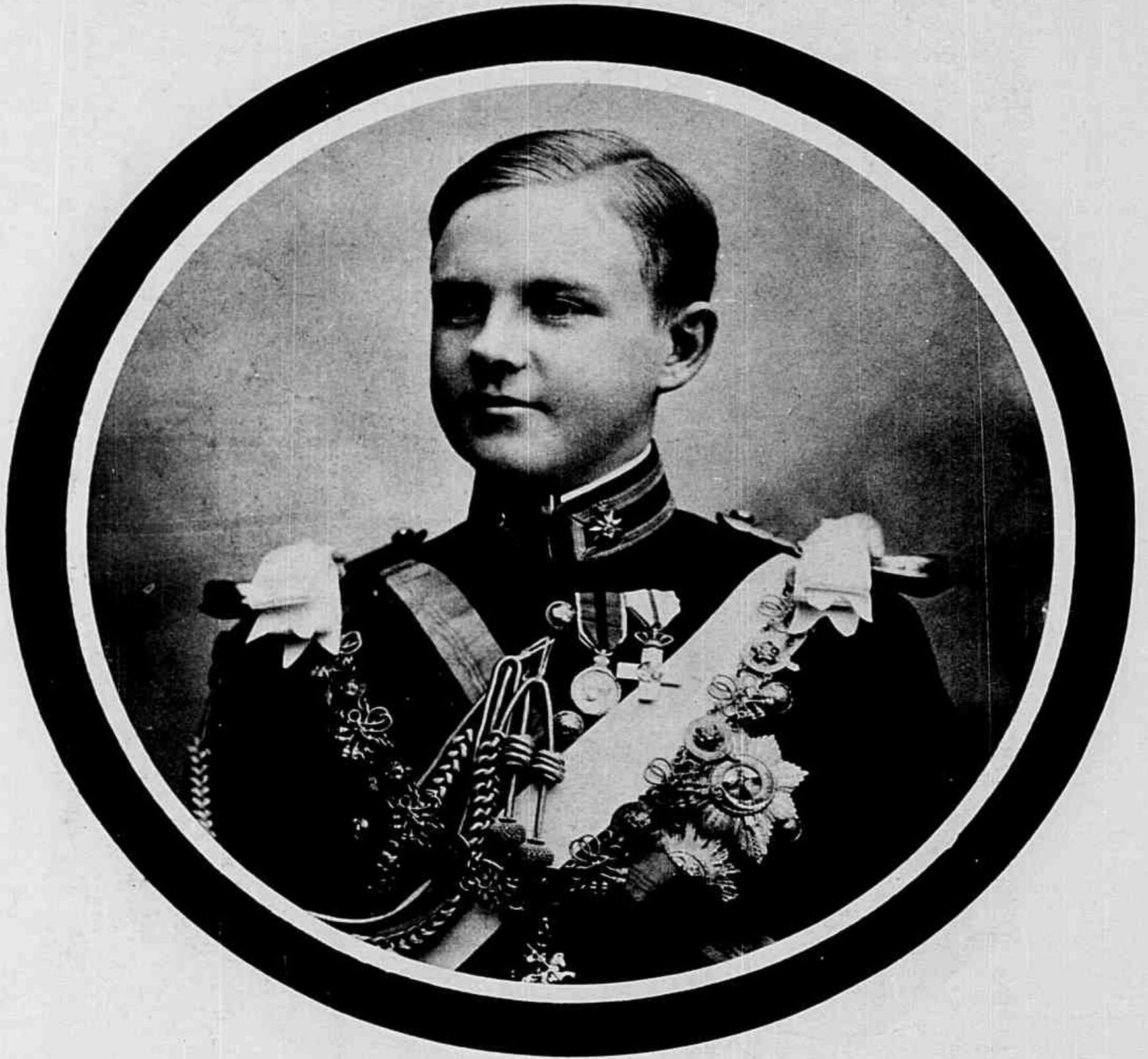
Não se pode esconder o quanto a situação portugueza se agrava de mais em mais e o receio de que horas mais rudes, represalias mais dolorosas, venham ainda a ensombrar a vida tranquilla do operoso Portugal. Nada se pode augurar de seguro, nem mesmo a estabilidade do throno desse menino feito rei na mais pungente das situações. Amanhã a republica pode ser um facto victorioso em Portugal.

Os votos dos republicanos de todo o mundo são, entretanto, para que ella venha liberta desse laivo de sangue do attentado de 1º de Fevereiro; e que a democracia portugueza celebre o seu triumpho sem que de leve a acoime, não já a pratica, mas o projecto de um processo de exito que até agora só teria um *simile* na tragedia revoltante de Konak, na Servia.



Do Com. Laureano
Comandante de la Armada
W. R.
1907

D. CARLOS I



D. LUIZ PHILIPPE



D. MANOEL II - REI DE PORTUGAL



A RAINHA D. AMELIA



A SITUAÇÃO POLITICA EM PORTUGAL

A POLITICA de odio, resurgida pelo ministro João Franco e em má hora apoiada pelo Rei, teve o seu desfecho nessa tristissima tragedia que acaba de enlutar a patria portuguesa. A formação do gabinete franquista, composto de elementos heterogeneos, de estreatantes incitados pela ambição ou pela gloria, era o ultimo recurso a tentar para a solução dos variados problemas politicos que se debatiam entre dois partidos fosseis e fracos, que



CONSELHEIRO JOÃO FRANCO

se succediam mutuamente, se guerreavam á surdina. João Franco, com a bossa do despotismo, não conseguindo arrancar das mãos dos seus chefes o sceptro do commando, tratou de constituir esse partido, congregando elementos valiosos, uns pelos seus recursos, outros pela sua influencia, outros pela sua docilidade comprovada, que foi apresentado ao paiz na cidade do Porto em um curiosissimo banquete, organizado e pago pelo Conselheiro José Novaes, ex-ministro da justiça, e mais tarde, na mesma cidade, recebido a pedras na pessoa

do seu chefe, já então Presidente do Conselho. Os primeiros actos de João Franco, o seu advento ao poder, foram a declaração de guerra aos seus desaffeitados, contra quem encetou uma perseguição tenaz; a redução, a titulo de economias, dos já mingoados honorarios dos indefesos empregados publicos, levando o descontentamento a todos os partidos, sem distincção de côr, que viam com mãos olhos a acção tyrannica do ministro e a teimosa acquiescencia do Rei. A luta dos partidos foi dominada pela lucta pessoal, o triumpho da idéa cedeu o lugar ao desejo de vingança; os velhos servidores da monarchia, com o passado cheio de serviços, revoltaram-se contra o regimen de absolutismo implantado e os jornaes, que eram os oraculos do povo soffredor, insurgiram-se contra o despota que os obrigava a esconder as suas idéas e a dominar os impulsos das suas almas livres, que o capricho dum homem queria escravisar.

A vida publica de João Franco esclarece sobremaneira a sua conducta.

Nunca teve principios, só conheceu fins. Em 1896, na sessão parlamentar de 9 de Janeiro, fazendo o elogio funebre desse desventurado rapaz que se chamou Carlos Lobo d'Avila e cuja curtissima passagem na nossa politica deixou um inextinguivel raio luminoso, elle proclamava:

... Quando os interesses estão em jogo não é esmagando nem apavorando que a questão se resolve; é procurando um resultado harmonico aos interesses encontrados em litigio e em lucta, para que esse resultado possa ser accedido sem difficuldade.

E doze annos depois, chefe desprestigiado dum partido fraco, deixando nos ministerios de que fez parte uma impressão triste e nos amigos que o ajudaram o travor das suas ingratições, sob uma visão pombalina atira a um povo inteiro a luva do desafio, julgando que esse povo pacato e brando, que durante alguns seculos soffreu calado os vexames de quatro dynastias, não teria tambem a sua hora de revolta, o seu momento de altivez.

João Franco foi unico culpado dessa situação melindrosa que assoberba a realza e desse fim tragico que veio coroar a sua obra de destruição. A morte do Rei e do infante não foi obra dos Republicanos portuguezes.



A alma diamantina de Bernardino Machado, o profundo criterio de Augusto José da Cunha, a intelligencia lucida de Affonso Costa e o caracter limpidissimo de todos os cory-

phos, sob a caricia desse fulgurante Sol que é o pensamento humano, fecundado por esse orvalho que é a palavra eloquente dos sectarios; é a republica calma que tem por base os di-



BERNARDINO MACHADO

phos do partido Republicano portuguez, reprovam esses processos barbaros, que vieram arrancar dos braços amantissimos duma es-



ALEXANDRE BRAGA

reitos do homem e por aspiração a tranquillidade do povo; é a consequencia do triumpho das idéas democraticas que germinam nas massas populares, quando ellas são educadas, quando ellas pensam, quando ellas raciocinam.

Tem sido esse o grande trabalho do partido republicano, insignificante ha dois annos, immenso hoje, cujos principios têm raizes em



AFFONSO COSTA

posa virtuosa e duma Mãe extremosissima os carinhos dum marido e dum filho.

A republica que elles almejam e para a realisção da qual elles emprestam toda a sua



JOÃO CHAGAS

todas as classes sociaes, ora latentes sob a farda dum soldado ora alarmantes sob a blusa dum operario, partido esse composto da parte pensante da nossa nacionalidade, onde se encontram vultos proeminentes de gabinetes extinctos como Augusto José da Cunha e Bernardino Machado; advogados e lentes como Affonso Costa,



ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA

energia, todas as suas faculdades, é a instituição pacifica que vae crescendo entre o povo, vagarosamente, como o arbusto irrompendo do



Alexandre Braga, Theophilo Braga e Duarte Leite; medicos como Antonio José d'Almeida; pensação dos seus esforços começam a lobrigar no horisonte, ainda immerso no diluculo,



DR. TEOFILO BRAGA



DR. MAGALHÃES LIMA

jornalistas como Magalhães Lima e João Chagas e outros que, soffrendo e luctando cheios de fé e cheios de coragem, como suprema com-

os primeiros raios do rosicler bemdito da auro-ra da sua redempção.

ALBERTO DE SÁ.

